



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus Presidente Prudente

LUANA ALVES GUARDA

**CONSTITUINDO-SE PROFESSOR DE LÍNGUA
ESTRANGEIRA: EXPERIÊNCIAS DE FORMAÇÃO
INICIAL NO PELT (Projeto de Ensino de Línguas de
Tarumã)**

Presidente Prudente/ SP

2022

LUANA ALVES GUARDA

**CONSTITUINDO-SE PROFESSOR DE LÍNGUA
ESTRANGEIRA: EXPERIÊNCIAS DE FORMAÇÃO
INICIAL NO PELT (Projeto de Ensino de Línguas de
Tarumã)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP/Campus de Presidente Prudente, como exigência parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: “Processos Formativos, Ensino e Aprendizagem”.

Orientador(a): Dra. Rozana Aparecida Lopes Messias

Presidente Prudente/ SP

2022

G914c	<p>Guarda, Luana Alves</p> <p>Constituindo-se professor de língua estrangeira: experiências de formação inicial no Pelt (Projeto de ensino de línguas de Tarumã) / Luana Alves Guarda. -- Presidente Prudente, 2022</p> <p>181 p.</p> <p>Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente</p> <p>Orientadora: Rozana Aparecida Lopes Messias</p> <p>1. Formação inicial de professores de línguas estrangeiras. 2. Projeto de ensino de línguas de Tarumã. 3. Narrativas. I. Título.</p>
-------	--

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: CONSTITUINDO-SE PROFESSOR DE LÍNGUA ESTRANGEIRA:
EXPERIÊNCIAS DE FORMAÇÃO INICIAL NO PELT (Projeto de Ensino de
Línguas de Tarumã)

AUTORA: LUANA ALVES GUARDA

ORIENTADORA: ROZANA APARECIDA LOPES MESSIAS

Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Mestra em Educação, pela
Comissão Examinadora:

Profa. Dra. ROZANA APARECIDA LOPES MESSIAS (Participação Virtual)
Departamento de Estudos Linguísticos, Literários e da Educação / Faculdade de Ciências e Letras de Assis

Profa. Dra. RENATA PORTELA RINALDI (Participação Virtual)
Departamento de Educação / Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente

Profa. Dra. AMAYA OBATA MOURIÑO DE ALMEIDA PRADO (Participação Virtual)
UFMS / Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Três Lagoas - MS

Presidente Prudente, 31 de outubro de 2022



In memoriam de Pedrina Aparecida, com amor e saudade. Essa dissertação é para você.

AGRADECIMENTOS

“Tem uma verdade que se carece de aprender, do encoberto, e que ninguém não ensina: o beco para a liberdade se fazer. Sou um homem ignorante. Mas, me diga o senhor: a vida não é cousa terrível? (...) O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem.”
(Guimarães Rosa, em *“Grande Sertão: Veredas”*.)

Não escrevi esta dissertação sozinha. Cada letra aqui presente existe porque encontrei pessoas incríveis e amorosas nesta trajetória, e a elas tenho muito a agradecer.

Agradeço imensamente a Deus, fonte de conhecimento e minha fortaleza nos momentos difíceis desta caminhada durante esses anos.

À minha orientadora, Profa. Dra. Rozana Lopes Messias, por ter orientado este trabalho.

À minha mãe Cristiani, meu irmão Nicolas e ao meu tio Fernando, obrigada por tudo.

A todos os meus alunos que passaram em minha vida, sou grata por todas as horas que passamos juntos aprendendo uns com os outros.

Aos professores Renata Portela Rinaldi, Sérgio Fabiano Annibal e Amaya Obata de Almeida Prado pelas contribuições e correções acerca da presente pesquisa.

Aos professores que passaram em minha vida, em especial, Regiani Zacarias, Laura Alves, Vanessa Gimenez, Queila Gimenez, Ana Cristina Averoldi e Daniele Trevelin Donato Luz por serem minha inspiração e acreditarem em mim.

Aos professores Victor, Jheniffer, Tatiana e Jéssica por todos os momentos vivenciados juntos na trajetória docente no PELT (Projeto de Ensino de Línguas de Tarumã).

Ao Antônio Marcos da Costa Lima, Mariangela Braga Norte, Rodrigo Carlos de Souza e Silmara Pereira da Silva Beraldo por toda atenção e contribuição para a pesquisa.

À Daiane Gonçalves, por todos os momentos alegres e angustiantes que compartilhamos ao longo desta trajetória na Pós-Graduação. Sou grata pelas horas que passamos conversando e rindo.

À Graziela Vasconcelos por todo apoio e encorajamento, e por ter sido minha conselheira nos momentos difíceis desta jornada.

À Laís Mirallas e Rozeli Raiz, obrigada por todo acolhimento, conselhos e incentivo.

Agradeço a minha avó Cida (*in memoriam*). Eu gostaria de estar em nossa casa em Quatá, tomando café da manhã com você e proseando, como sempre fazíamos, para te contar que sua professorinha, como me chamava carinhosamente, virou mestra em Educação, mas não foi possível. Sei que se estivesse aqui estaria muito feliz e orgulhosa de mim. Seus olhos brilhariam e você me abraçaria com ternura. O amor que sinto por você é infinito e a falta que me faz é imensa. Você enriqueceu cada minuto que eu vivi ao seu lado. Obrigada por tudo!

Ao grupo de pesquisa “Formação de Professores e Práticas de Ensino na Educação Básica e Superior” por todo o conhecimento compartilhado.

Aos funcionários da Pós-Graduação em Educação da FCT - Presidente Prudente e funcionários da biblioteca, obrigada pela prestatividade.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Não é o crítico que importa; nem aquele que aponta onde foi que o homem tropeçou ou como o autor das façanhas poderia ter feito melhor. O crédito pertence ao homem que está por inteiro na arena da vida, cujo rosto está manchado de poeira, suor e sangue; que luta bravamente; que erra, que decepciona, porque não há esforço sem erros e decepções; mas que, na verdade, se empenha em seus feitos; que conhece o entusiasmo, as grandes paixões; que se entrega a uma causa digna; que, na melhor das hipóteses, conhece no final o triunfo da grande conquista e que, na pior, se fracassar, ao menos fracassa ousando grandemente.

(Trecho do discurso “Cidadania em uma República” (ou “O Homem na Arena”), proferido na Sorbonne por Theodore Roosevelt, em 23 de abril de 1910.)

RESUMO

A presente investigação foi desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-graduação em Educação da UNESP - Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT) de Presidente Prudente, vinculado à linha de pesquisa “Processos formativos, ensino e aprendizagem”. O foco da pesquisa centraliza-se na formação inicial de quatro professores de línguas estrangeiras, os quais ministravam aulas de língua inglesa e espanhola enquanto eram graduandos do curso de Letras da FCL (Faculdade de Ciências e Letras de Assis), em 2019. Desta forma, a pesquisa retrata a trajetória das experiências de docência desses professores em formação inicial em um projeto público denominado PELT (Projeto de Ensino de Línguas de Tarumã), o qual é uma parceria entre a Prefeitura Municipal de Tarumã e a FCL/Assis, sendo considerado um projeto de extensão universitária desde 1997. A partir das narrativas obtidas buscamos descrever, analisar e compreender os processos formativos desses professores de línguas estrangeiras no referido contexto com o intuito de tecer suas experiências docentes de formação inicial. Também, por meio de documentos oficiais, tais como o processo do convênio entre as instituições, *podcast* dos envolvidos na idealização do projeto de línguas, e acervos documentais descrevemos a história e a configuração organizacional do PELT. Pautamos nosso trabalho na pesquisa narrativa baseada em Clandinin e Connelly (2011) por considerarmos a mais adequada para o alcance dos objetivos desta pesquisa. Os instrumentos de coleta de dados usados foram o modelo de entrevista narrativa proposto pelo sociólogo Fritz Schutze (1983) e nosso procedimento analítico baseou-se na análise compreensiva-interpretativa (Souza, 2014) cujo intuito foi realizar uma leitura das metáforas sobre as narrativas em três tempos, tais como: lembrar, narrar e refletir sobre o vivido no processo de formação inicial dos professores no contexto PELT. A análise das narrativas foi pautada nas contribuições teóricas de Almeida Filho (2001) Telles (1999, 2002, 2004), Souza (2004, 2014), Quadros e Leite (2019), Tardif (2010), Leffa (2008) e Larrosa (2002). A trajetória realizada nesta pesquisa revelou que os participantes que ministraram aulas de línguas estrangeiras no Projeto de Ensino de Línguas de Tarumã no ano de 2019, consideraram o espaço favorável para a construção e desenvolvimento da identidade docente e suas experiências foram positivas. As narrativas dos participantes apontam que o PELT contribui para o desenvolvimento do processo de constituir-se professor(a), pois prepara o graduando para o futuro espaço de trabalho. Além de ser uma oportunidade para os professores em formação inicial refletirem sobre suas práticas educativas, tecer e partilhar experiências subjetivas e coletivas, neste contexto.

Palavras-chave: Formação Inicial de Professores de Línguas Estrangeiras; Projeto de Ensino de Línguas de Tarumã; Narrativas.

ABSTRACT

The present investigation was developed within the scope of the Education Graduate Program at UNESP - Faculty of Science and Technology (FST) of Presidente Prudente, linked to the research line “Formative processes, teaching and learning”. The focus of the research is centered on the initial training of four foreign language teachers, who taught English and Spanish language classes and were undergraduates of the course while in Letters course at FCL (Faculty of Sciences and Languages of Assis.), in 2019. In this way, the research portrays the trajectory of the teaching experiences of these teachers in initial training in a project of teaching languages of Tarumã called PELT (Teaching Languages project of Tarumã), which is a partnership between the Municipality of Tarumã and FCL /Assis, being considered a university extension project since 1997. From the narratives obtained, we seek to describe, analyze and understand the training processes of these foreign language teachers in that context in order to weave their teaching experiences in initial training. Also, through official documents, such as the agreement process between the institutions, podcast of those involved in the idealization of the language project, and documentary collections, we describe the history and organizational configuration of PELT. We base our work on narrative research based on Clandinin and Connelly (2011) as we consider it the most appropriate for achieving the objectives of this research. The data collection instruments used were the narrative interview based on the contributions of the sociologist Fritz Schutze (1983) and our analytical procedure was based on the comprehensive-interpretative analysis (Souza, 2014) whose aim was to perform a metaphor for reading the narratives in three times, such as: remembering, narrating and reflecting on what was experienced in the process of initial teacher education in the PELT context. The analysis of the narratives was based on the theoretical contributions of Almeida Filho (2001) Telles (1999, 2002, 2004), Souza (2004, 2014), Quadros and Leite (2019), Tardif (2010), Leffa (2008) and Larrosa (2002). The trajectory carried out in this research revealed that the participants, who taught foreign language classes at Teaching Languages project of Tarumã in 2019, considered the space favorable for the construction and development of the teaching identity and their experiences were positive. The participants' narratives point out that PELT contributes to the development of the process of becoming a teacher, as it prepares the graduating student for the future workspace. In addition to being an opportunity for teachers in initial training to reflect on their educational practices, weave and share subjective and collective experiences in this context.

Keywords: Foreign Languages teachers in training process; Language education project of Tarumã; Narratives.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Fases principais da entrevista narrativa.....	35
FIGURA 2: Página inicial do <i>website</i> do projeto PELT.....	42
FIGURA 3: Notícia encontrada no <i>website</i> da Prefeitura de Tarumã.....	42
FIGURA 4: Timeline do projeto PELT desde 1997 a 2020 organizado pela Prefeitura Municipal de Tarumã.....	49
FIGURA 5: Modelo de certificado de participação no projeto PELT na categoria de professor em formação inicial.....	51
FIGURA 6: Divulgação das inscrições do projeto PELT em 2019 na página do <i>Facebook</i>	52
FIGURA 7: Perfil do projeto PELT no <i>Facebook</i>	57
FIGURA 8: Tecer histórias e semear o futuro.....	87

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Trabalhos acadêmicos sobre formação inicial de professores.....	21
QUADRO 2: Linha cronológica do projeto PELT e seus respectivos coordenadores da UNESP entre 1997 e 2009.....	47
QUADRO 3: Linha cronológica do projeto PELT e seus respectivos coordenadores da UNESP entre 2010 e 2021.....	48
QUADRO 4: Horários das aulas e dias da semana do projeto PELT em 2019.....	55
QUADRO 5: Livros didáticos comprados no ano de 2019.....	57-58
QUADRO 6: Identificação e perfil biográfico do grupo.....	68

SIGLAS E ABREVIATURAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEL – Centro de Estudos de Línguas

CELIN – Curso de Extensão em Língua Inglesa

CLDP – Centro de Línguas e Desenvolvimento de Professores

CIC – Congresso de Iniciação Científica

FCL – Faculdade de Ciências e Letras

EF – Educação Física

ETEC – Escola Técnica Estadual

EJA – Educação de Jovens e Adultos

EN – Entrevista Narrativa

FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo

LE – Língua Estrangeira

LEM – Língua Estrangeira Moderna

OCEM – Orientações Curriculares Para o Ensino Médio

PELT – Projeto de Ensino de Línguas de Tarumã

PCNS – Parâmetros Curriculares Nacionais

PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à docência

SEMEC – Secretaria Municipal da Educação e Cultura

SISU – Sistema de Seleção Unificada

UNATI – Universidade Aberta à Terceira Idade

UNESP – Universidade Estadual Paulista

UFBA – Universidade Federal da Bahia

UNEB – Universidade Estadual da Bahia

UEM – Universidade Estadual de Maringá

UFU – Universidade Federal de Uberlândia

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFV – Universidade Federal de Viçosa

NUPEL – Núcleo Permanente de Extensão em Letras

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1. METODOLOGIA E MÉTODO DE PESQUISA.....	20
1.1 REVISÃO DE LITERATURA: FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS EM CONTEXTOS EXTENSIONISTAS NO BRASIL.....	20
1.2 PESQUISA NARRATIVA E JUSTIFICATIVA	25
1.3 MÉTODO: INSTRUMENTO DE COLETA: A ENTREVISTA NARRATIVA.....	31
1.4 A ENTREVISTA NARRATIVA	33
1.5 ANÁLISE COMPREENSIVA-INTERPRETATIVA.....	37
2. PELT (PROJETO DE ENSINO DE LÍNGUAS DE TARUMÃ) - CONTEXTO DE PESQUISA.....	41
2.1 HISTÓRIA ORGANIZACIONAL DO CONTEXTO PELT.	41
2.2 REESTRUTURAÇÃO DO PELT: NOVAS PERSPECTIVAS.....	55
3. FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS	60
3.1 O PROJETO DE ENSINO DE LÍNGUAS DE TARUMÃ (PELT) NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS NO CURSO DE LETRAS DA UNESP DE ASSIS.....	60
4. TECENDO E ENTRELAÇANDO A TEIA - O QUE CONTAM OS PROFESSORES?	67
4.1 MEMÓRIAS DO ITINERÁRIO PESSOAL E ESCOLAR - QUEM SÃO OS PROFESSORES?...	67
4.2 TECENDO E ENTRELAÇANDO A TEIA: O QUE CONTAM OS PROFESSORES?.....	678
5. GUARDAR MEMÓRIAS, CONTAR HISTÓRIAS E SEMEAR O FUTURO..	86
5.1 CONSIDERAÇÕES FINAIS E ENCAMINHAMENTO FUTURO DA INVESTIGAÇÃO.....	86
REFERÊNCIAS.....	90
ANEXOS	934
APÊNDICES.....	129

INTRODUÇÃO

“Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar.”
(Paulo Freire)

Tendo em vista a questão da formação inicial de professores de línguas estrangeiras em contextos de atuação profissional durante a graduação, a presente pesquisa de mestrado situada no programa de Pós-graduação em Educação da UNESP - *campus* de Presidente Prudente e vinculada a linha de pesquisa: Processos Formativos, Ensino e Aprendizagem, tem como objetivo principal: descrever, analisar e compreender o processo de formação inicial de alunos do curso de Letras da Universidade Estadual Paulista - *campus* de Assis (localizada no interior do Estado de São Paulo). Para tal, enfocaremos um grupo específico de professores que atuaram no Projeto de Ensino de Línguas de Tarumã (PELT) no ano de 2019, na categoria de professores em formação inicial de línguas estrangeiras.

O foco da presente dissertação são as experiências de formação inicial desse grupo de professores, quatro participantes do projeto PELT no referido ano, sendo dois professores de língua inglesa e dois de língua espanhola. A intenção em trabalhar com as experiências destes participantes é pensar narrativamente sobre a formação inicial docente para relatar os desafios, dificuldades, e as implicações da vivência nesse projeto. Desta forma, o escopo da pesquisa restringe-se a um projeto público de ensino de línguas estrangeiras, o PELT, configurado como uma idealização da Prefeitura Municipal de Tarumã em parceria com a UNESP - *campus* de Assis, iniciada em 1997 conforme previsto no convênio¹ estabelecido entre ambas as instituições.

O referido projeto apresenta como objetivo principal oferecer aulas de línguas estrangeiras modernas para alunos do Ensino Fundamental II e para a comunidade da cidade de Tarumã. Por sua configuração na qual os estudantes do curso de Letras da Faculdade de Ciências e Letras de Assis atuam como professores em formação das

¹O convênio entre a Prefeitura Municipal de Tarumã em parceria com a UNESP de Assis dispõe da resolução UNESP N° 48, de 03 de julho de 2009, a qual trata de critérios para estabelecer convênio com parcerias públicas ou privadas de Ensino Superior. As informações do projeto PELT contidas nesta investigação foram retiradas do processo 161/05 que versa sobre o convênio estabelecido entre a Prefeitura Municipal de Tarumã e a UNESP de Assis.

turmas ofertadas, configura-se como contexto relevante para o desenvolvimento inicial desses licenciandos em relação à prática profissional docente.

A justificativa para a realização desta pesquisa a nível acadêmico parte de uma inquietação vivenciada pela pesquisadora na época em que cursava Letras pela UNESP de Assis e participou do projeto PELT como professora em formação inicial de Língua Inglesa nos anos de 2017 a 2018. Esse espaço, consolidado oficialmente em 2005, nunca havia sido observado no tocante ao seu potencial para a formação de professores de LE do curso de Letras da UNESP de Assis (FCL). Desta forma, a experiência adquirida neste projeto provocou indagações e reflexões a respeito da iniciação à docência no campo das línguas estrangeiras em contextos que favorecem o desenvolvimento da formação inicial docente.

A organização da presente introdução segue a seguinte ordem: (I) objetivos e perguntas de pesquisa; (II) experiência com o PELT e estrutura da dissertação por capítulos de acordo com o sumário.

Objetivos e perguntas de pesquisa

Este trabalho tem como objetivo geral descrever, analisar e compreender as experiências de formação inicial de quatro alunos do curso de Letras da Faculdade de Ciências e Letras (UNESP) de Assis que atuaram como professores em formação inicial de língua inglesa e espanhola no projeto PELT (Programa de Ensino de Línguas de Tarumã) no ano de 2019.

Os objetivos específicos da presente investigação são:

- Descrever a história e a configuração organizacional do PELT por meio do processo 161/05, entrevistas narrativas com os idealizadores do projeto e acervo documental, a fim de construir um registro formal do programa para constituir uma memória;
- Recolher as histórias de formação inicial dos professores do projeto atuantes no ano de 2019 por meio de entrevistas narrativas para analisar e compreender as experiências de formação inicial no PELT, bem como traçar o perfil biográfico dos participantes;
- Analisar, refletir e construir um panorama sobre a trajetória de formação inicial desses professores de línguas estrangeiras, enfocando as

dificuldades, desafios e implicações encontradas no projeto PELT, no tocante à formação inicial docente, por meio de suas histórias de formação docente.

Ao delimitar tais objetivos neste trabalho, buscaremos responder à seguinte pergunta norteadora da presente investigação: *“Como foi a trajetória de formação inicial dos professores iniciantes de línguas estrangeiras atuantes em 2019 no contexto PELT (Projeto de Ensino de línguas de Tarumã) e “Qual a importância deste projeto, no tocante a formação inicial desses licenciandos?”*

Experiência com o PELT (Projeto de Ensino de Línguas de Tarumã) e descrição da pesquisa

O contato inicial com o contexto escolhido para esta pesquisa foi no ano de 2017, a partir da experiência vivenciada pela pesquisadora ainda enquanto aluna da graduação em Letras pela UNESP de Assis quando também atuou como professora de língua inglesa no projeto PELT, como já ressaltamos. Essa experiência vivenciada entre os anos de 2017 a 2018 como aluna da graduação e, também, como professora gerou indagações e reflexões sobre a formação inicial docente em programas de iniciação à docência, em especial o PELT.

Partindo dessas reflexões, sentimos necessidade de compreender mais profundamente e cientificamente a contribuição desse projeto no processo de formação inicial de professores em formação de línguas estrangeiras. Embora seja um projeto relativamente antigo, contando com mais de dezoito anos de existência, nunca houve um estudo sobre seu potencial na formação de alunos do curso de Letras da FCL de Assis como professores em formação de línguas estrangeiras participantes do projeto PELT.

O PELT originou-se de uma parceria firmada em 1997 entre um estudante de Letras, Antonio Marcos da Costa Lima, residente na cidade de Tarumã, e uma professora do departamento de educação da FCL - UNESP de Assis, Mariangela Braga Norte. O intuito era criar um centro de estudos de línguas estrangeiras modernas para a comunidade tarumaense, tendo como objetivo democratizar o acesso ao ensino de

línguas estrangeiras e ampliar a possibilidade de estágio curricular para alunos que residiam em Tarumã e cursavam Letras na FCL/UNESP de Assis naquela época.²

A experiência realizada na década de 90 foi exitosa e a partir disso, a Secretaria Municipal da Educação e Cultura (SEMEC) do município de Tarumã cogitou firmar uma parceria pedagógica com a UNESP de Assis para dar continuidade ao projeto, conforme consta no processo 161/05. O convênio foi firmado oficialmente no ano de 2005, estabelecendo a parceria entre as duas instituições, ou seja, Prefeitura Municipal de Tarumã e UNESP de Assis.

O propósito da parceria, de acordo com o processo 161/05, foi possibilitar a democratização do acesso às línguas estrangeiras modernas e levar conhecimento para a população tarumaense. Por outro lado, no âmbito da Universidade, a parceria favorece o desenvolvimento da formação inicial docente, pois os professores que ministram aulas no PELT são alunos da graduação em Letras, que encontram nesse contexto a oportunidade da entrada na profissão e a aprendizagem da docência.

Acreditamos, assim, que o enfoque de nossa pesquisa pode possibilitar maior interação entre as instituições de Ensino Superior com as escolas de educação básica, uma vez que o PELT atende, prioritariamente, estudantes da rede pública de educação da cidade de Tarumã. Por configurar-se como uma parceria entre a Universidade e Prefeitura, pode dar visibilidade ao potencial que a academia possui para auxiliar a comunidade em projetos que possibilitam também retornar para a Universidade em forma de pesquisas acadêmicas, as quais podem contribuir para políticas de formação inicial docente e educacionais.

A participação do graduando em licenciatura em programas de iniciação à docência promove uma rica experiência em relação à formação inicial docente, pois proporciona ao aluno conhecimento do contexto escolar e das dificuldades encontradas nesses espaços, além de aprimorar a prática docente, contribuindo para a construção da identidade profissional, conforme alguns estudos sobre tal temática apontam (TELLES, 2004 e FERREIRA; REALI, 2005).

Tendo em vista a dinâmica e continuidade da parceria estabelecida entre a FCL/Assis e a Prefeitura Municipal de Tarumã, observar o desenvolvimento de

²Essas informações foram obtidas pela consulta ao processo 161/05 e pelas entrevistas realizadas com os dois idealizadores do projeto.

professores em formação de língua inglesa e espanhola no PELT pode trazer insumos promissores para o desenvolvimento futuro do próprio projeto e das ações de formação inicial docente empreendidas na Universidade.

A partir do exposto, organizamos essa investigação em quatro capítulos, sendo a primeira seção intitulada “Metodologia e método de pesquisa” onde discorreremos acerca da metodologia que escolhemos e do método de pesquisa que norteia a presente investigação. Em seguida, apresentamos o contexto escolhido para desenvolver esta pesquisa, buscamos neste capítulo reestruturar a história organizacional do PELT (Programa de Ensino de Línguas de Tarumã) por meio de documentos oficiais e entrevistas com idealizadores.

No terceiro capítulo, discorreremos sobre a formação inicial docente e a importância do projeto PELT para o desenvolvimento da docência de alunos vinculados a este contexto, além de apresentar outros projetos de extensão vinculados a FCL/Assis. Na próxima seção, descrevemos e analisamos as experiências de formação docente dos professores participantes em 2019, e por último apresentamos nossas considerações finais sobre a investigação.

1. METODOLOGIA E MÉTODO DE PESQUISA

[...] Através da narrativa as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma sequência, encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social (Jovchekivitch e Bauer, 2002, p.91).

Neste capítulo, apresentamos um breve levantamento bibliográfico sobre a formação inicial de professores de línguas estrangeiras em contextos formativos. A partir do exposto, detalhamos sobre a metodologia de pesquisa narrativa pautada nas contribuições dos professores canadenses Clandinin e Connelly (2011) e a justificativa para a escolha desta abordagem, bem como a relevância para o desenvolvimento da presente investigação. Também, nesta seção expomos o instrumento de coleta de dados, tal como a entrevista narrativa e tecemos considerações acerca da importância desta para a pesquisa na área de Educação e discorremos sobre a metodologia de análise compreensiva-interpretativa (SOUZA, 2014) que irá guiar a análise dos dados neste trabalho.

1.1 Revisão de literatura: Formação inicial de professores de línguas estrangeiras em contextos extensionistas no Brasil

A presente pesquisa tem o intuito de discutir questões relacionadas à formação inicial de professores de línguas estrangeiras em um contexto específico, neste caso, um convênio entre a Prefeitura Municipal de Tarumã em parceria com a UNESP de Assis, o PELT (Projeto de Ensino de Línguas de Tarumã). Partindo desse escopo, realizamos uma pesquisa com o objetivo de levantar material acadêmico sobre a formação inicial de professores de línguas estrangeiras em contextos diversos de aprendizagem e desenvolvimento da docência com o intuito de encontrar embasamento teórico que auxilie na fundamentação de nosso estudo. Para tal, realizamos uma breve revisão de literatura sobre a formação inicial de professores de línguas estrangeiras em contextos extensionistas no Brasil.

A pesquisa foi feita por meio de plataformas acadêmicas, tais como, repositórios de dissertações e teses da UNESP, UEL, UNEB, UFBA, UNEB, UEM, UFU, UFRGS e UFV. Para isso usamos as seguintes palavras-chave: pesquisa narrativa, formação inicial de professores de línguas estrangeiras e extensão universitária. Realizamos um recorte temporal entre 2010 à 2020 para averiguar as produções acadêmicas que foram desenvolvidas ao longo destes anos sobre o tema. Feito isso, selecionamos dissertações

e teses que coadunam com a presente investigação, as quais estão dispostas no quadro abaixo em ordem cronológica seguidas de explicações.

QUADRO 1: Trabalhos acadêmicos sobre formação inicial de professores

ANO	TIPO	PROGRAMA	TÍTULO	AUTOR	ORIENTADOR(A)
2010	Dissertação	Instituto de Letras da Universidade Federal de Uberlândia – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos	Histórias de aprendizagem de Língua Inglesa e de formação de professores	Viviane Cabral Bengezen	Dilma Maria de Mello
2012	Dissertação	Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Saberes em extensão universitária: contradições, tensões, desafios e desassossegos	Nara Grivot Cabral	Arabela Campos Oliven
2013	Dissertação	Instituto de Letras da Universidade Federal de Uberlândia – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos	Histórias de formação de professores de língua espanhola: Caminhos formais e não formais	Ana Cristina Borges Fiuza	Dilma Maria de Mello
2015	Dissertação	Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia – UFBA	Uma possível relação entre a formação de professores de espanhol e projetos de extensão	Anaildes de Jesus dos Santos	Márcia Paraquett
2016	Tese	Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, da Universidade do Estado da Bahia	Iniciação à docência e construção de percursos profissionais de participantes do PIBID: narrativas e práticas	Maria do Socorro da Costa e Almeida	Elizeu Clementino de Souza
2017	Dissertação	Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem	Os efeitos do Pibid nos anos iniciais da carreira do professor de inglês	Tuanny Gomes Siqueira Amaral	Elaine Fernandes Mateus
2018	Dissertação	Universidade Federal de Viçosa	Vozes apaixonadas pelo ensino de Inglês: A construção da identidade de professores em formação inicial	Jamylla Barbosa Moreira Silva	Ana Maria Ferreira Barcelos
2018	Tese	Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia, da UNESP/Campus de Presidente Prudente	Trajetórias de formação construídas a partir dos Projetos de Extensão Universitária: o olhar dos egressos do Curso de Licenciatura da Educação Física da FCT/UNESP	Paulo Roberto Brancatti	Renata Portela Rinaldi
2020	Dissertação	Programa de Pós-Graduação em em Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP/Campus de Presidente Prudente	A formação Inicial de Professores(as) de língua estrangeira no Centro de Línguas da Unesp FCL/Assis	Edson Luis Rezende Junior	Rozana Aparecida Lopes Messias

FONTE: Elaborado pela autora, 2020.

Alguns estudos elencados no quadro acima utilizaram metodologia e métodos semelhantes ao que pretendemos desenvolver em nossa pesquisa. Após a revisão de literatura sobre o tema formação inicial de professores de LE, é possível observar que os trabalhos acadêmicos abordam os seguintes temas:

- Formação Inicial de Professores de Línguas Estrangeiras;
- A importância da Extensão Universitária na formação inicial do graduando;
- O papel do curso de Letras na formação do futuro professor de línguas estrangeiras;
- Estágio Supervisionado como sendo um meio de aprendizagem da docência;
- Identidade e desenvolvimento profissional;
- Histórias de formação docente em projetos acadêmicos;
- Narrativas e práticas docentes.

O primeiro trabalho, intitulado *Histórias de aprendizagem de Língua Inglesa e de formação de professores* (2010), de Viviane Cabral Bengezen, discorre sobre as histórias de formação de professores de língua inglesa em um curso de Letras de uma Universidade Federal Brasileira. A investigação realizada pela pesquisadora teve como objetivo analisar e refletir sobre as diferentes histórias de formação inicial dos alunos do referido curso em relação às aprendizagens relacionadas às questões como ser professor, ser pesquisador, uso da tecnologia e ensino da língua inglesa, além disso, a pesquisadora (2010) pondera que a investigação realizada contribuiu para analisar a própria experiência de formação continuada vivida durante o processo de investigação que ela realizou.

A pesquisa de Nara Gravat, *Saberes em extensão universitária: contradições, tensões, desafios e desassossegos* (2012), tem como foco principal a questão do saber desenvolvido no âmbito de projetos de extensão universitária. A investigação buscou atribuir sentido às experiências relacionadas à construção do saber vivenciado por professores e alunos envolvidos em projetos de extensão de uma determinada Universidade. Os resultados da pesquisa apontam que as concepções e práticas de extensão universitária são plurais e que há uma diversidade relacionada ao conhecimento adquirido nesses contextos pelos professores e alunos participantes da pesquisa.

A dissertação *Histórias de formação de professores de língua espanhola: Caminhos formais e não formais* (2013) de Ana Cristina Borges Fiuza discorre sobre as histórias de formação de professores de espanhol como língua estrangeira e busca compreender os percursos profissionais e às experiências desses participantes em contextos formais e não formais. A pesquisa se concentra nas histórias de vidas dos professores e tem como base a metodologia de pesquisa narrativa de cunho autobiográfico pautada nas ideias dos pesquisadores Cladinin & Connelly (2000). Os resultados apontados no estudo evidenciam que, com relação às experiências docentes, nem sempre é possível “classificá-las de acordo com tais conceitos formal e não formal, por ser de natureza híbrida e não ser possível estabelecer fronteiras entre esses caminhos” (FIUZA, 2013, p. 7).

O quarto trabalho intitulado *Uma possível relação entre a formação de professores de espanhol e projetos de extensão* (2015), da pesquisadora Anaildes de Jesus dos Santos, teve como objetivo compreender o papel social que cumpre a extensão universitária no *campus* da Universidade Federal da Bahia (UFBA) relacionado à formação de professores de língua espanhola no contexto Núcleo Permanente de Extensão em Letras (NUPEL). Além desse escopo, a investigação teve como objetivo estudar o processo de formação de graduandos no curso de Letras da UFBA matriculados na disciplina de Estágio Supervisionado de Espanhol I e II, bem como traçar o perfil destes alunos. De acordo com Santos (2015), o contexto pesquisado contribui para a formação docente até certo ponto, porém sua limitada interação com a comunidade externa não contribui para que os futuros professores tenham uma visão mais real do contexto escolar da educação básica.

A tese de Maria do Socorro da Costa e Almeida, cujo título é *Iniciação à docência e construção de percursos profissionais de participantes do PIBID: narrativas e práticas* (2016), discorre sobre a experiência docente no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) por meio de narrativas escritas de professoras egressas do curso de Pedagogia, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). O resultado da investigação pondera para a existência de um modo de conhecer e um tipo de conhecimento próprio da aprendizagem da docência, e em relação ao PIBID, ressalta a importância deste projeto na formação de professores e, também, da parceria que o projeto proporciona entre os sujeitos e a Universidade.

O trabalho *Os efeitos do PIBID nos anos iniciais da carreira do professor de inglês* (2017), de Tuanny Gomes Siqueira Amaral, discute as implicações do programa PIBID vivenciadas pelos egressos do curso de Letras-Inglês da Universidade Estadual de Londrina (UEL) no período em que participaram do subprojeto na categoria de professor em formação de língua inglesa. O estudo discute as representações desses participantes relacionados à docência no PIBID e suas experiências profissionais vivenciadas nesse espaço, no tocante à formação inicial. A investigação apontou para a importância do projeto na formação inicial de professores, pois possibilita a aprendizagem da docência e desenvolvimento da identidade profissional nesse espaço.

A dissertação de Janylla Barbosa Moreira Silva, cujo título é *Vozes apaixonada pelo ensino de Inglês: A construção da identidade de professores em formação inicial* (2018) discorre sobre a formação inicial de professores de inglês, visando à questão da construção da identidade docente e como se constitui a paixão pelo ato docente de alunos participantes de um projeto de extensão da Universidade Federal de Viçosa denominado Curso de Extensão em Língua Inglesa (CELIN). Os resultados da investigação apontam que a paixão pelo ato de ensinar surge do desejo de lecionar, influências de outros docentes e experiências positivas no âmbito escolar, bem como o gosto pelo idioma inglês. Sobre a questão da construção da identidade docente, a pesquisadora ressalta que elas foram construídas a partir das experiências vivenciadas pelos professores iniciantes no projeto CELIN e ressalta a importância de contextos que proporcionam a prática docente aos graduandos, futuros professores de inglês.

A tese de Paulo Roberto Brancatti, denominado *Trajetórias de formação construídas a partir dos Projetos de Extensão Universitária: o olhar dos egressos do Curso de Licenciatura da Educação Física da FCT/UNESP* (2018), difere da presente investigação ao direcionar o foco para a área de Educação Física, porém dialoga com o trabalho que pretendemos desenvolver ao abordar a formação de professores no âmbito da extensão universitária. A pesquisa discute as trajetórias de formação de alunos egressos do curso de licenciatura de EF da UNESP *campus* de Presidente Prudente, relacionadas às experiências vivenciadas em um projeto de extensão universitária. O resultado da pesquisa, de acordo com Brancatti (2018, p. 9), aponta a importância da extensão universitária na formação inicial dos alunos como sendo um “momento importante de aprendizagem da profissão ao qual recorrem para enfrentamento dos desafios profissionais cotidianos”.

Ainda no âmbito da extensão universitária, a dissertação de mestrado de Edson Luis Rezende Junior, intitulada *A formação Inicial de Professores(as) de língua estrangeira no Centro de Línguas da UNESP FCL/Assis* (2020), dialoga com a presente investigação ao abordar o tema da formação inicial de professores no âmbito das línguas estrangeiras. O trabalho discute as implicações do projeto Centro de Línguas e Desenvolvimentos de Professores (CLDP) da UNESP de Assis na formação e atuação de alunos egressos do curso de Letras (Português e Espanhol) que participaram do referido projeto de extensão nos anos 2010 a 2017. A pesquisa aponta que é positivo a “inserção de licenciandos(as) como professores(as) desde que essa ação esteja pautada na autonomia e sob supervisão” (REZENDE, 2020, p. 7), além de apontar a valorização por parte dos estudantes em participar de projetos que visem a oportunidade de desenvolver a docência, enquanto alunos da graduação em Letras.

Todos os trabalhos acadêmicos elencados nessa seção relacionam-se com a presente pesquisa ao discutir temas sobre a formação inicial de professores de línguas estrangeiras, histórias de formação, identidade profissional e contextos formativos para a docência. Esperamos que esses trabalhos possam auxiliar em relação a fomentação teórica e metodológica da investigação que intentamos desenvolver.

1.2 Pesquisa Narrativa e Justificativa

Para realizar a presente investigação que tem como foco as experiências de formação inicial de professores em formação de inglês e espanhol atuantes no PELT, em 2019, optamos por utilizar a metodologia de pesquisa narrativa tendo como base as contribuições dos pesquisadores Clandinin e Connelly (2011) por considerarmos a mais adequada para o alcance dos objetivos deste trabalho. A pesquisa narrativa possui como ponto de partida a compreensão da experiência, o que coaduna com nosso desejo de enfocar as experiências de formação inicial docente dos participantes do PELT, no referido ano.

Os professores de línguas participantes de uma pesquisa narrativa, além de relatarem suas histórias de vida, as quais são método e objeto de estudo, deparam-se com espaços para o autoconhecimento da prática pedagógica, além de refletirem a partir de suas próprias experiências. Sobre o caráter emancipatório da pesquisa narrativa, em relação aos participantes, o pesquisador Telles ressalta que

O processo emancipador de ação pedagógica para a educação de professores que é proposto pela Pesquisa Narrativa é um processo educacional de parceria. Nele, os professores se associam a seus colegas de trabalho e educadores de professores em torno de dois objetivos comuns e interdependentes – conhecerem-se pessoal e profissionalmente e desenvolverem a prática pedagógica de sala de aula (TELLES, 1999, p. 83).

O interesse na pesquisa narrativa com professores de línguas estrangeiras está no fato de que esta metodologia de pesquisa pode contribuir para a formação docente, tanto inicial quanto continuada, proporcionando um autoconhecimento sobre a prática tanto profissional, quanto pessoal. Acreditamos, assim como Telles (1999), que ao trabalhar com as histórias vividas e contadas, somos levados à reflexão, educando a nós mesmos e aos outros. Desta forma, esperamos que esse estudo possa ressoar nas experiências de outros estudantes, em outros contextos de formação.

Para Clandinin e Connelly (2011) o termo experiência é central na pesquisa narrativa para compreender “os seres humanos e suas relações com si próprio e com seu meio ambiente” (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p. 24). Na pesquisa narrativa, o termo experiência é pautado nas ideias do filósofo e educador John Dewey, sendo que para ele os termos experiência, educação e vida estão estritamente inter-relacionados, ou seja, o estudo na área da Educação é o estudo da vida. Segundo os autores (ibid., 2011, p. 24): “Quando alguém questiona sobre o que significa estudar Educação, a resposta é, em geral, estudar a experiência.”

O termo experiência, nesse trabalho, de acordo com os pesquisadores Clandinin e Connelly (1994 *apud* CLANDININ; CONNELLY, 2011, p 27) é

[...] as histórias que as pessoas vivem. As pessoas vivem histórias e no contar dessas histórias se reafirmam, modificam-se e criam novas histórias. As histórias vividas e contadas educam a nós mesmos e aos outros, incluindo os jovens e os recém-pesquisadores em suas comunidades.

As histórias de vida dos participantes na pesquisa narrativa são o fenômeno e a forma a ser estudada pelos pesquisadores, ou seja,

[...] é importante entender como as pessoas experienciam e compõem significados de suas histórias vividas. As histórias não são parte da pesquisa, elas são a pesquisa. Elas não são somente textos a serem analisados, elas são o como a experiência é recontada, revivida e interpretada (MELLO, 2005, p.91).

É por meio das histórias que os pesquisadores pensam sobre a experiência e buscam construir sentidos acerca das experiências vivenciadas pelos participantes da pesquisa. Ou seja, o interesse dos pesquisadores que desenvolvem pesquisas narrativas é ouvir as histórias dos participantes de modo a entender como pensam e interpretam suas

trajetórias de vida. Clandinin e Connelly (2011, p. 22), sobre este fato, ponderam que “a vida das pessoas e como elas são compostas e vividas é o que nos interessa observar, participar, pensar sobre, dizer e escrever sobre o fazer e o ir e vir de nossos colegas, seres humanos.” E ainda ressaltam que para os investigadores que se pautam na pesquisa narrativa o seu papel enquanto protagonista “destina-se ao entendimento e a composição de sentidos da experiência.” (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p. 119)

Neste trabalho, o interesse principal é buscar compreender as experiências vividas dos professores em formação no contexto da pesquisa, o PELT, no tocante à formação inicial docente para averiguar como foi o processo de formação inicial destes participantes. Tentar compreender a trajetória de formação inicial desses professores resvala em nossa experiência profissional, pois o contexto escolhido para a investigação faz parte de nossa trajetória pessoal e profissional como aprendiz da docência. É nesse sentido que nos inserimos no entrelaçar de histórias sobre a formação inicial desses professores. Para este trabalho, escolhemos a metáfora da *teia*, onde um emaranhado de histórias se cruzam e se distinguem, porém, todos participantes da experiência, provindo do mesmo espaço, ou seja, o projeto PELT.

Intentamos, neste trabalho, apresentar um quadro sobre as experiências dos professores em formação no PELT, atuantes no ano de 2019, contexto que é entrelaçado à própria vivência da pesquisadora. Mesmo que as histórias tenham sido vividas por pessoas diferentes em momentos diferentes, entrelaçam-se na *teia*, por partirem de um mesmo contexto e relacionam-se à formação inicial docente.

Diante disso, expomos um poema da pesquisadora Ana Fiuza, que em sua dissertação de mestrado *Histórias de formação de professores de língua espanhola: caminhos formais e não formais* (2013), discorre sobre as histórias de formação de professores de espanhol. A autora, ao se deparar com as narrativas dos seus participantes, reconhece-se como sendo protagonista também destas vivências. Por meio de sua poética, expressamos nosso envolvimento com as histórias dos participantes da presente investigação, ou seja, os professores.

“Ouvir suas histórias me fez pensar nas minhas...”

Como pode outro ser

Não ser eu e viver o que eu também vivi?

Minhas histórias são minhas
Suas histórias são suas
Ao compartilhar comigo as suas
Elas buscam as minhas
Que estavam escondidas,
Guardadas,
Trancadas,
Em algum lugar dentro de mim,
Mas que ao entrar em contato
Com as suas... parecem nossas.
Cada história é apenas um fio
Que junto a outros fios vão tecendo vidas
E formam uma grande obra
Composta de histórias...
Nem suas, nem minhas:
Nossas!”

(FIUZA, Ana Cristina Borges, p. 76)

Esse reconhecimento, sentir-se parte da vivência, encontrar-se na experiência do participante da pesquisa só é possível, pois os pesquisadores que optam por utilizar a pesquisa narrativa trabalham no campo tridimensional na investigação. Clandinin e Connelly (2011), ressaltam que

Enquanto trabalhamos no espaço tridimensional da pesquisa narrativa, aprendemos a olhar para nós mesmos como sempre no entremeio – localizado em algum lugar ao longo das dimensões do tempo, do espaço, do pessoal e do social. Mas nos encontramos no entremeio de um conjunto de histórias – as nossas e as de outras pessoas. (CLANDININ; CONNELLY; 2011, p. 99).

Por isso, caminhamos entre as histórias dos professores encontramos-nos com suas vivências na *teia*, pois nos posicionamos no entremeio dessas experiências vividas,

contadas e recontadas por eles, da qual fazemos parte também. Além dessa justificativa para a escolha da pesquisa narrativa na presente investigação, simpatizamos com Mello (2005) ao pontuar sua escolha para realizar sua pesquisa de doutorado por um viés narrativo e não por outro paradigma:

[...] não por achá-lo mais fácil, como às vezes dito nos corredores da universidade, mas porque nesse paradigma de pesquisa algumas questões eram propostas como desejadas e relevantes, ao invés de serem consideradas deficiências como em outros paradigmas. Algumas dessas questões se relacionavam com o papel do pesquisador mais próximo e envolvido com os participantes de pesquisa, a linguagem menos canônica no texto acadêmico, a não apresentação de uma única verdade como resultado, mas diante das múltiplas possibilidades de interpretações, o respeito pela linha adotada pelo pesquisador, sem uma visão mais direcionada para validações e busca de verdades comprováveis (MELLO, 2005, p. 84)

A pesquisa narrativa permite uma maior aproximação entre pesquisador e participante, dando voz e destacando o papel dos integrantes, nesta investigação, os professores de língua inglesa e espanhola. Essa aproximação que a pesquisa narrativa possibilita denomina-se cumplicidade, a partir disso, somos cúmplices do fenômeno que buscamos investigar neste presente trabalho. Clandinin e Connelly (2011) sobre o conceito de cumplicidade destacam que

Nós colaboramos para construir o mundo em que nos encontramos. Não somos meros pesquisadores objetivos, pessoas na estrada principal que estudam um mundo reduzido em qualidade do que nosso temperamento moral o conceberia, pessoas que estudam um mundo que nós não ajudamos a criar. Pelo contrário, somos cúmplices do mundo que estudamos. Para estar nesse mundo, precisamos nos refazer, assim como oferecer à pesquisa compreensões que podem levar a um mundo melhor. (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p. 97).

Na pesquisa narrativa, existem duas vertentes para a investigação, o contar de histórias (*telling*) e a vivência de história (*living*). O contar de histórias é quando o pesquisador ouve as histórias dos participantes e busca construir significados das experiências vivenciadas no contexto da investigação, já a outra vertente, denominada vivência de história, é quando o pesquisador vive junto à experiência com os participantes e tentam construir significados sobre o momento compartilhado.

A diferença entre as duas vertentes está relacionada ao tempo, enquanto o *telling* “é um tempo de pesquisa narrativa que busca analisar a experiência que já foi vivida, [...] o *living* é a pesquisa de uma experiência que está sendo vivenciada” (BENGEZEN, 2010, p. 55). Nossa pesquisa é predominante *telling*, pois ouvimos as histórias dos professores participantes da pesquisa e buscamos construir sentidos sobre as

experiências de formação inicial docente no contexto PELT por eles vivenciadas no decorrer de 2019.

Sobre a construção de significados das histórias vividas, a pesquisadora Mello (2005, p. 90) pondera que “ao construir significados de uma história devo me questionar não somente sobre como ela ocorre hoje, mas também como resultante de histórias vividas no passado e como ela poderá ser vivida ou projetada no futuro.” Nesse segmento, Clandinin e Connely (2011, p. 30) ressaltam que as experiências advindas das histórias dos participantes seguem o critério da continuidade, ou seja, “a noção de que a experiência se desenvolve a partir de outras experiências e de que experiências levam a outras experiências.”

A pesquisa narrativa se desenvolve no espaço tridimensional. O campo tridimensional caracteriza-se por três segmentos, sendo *temporalidade*, *sociabilidade* e *lugar*. Segundo Clandinin e Connely (2011), a temporalidade é entendida como a questão do tempo sendo passado, presente e futuro, onde as histórias se entrecruzam e apontam novos caminhos, sociabilidade ligada a questões como sociais e pessoais dos participantes, como, por exemplo, sentimentos e desejos, e por último a dimensão do espaço onde se realiza a investigação.

Partindo desse espaço tridimensional na pesquisa narrativa para descrever histórias e construir significados sobre eles, a investigação narrativa deve seguir quatro direções, sendo: *introspectivo*, *extrospectivo*, *retrospectivo* e *prospectivo*. Clandinin e Connely (2011) explicam estas quatro direções como sendo

Introspectivo, queremos dizer em direção às condições internas tais como sentimentos, esperanças, reações estéticas e disposições morais. Por extrospectivo, referimo-nos as condições existenciais, isto é, o meio ambiente. Por retrospectivo e prospectivo, referimo-nos à temporalidade passado, presente e futuro. (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p. 85).

Nessas direções, o pesquisador em vias da pesquisa narrativa confronta-se com seu passado, presente e futuro, ou seja, os movimentos retrospectivos e prospectivos, vão perpassar as histórias, “como se [...] deslocasse em direção às [...] histórias passadas e as histórias futuras” (BENGEZEM, 2010, p. 18), neste caso no presente trabalho, em torno da formação inicial de professores de línguas estrangeiras, no PELT.

A pesquisa narrativa permite uma maior compreensão da experiência humana, enquanto trabalha com histórias vividas de seus participantes, permite maior reflexão e emancipação. Ao longo do processo investigativo, pesquisadores e participantes são

envolvidos em um contexto que, segundo Telles (1999, p.81) permite que se “tornem ao mesmo tempo, agenciadores de suas reflexões e autores de suas próprias representações, em um processo no qual eles são convidados a reverem e organizarem suas experiências.”

Em segmento decorremos a respeito da entrevista narrativa pautada nas contribuições de Fritz Schtze (1983) e sua importância para a pesquisa que visa a formação docente e, também, sobre a análise compreensiva-interpretativa, a qual escolhemos para nortear as análises de dados nesta pesquisa.

1.3 Método: Instrumento de coleta: A entrevista narrativa

Para coletar as experiências dos professores participantes da pesquisa optamos por utilizar a entrevista narrativa pautada nas contribuições do sociólogo Fritz Schutze. Escolhemos este instrumento para realizar a coleta de dados, pois é o que mais se adequa ao objetivo do presente trabalho, ou seja, compreender as experiências de formação inicial docente no PELT, no ano de 2019.

A justificativa em utilizar a entrevista narrativa (EN) para coletar as experiências dos participantes é justamente pelo fato deste instrumento possibilitar um maior detalhamento da vida biográfica dos participantes. Pensamos que ao fazer uso desse instrumento de coleta será possível compreender a trajetória do participante em um determinado momento e, desta forma, entrecruzar as experiências dos outros protagonistas da pesquisa, enfatizando a noção do coletivo na investigação.

Com o uso das entrevistas narrativas, pretendemos captar o momento de vida dos participantes relacionados à vivência escolar, perpassando pela infância, adolescência e fase adulta, até o momento da graduação em Letras. Desta forma, esperamos compreender quais razões levaram os participantes a caminhar por essa trajetória até o curso de Letras e a entrada no projeto PELT. Buscamos também, com o uso da entrevista narrativa, traçar o perfil biográfico desses professores, apontando semelhanças e diferenças.

Tal experiência expressa pelas narrativas dos professores em formação de inglês e espanhol, no ano de 2019, é o cerne principal desta investigação. Todavia, consideramos de extrema importância conhecer a trajetória dos participantes da pesquisa para buscar elementos que auxiliem e aprofundem a compreensão e os sentidos

atribuídos às suas experiências de formação docente, especificamente, no projeto PELT. Desta forma, com o uso da entrevista narrativa, o intuito é compreender e analisar as experiências pessoais e profissionais dos participantes da pesquisa, em um primeiro momento, para depois discorrer sobre as experiências de formação inicial do grupo de professores, atuantes no referido ano.

O uso da entrevista narrativa no campo educacional vem aumentando conforme algumas pesquisas acadêmicas apontam (WELLER; ZARDO, 2013; TRINDADE, 2017; OLIVEIRA, 2017). Isso se deve pelo fato do crescente interesse acadêmico nos anos 80 pela vida dos professores, sua subjetividade e conhecimento. Com a publicação do livro *O professor é uma pessoa* de Ada Abraham, datado de 1984, inicia-se um movimento pelos pesquisadores com o interesse nas narrativas dos professores voltadas para o âmbito educacional.

O uso das entrevistas narrativas no campo educacional permite maior compreensão dos percursos pessoais e profissionais dos docentes, bem como autoconhecimento em relação a sua prática em sala de aula, desta forma, abre espaço para expressar a subjetividade do professor enquanto ser humano e profissional na área da Educação. Sobre este fato, Oliveira (2017, p. 12149) pondera que “esse novo método [...] nas pesquisas em educação coloca em evidência a voz do sujeito participante das investigações, opondo-se a visão dicotômica dos métodos convencionais [...]” o qual possibilita maior aproximação entre investigador e investigado.

O paradigma da Pesquisa Narrativa possibilita uma maior aproximação entre os envolvidos na investigação, uma vez que este tipo de pesquisa “busca apreender o sentido da experiência dos sujeitos, portanto, abrindo espaço para a expressão de sua subjetividade” (OLIVEIRA, 2017, p. 12146). O pesquisador Bueno (2002, p. 13) pondera que o foco da experiência e subjetividade na pesquisa narrativa advém do interesse dos pesquisadores em ressaltar essa questão nas investigações, pois “[...] se mostrou esquecido ou mesmo relegado nos tratamentos anteriores, e que por isso passou a se mostrar promissor para realimentar novos desenvolvimentos teóricos na área”.

Consideramos vantajoso utilizar as entrevistas narrativas, pois tal instrumento, permite que o participante expresse sua subjetividade e experiência de forma reflexiva e emancipatória, reconstruindo-se no contar de histórias. É importante frisar que ao utilizar as narrativas como instrumentos de pesquisa não há um simples narrar de

acontecimentos apenas, “ela permite uma tomada reflexiva, identificando fatos que foram realmente, constitutivos da própria formação” (MORAES, 2000, p. 81), ou seja, a construção biográfica do indivíduo em determinado contexto histórico e social.

Nesse segmento, Moraes (2000) pondera que ao partilhar histórias de vida com outros indivíduos somos levados a refletir e avaliar a trajetória compreendendo o sentido da mesma no caminho trilhado e reaprendendo com ela.

[...] quem ouve (ou lê) a narrativa permite perceber que a sua história entrecruza-se de alguma forma (ou em algum sentido/lugar) com aquela narrada (e/ou com outras); além disso sobre a possibilidade de aprender com as experiências que constituem não somente uma história mas o cruzamento de umas com as outras. (MORAES, 2000, p. 81)

Desta forma, reafirmamos a metáfora escolhida para a presente investigação, a *teia*, onde as experiências dos professores participantes do projeto PELT e as nossas relacionadas à formação inicial docente entrecruzam-se no coletivo em determinado tempo e espaço, partindo de um mesmo lugar.

1.4 A entrevista narrativa

A entrevista narrativa escolhida para desenvolver a investigação tem como base o modelo proposto pelo sociólogo Fritz Schutze (1983). Este instrumento tem como objetivo compreender os percursos biográficos dos sujeitos envolvidos na pesquisa. Schutze (1983, p. 211) pondera que os questionamentos centrais do pesquisador por optar pelo uso da entrevista narrativa são “[...] O que aconteceu nas histórias de vida que nos interessam sociologicamente?” [...] “Como o portador da biografia interpreta sua história de vida?”. A entrevista narrativa permite maior detalhamento da vida do indivíduo, contribuindo para a compreensão da trajetória biográfica situada em determinado contexto social e histórico.

Tendo em vista que, durante a coleta de dados, atuávamos no projeto PELT, para a realização das entrevistas narrativas em nossa investigação efetuamos o contato com os pesquisadores, por meio da criação de um grupo no *WhatsApp*. Em um primeiro momento, enviamos uma mensagem no grupo informando aos participantes o objetivo da pesquisa, justificativa e relevância da investigação. Em um segundo momento, entramos em contato pelo *WhatsApp* individualmente com os que haviam manifestado interesse em participar da pesquisa para agendar um dia para realizar a entrevista narrativa de forma individual.

No dia da entrevista, entregamos os termos de consentimento livre esclarecido para o participante, retomamos alguns pontos como objetivos da pesquisa e os procedimentos da entrevista narrativa e ressaltamos a questão do anonimato. Após tal explicitação, iniciamos a gravação partindo do tópico inicial, formulado a partir da seguinte sentença: “*Conte-me sobre sua trajetória escolar até o curso de Letras da forma que se sentir melhor*”³. Posteriormente, as entrevistas foram transcritas e entregues aos participantes da pesquisa para que lessem e avaliassem a fidedignidade quanto ao que haviam dito.

O uso das entrevistas narrativas como instrumento de dados na pesquisa qualitativa enfoca os fatos sociais, pois o escopo se volta para as experiências individuais e coletivas dos participantes vivenciadas em um determinado contexto sócio-histórico. Segundo Eugenio e Trindade (2017, p. 121)

[...]. Elas possibilitam identificar e refletir sobre aspectos característicos a partir dos quais produzem histórias cruzadas entre o individual e o contexto social coletivo. Sendo assim a narrativa é fundamental para a construção da noção do coletivo. (EUGENIO; TRINDADE, p. 121).

A ideia do coletivo, de acordo com os pesquisadores Eugenio e Trindade (2017), é pontuada no recontar das histórias dos participantes, ou seja, a partir do reconhecimento de outras histórias pela narração, as quais, o pesquisador entrecruza e encontra-se nas narrativas. É uma técnica de construção de dados que propicia a oportunidade de adentrar em ambientes poucos acessíveis do participante da pesquisa e também a concepção social do coletivo, “isto é, acessar informações em que não estariam postas numa situação de pesquisa com instrumentos estruturados.” (EUGENIO; TRINDADE, 2017, p. 121-122).

O modelo proposto por Schutze (1983) para a entrevista narrativa segue quatro etapas que devem ser seguidas pelos pesquisadores. Segundo Jovchelovitch e Bauer (2002) as entrevistas narrativas são classificadas como não estruturais com características específicas. Para os pesquisadores a EN tem maior densidade do que outros modelos de entrevistas estruturadas, pois “[...] emprega um tipo específico de comunicação cotidiana, o contar e escutar história, para conseguir este objetivo”

³ Ressaltamos que apesar de termos utilizado a entrevista narrativa como instrumento de coleta de dados, não foi possível cumprir o método a rigor ao entrevistar os participantes. Ao ouvirmos os sujeitos narrarem suas histórias sentiu-se a necessidade de esclarecimentos sobre determinados acontecimentos o que nos levou a fazer novas indagações, desta forma, promovendo novos *starts*, para que os participantes pudessem dar mais detalhes sobre as suas experiências.

(JOVCHELOVITCH; NAUER, 2002, p. 93), desta forma, evita o esquema de pergunta e resposta entre entrevistado e entrevistador.

A técnica de entrevista narrativa é proposta por quatro fases, como exemplifica a tabela abaixo (Figura 1). Portanto, “ela começa com a iniciação, move-se através da narração e da fase de questionamento e termina com a fase da fala conclusiva.” (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p. 94).

Em relação às determinadas regras, os autores (ibid., 2002, p. 94) ressaltam que devem ser seguidas conforme as etapas, pois “levará certamente a uma situação isenta de constrangimentos, e manterá a disposição do informante de contar uma história sobre acontecimentos importantes.” Para cada fase, é estipulado um número de regras que os investigadores devem seguir. Sobre as regras da entrevista narrativa, os mesmos pesquisadores ponderam que

A função destas regras não é tanto encorajar uma adesão cega, mas oferecer guia e orientação para o entrevistador, a fim de fazer com que surja uma narração rica sobre um tópico de interesse, evitando os perigos do esquema pergunta-resposta de entrevista. (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p. 94).

FIGURA 1: Fases principais da entrevista narrativa

Fases	Regras
Preparação	Exploração do campo Formulação de questões exmanentes
1. Iniciação	Formulação do tópico inicial para narração Emprego de auxílios visuais
2. Narração central	Não interromper Somente encorajamento não verbal para continuar a narração Esperar para os sinais de finalização (“coda”)
3. Fase de perguntas	Somente “Que aconteceu então?” Não dar opiniões ou fazer perguntas sobre atitudes Não discutir sobre contradições Não fazer perguntas do tipo “por quê?” Ir de perguntas exmanentes para imanentes
4. Fala conclusiva	Parar de gravar São permitidas perguntas do tipo “por quê?” Fazer anotações imediatamente depois da entrevista

FONTE: Jovchelovitch e Bauer (2002, p. 95).

O primeiro passo para iniciar a entrevista narrativa é denominada preparação. Neste momento, o pesquisador deve ter definido o seu objeto de estudo e ter conhecimento acerca dele, partindo disso, deve formular as questões exmanentes, as

quais refletem o interesse do investigador. Os pesquisadores Eugenio e Trindade (2017, p. 127) definem questões exmanentes como sendo “questões que criamos a partir de nosso foco de interesse, do que é relevante e importante para o pesquisador”.

Em relação ao tópico para iniciar a narração Jovchelovitch e Bauer (2002, p. 96) ponderam que “o tópico deve ser suficientemente amplo para permitir ao informante desenvolver uma história longa que, a partir de situações iniciais, passando por acontecimentos passados, leve à situação atual”. Nesse segmento, Eugenio e Trindade (2017) ressaltam que

[...]. É preciso que o tópico inicial seja profuso, cruzando trajetória de vida, com trajetória escolar e acadêmica, nos permitindo uma riqueza de informações, particularidades e histórias que se relacionam entre diversas categorias de nossa pesquisa. (EUGENIO; TRINDADE, 2017, p. 128).

A primeira fase da EN, denominada iniciação, é o momento em que o pesquisador define os critérios para a seleção dos participantes e qual o modelo de entrevista narrativa irá usar, - individual ou grupal -, com o fim de aprimorar a relação com os participantes da pesquisa, fortalecendo o vínculo. É também o momento de entrar em contato com os participantes da investigação para detalhar sobre o estudo que será desenvolvido, ressaltando os objetivos, justificativa e a relevância da pesquisa. Apresentar os termos de consentimento livre e esclarecido e recolher as assinaturas dos participantes, bem como explicitar os instrumentos de coleta de dados e, posteriormente, iniciar a entrevista narrativa.

A segunda fase, denominada narração central, é quando o pesquisador não deve fazer interrupções, deve ter uma escuta atenta e fazer apenas encorajamento visual mostrando interesse pela narração. Frietz Schutze (1983) resalta que, ao longo da narração verbalizada pelo participante, o entrevistador deve interferir apenas caso haja uma “coda”, ou seja, quando o entrevistado demonstrar que a narração finalizou, o pesquisador pode interferir utilizando perguntas como - “É tudo o que você gostaria de me contar?” ou “Haveria ainda alguma coisa que você gostaria de dizer?” (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p. 97).

Denominada fase de questionamento corresponde a terceira etapa da entrevista narrativa. Quando o entrevistado termina sua narração, inicia-se a fase dos questionamentos por parte do entrevistador, a qual é denominada de questões imanentes, que tem como objetivo completar as lacunas da narração desenvolvida pelo participante. Ou seja, na segunda fase, o entrevistador, ao escutar de forma atenta a

narrativa do entrevistado, pode tomar notas e organizar perguntas para fazer após o entrevistado terminar sua narração. Essas questões são exploradas na terceira fase e, segundo Jovchelovitch e Bauer (2002), esta etapa tem como finalidade eliciar material novo e adicional além do esquema autogerador da história.

Algumas regras são impostas na terceira fase, como por exemplo, a de que as indagações por parte do entrevistador não devem começar até que haja um sinal de conclusão da fala do entrevistado (coda). Deve-se evitar perguntas do tipo “por quê?”, dando ênfase apenas a perguntas que se refiram aos acontecimentos narrados, como, por exemplo, “O que aconteceu antes/depois/então?”.

A primeira, segunda e terceira fases da entrevista narrativa são gravadas mediante o consentimento do entrevistado e, posteriormente, transcritas para a análise de acordo com o método que o pesquisador achar relevante. Na última etapa da entrevista narrativa, a qual é denominada fala conclusiva, deve-se desligar o gravador, ou seja, parar de gravar após o final da narração e, neste momento, o pesquisador pode retomar os acontecimentos narrados pelo participante e fazer indagações do tipo “por quê?” abrindo espaço para o diálogo entre os dois de maneira informal.

1.5 Análise compreensiva-interpretativa

O procedimento analítico da entrevista narrativa é aberto, ficando a critério do pesquisador escolher qual método seguirá na análise dos dados. Nesta pesquisa, optamos em utilizar a análise compreensiva-interpretativa de narrativas pautada nas contribuições do pesquisador Souza (2014). A seguir, apresentamos considerações acerca deste modelo de análise. A análise do *corpus* da presente investigação pautado no modelo de análise compreensiva-interpretativa será exemplificada no capítulo quatro da dissertação, cujo título é: “Tecendo e entrelaçando a teia - O que contam os professores?”

Optamos por utilizar a análise compreensiva-interpretativa nesta investigação, por considerá-la mais adequada para analisar o material coletado nas entrevistas narrativas. Buscamos, a partir da análise compreensiva-interpretativa, compreender as experiências de formação inicial a partir das narrativas dos professores atuantes no PELT em 2019 e, também, traçar o perfil biográfico dos mesmos, como já ressaltamos.

Esta análise busca, a partir das fontes narrativas, sejam orais ou escritas, apreender regularidades e irregularidades tanto no sentido individual ou coletivo do grupo pesquisado. Conforme delineado por Souza (2014, p. 43), a análise compreensiva-interpretativa “busca evidenciar a relação entre o objeto e/ou as práticas de formação numa perspectiva colaborativa, seus objetivos e o processo de investigação-formação [...]”.

Assim como Souza (2004), utilizamos a metáfora de uma leitura realizada em três tempos, os quais abarcam a ideia de lembrar, narrar e refletir sobre o vivido, ou seja, a experiência. Os três momentos para analisar as fontes são:

Tempo I: Pré-análise/leitura cruzada;

Tempo II: Leitura temática – unidades de análise descritivas;

Tempo III: Leitura interpretativa-compreensiva do *corpus*.

Os três tempos de análise, segundo Souza (2004, p. 122) “são tomados numa perspectiva metodológica e mantém entre si uma relação de reciprocidade e dialogicidade constantes” e não há a possibilidade de fragmentação entre os momentos, já que exige um retorno constante às fontes em seus diversos momentos de análise. O tempo I, denominado Pré-análise/leitura cruzada, tem como objetivo construir o perfil biográfico do grupo pesquisado por meio das fontes, no caso da presente pesquisa, as entrevistas narrativas.

Partindo desta primeira etapa, ou seja, o levantamento do perfil biográfico do grupo pesquisado, em segundo momento, denominado leitura cruzada, de acordo com Souza (2004), é possível fazer um balanço inicial em relação às representações globais das narrativas, possibilitando apreender os aspectos regulares, irregulares, particulares e individuais que perpassam as histórias de vida dos participantes, bem como, apreender unidades de análise temáticas a partir da primeira leitura das fontes. Para tanto, é preciso realizar um trabalho de escuta e leitura atenta em relação às narrativas para apreender as significações e as unidades de análise temática que surgem do *corpus* da pesquisa.

O tempo II, denominado leitura temática - unidades de análise temática ou descritiva faz relação com o primeiro tempo, pois emergem novamente as regularidades, irregularidades, particularidades e subjetividade dos participantes relacionados à interpretação e agrupamento temático das narrativas. Esta fase tem como objetivo rever

o conjunto das narrativas focalizando uma leitura analítica e interpretação temática dando ênfase nas falas dos participantes.

À análise temática ou descritiva, considera a escrita e seu grau de revelação, utiliza princípios da hermenêutica e fenomenologia, pois possibilita melhor compreensão e apropriação das histórias de vida dos participantes da pesquisa. Partindo disso, a leitura e a análise temática têm o objetivo de reconstituir coerentemente o conjunto das narrativas em relação às representações e agrupamentos das unidades temáticas de análise, ficando nítidas as sutilezas, subjetividades, diferenças, e regularidades presentes nas narrativas, conforme aponta o pesquisador Souza (2004).

Na presente investigação, as unidades de análise temática emergirão no decorrer da leitura das entrevistas dos participantes da pesquisa. Familiarizamos com Souza (2004, p. 127) ao constatar que as unidades de análise são constituídas a partir do sistema de referência de cada participante da pesquisa, pois a leitura compreensiva-interpretativa não prioriza “simplesmente o agrupamento sucessivo de repetições de narrativas - saturação de informação -, mas sim [...] particularidades individuais do corpus e da seleção de lembranças e experiências significativas dos sujeitos em sua trajetória”.

O tempo III perpassa desde o começo da análise e refere-se à leitura compreensiva-interpretativa do *corpus* da pesquisa. De acordo com Souza (2014, p. 46) esta fase exige “[...] leituras e releituras individuais e em seu conjunto do corpus das narrativas, recorrendo aos agrupamentos das unidades de análise temática e/ou ao conjunto das narrativas e das fontes utilizadas”. Nesta etapa são analisados os fragmentos das narrativas dos participantes da pesquisa à luz dos teóricos que orientam este trabalho. Com base no modelo de análise compreensiva-interpretativa, buscaremos, a partir dos excertos das entrevistas narrativas compreender as experiências de formação inicial dos professores do PELT, atuantes em 2019, enfocando dificuldades, desafios e implicações no tocante à formação inicial, e também, traçar o perfil biográfico do grupo, como já ressaltamos.

No próximo capítulo, apresentamos o contexto PELT (Projeto de Ensino de Línguas de Tarumã), e buscamos reconstruir a memória da idealização do projeto por meio de documentos oficiais e *podcasts* dos envolvidos, e, também, as mudanças que foram implantadas no ano de 2019 no referido contexto. Esperamos que esta seção

possa contribuir para futuras pesquisas acadêmicas acerca deste projeto de línguas estrangeiras vinculado a Prefeitura Municipal de Tarumã e a Faculdade de Ciências e Letras de Assis (UNESP), no tocante a formação inicial dos licenciandos do curso de Letras.

2. PELT (Projeto de Ensino de Línguas de Tarumã) - CONTEXTO DE PESQUISA

“[...] a memória se recusa a ser uma dentre tantas versões do passado [...]”
(Mia Couto, 2014)

Neste capítulo apresentamos o contexto escolhido para a pesquisa, o PELT (Projeto de Ensino de Línguas de Tarumã), com a intenção de detalhar mais sobre a organização estrutural do projeto, por meio das fontes às quais tivemos acesso, tais como, o processo 161/05⁴, pesquisa documental realizada na internet e as entrevistas efetuadas com os idealizadores do projeto. Por meio de tais instrumentos buscaremos construir um registro formal do projeto, com o intuito de (re)constituir sua memória e contribuir para futuras consultas documentais. Além disso, nessa seção detalharemos as mudanças e melhorias efetuadas no projeto no decorrer de 2019.

2.1 História organizacional do contexto PELT.

A intenção, ao construir essa memória, é resguardar a história e as informações do projeto, pois desde sua idealização em 1997 há pouquíssimas informações divulgadas acerca do PELT, seja em formato digital ou físico. Ressaltamos que o único documento escrito ao qual tivemos acesso para consultar foi o processo 161/05⁵, porém o mesmo contém poucas informações acerca da justificativa, objetivo e público-alvo. No ano de 2019, realizamos uma pesquisa via internet com o objetivo de encontrar dados sobre o projeto para contribuir para a escrita deste capítulo. Usando a ferramenta de busca do *Google* por meio da palavra-chave: PELT (Projeto de Ensino de Línguas de Tarumã) para averiguar o que havia de disponível no banco de dados da internet acerca do projeto referido.

Os resultados dessa busca foram um *website* contendo informações sobre horários de aulas e turmas, algumas notícias divulgadas no *website* da Prefeitura Municipal de Tarumã sobre aula inaugural e eventos culturais de encerramento letivo. Também encontramos uma matéria⁶ sobre o projeto PELT e o impacto do mesmo para alunos tarumaenses e professores participantes no ano de 2012. A notícia foi divulgada

⁴ O processo 161/05 trata do convênio do projeto PELT (Projeto de Ensino de Línguas Estrangeiras) em parceria com a UNESP de Assis e a Prefeitura Municipal de Tarumã.

⁵ O documento foi retirado na seção de graduação da UNESP de Assis pela pesquisadora, após ter assinado termo de comprometimento e responsabilidade.

⁶ A matéria está disponível para leitura no anexo VII.

pelo Jornal da UNESP de Assis, intitulado Nosso Câmpus. No total foram encontradas nove notícias no *site* da Prefeitura de Tarumã a partir de 2013⁷ até 2019 com o mesmo enfoque, ou seja, aula inaugural e eventos festivos de fim de ano e nenhuma sobre as ações desenvolvidas no interior das salas de aulas.

FIGURA 2: Página inicial do *website* do projeto PELT



FONTE: site do PELT, 2020.

FIGURA 3: Notícia encontrada no *website* da Prefeitura de Tarumã



FONTE: *site* da Prefeitura Municipal de Tarumã, 2020.

⁷ Antes desta data não foi encontrada nenhuma notícia acerca do projeto PELT.

O Projeto de Ensino de Línguas de Tarumã (PELT) é uma parceria institucional vinculada a Secretaria Municipal da Educação e Cultura (SEMEC) de Tarumã com a Faculdade de Ciências e Letras de Assis (UNESP) firmada oficialmente desde o ano de 2005, conforme datado no convênio entre as instituições. O objetivo principal do projeto é, segundo o processo 161/05, oferecer aulas de línguas estrangeiras modernas a alunos matriculados no Ensino Fundamental II e comunidade externa da referida cidade. Para tal, alunos matriculados no curso de licenciatura em Letras com dupla habilitação, sendo uma em língua vernácula e outra em língua estrangeira moderna (inglês, espanhol, alemão, francês, italiano e japonês) ministram aulas de LE em salas de aula de uma escola municipal cedida pela Prefeitura de Tarumã, no período noturno, duas vezes por semana.

Apesar de documentado a partir de 2005, o projeto teve pré-início no ano de 1997 por iniciativa de um estudante tarumaense, Antonio Marcos da Costa Lima, que cursava Letras na FCL de Assis e uma professora do Departamento de Educação, Mariangela Braga Norte, na época, criaram um projeto com o intuito de oferecer cursos de línguas estrangeiras à comunidade da cidade de Tarumã e proporcionar um contexto no qual discentes do curso de Letras pudessem realizar o estágio curricular. Obtivemos acesso a essas informações por meio das entrevistas que realizamos em 2020 com os dois idealizadores do projeto PELT.

O contato com os idealizadores do projeto se deu mediante mensagem individual via *Whatsapp*. Em um primeiro momento, informamos acerca da pesquisa, justificativa e objetivo, bem como a relevância do contexto escolhido para a investigação e a participação deles. Após contato e terem aceitado contribuir com a investigação, enviamos por *email* os termos de consentimento livre esclarecido, os quais foram assinados pelos participantes e pesquisadora. Em seguida, foi gravado pelos idealizadores um áudio em estilo *podcast* partindo do tópico inicial, formulado a partir da seguinte sentença: “*Conte-me sobre o seu envolvimento com o projeto PELT da forma que se sentir melhor.*”, o qual foi proposto pela pesquisadora. Posteriormente, as entrevistas foram transcritas e entregues aos participantes da pesquisa para que lessem e avaliassem a fidedignidade quanto ao que haviam dito. Após ouvir os *podcast*, os questionamentos por parte da pesquisadora foram feitos via *Whatsapp* ou *email*, com o intuito de sanar as dúvidas em relação à narrativa dos idealizadores.

Percebemos mediante as narrativas dos idealizadores incompatibilidades em relação a algumas informações acerca do PELT, vejamos a seguir os fragmentos:

Eu fui aluno, meu nome é Antonio Marcos da Costa Lima, eu fui aluno da UNESP campus de Assis e fiz como língua estrangeira Latim e Alemão, é importante esse contexto, pois está diretamente ligado com o início do projeto, com o início da concepção do projeto. O projeto tem o seu início no ano de 1997, eu ainda como aluno da graduação, na disciplina de língua e literatura alemã no estágio de regência. Na época, era uma das condições para a nossa formação. Na época, eu e mais alguns colegas fazíamos a língua e literatura alemã e no ano de 1998 teve o projeto do ensino de língua para além dos muros da faculdade. Em 1998, em meados de 1998 sob a coordenação da professora Ingrid do Departamento de Letras Modernas em alemão, nós pensamos em fazer um tipo de atividade externa que pudesse auxiliar a comunidade. Cada um resolveu fazer para um campo. Alguns fizeram para a Educação de Jovens e Adultos, outros apresentaram projetos relativos às pessoas que estavam em restrição de liberdade, e eu propus que nós fizéssemos a época que eu e a professora Ingrid fizéssemos algo relativo às pessoas que moravam no meu município tendo em vista que a cidade de Tarumã, onde eu resido, foi colonizada por alemães. A ideia inicial era fazer um minicurso de alemão para os interessados do município. **(Fragmento da entrevista com o Antonio Marcos)**

No fragmento de Antonio Marcos, na época aluno da graduação em Letras (Latim/Alemão), fica claro que a intenção inicial era elaborar um curso de alemão para a comunidade de Tarumã, cidade que residia na época, porém há divergências com o fragmento da professora Mariangela Braga Norte, que ressalta que o primeiro curso oferecido seria o de língua inglesa:

Quando o Antonio Marcos que era de Tarumã queria fazer um estágio em Tarumã, ele falou: Professora eu trabalho na prefeitura, eu posso falar com o prefeito e montar um grupo lá de inglês, ele fazia português e inglês, e aí eu disse tudo bem se você conseguir, vamos fazer isso, aí ele falou com o prefeito e começou o grupo. **(Fragmento da entrevista com a Mariangela Braga Norte)**

Em outros momentos da análise dos fragmentos dos idealizadores, percebemos incompatibilidades nas histórias, perante a isso, decidimos optar pelo depoimento do Antonio Marcos para reconstruir a memória do projeto, devido ao seu maior envolvimento com o PELT, pois o mesmo ficou à frente da coordenação por nove anos, conforme relata em sua narrativa, porém não desconsideramos a narrativa da professora Mariangela, pois ela teve papel fundamental no processo de consolidação do projeto.

A ideia do estudante Antonio Marcos, na época, era oferecer um curso de alemão para a comunidade externa de Tarumã como um meio para desenvolver o seu estágio de regência. A experiência desenvolvida por ele no curso de alemão foi positiva, conforme ele narra no *podcast*, desta forma, o estudante tem a ideia de ampliar esse projeto:

[...] no final de 99 surge a indagação por minha parte de porque não ampliar esse projeto, colocar as outras línguas para os moradores do nosso município. Com essa ideia, eu fui procurar a professora Ingrid que me orientou na época a procurar o departamento de educação haja vista que a modalidade teria que ser viabilizada por esse departamento. No final de 99 e início de 2000, em novembro de 99, eu tive meu primeiro contato com a professora Gisele Domingues do Mar, então, responsável pelo Departamento de Educação na questão de ensino de línguas estrangeiras e a professora Mariangela Braga Norte, ambas, as duas precursoras na Universidade de UNESP de Assis desse projeto.

Em 2000 já com a ideia do projeto formatado, ê, eu procurei o prefeito, então, Prefeito Municipal, o senhor Oscar Gozzi e a secretária de Educação professora Terezinha de Jesus Godoy com a possibilidade de apresentação desse projeto, que seria um projeto que teria como objetivo ajudar os alunos do quarto ano do curso de Letras num espaço para fazer seus estágios, ajudar o município no que tange à ampliação cultural e, sobretudo, quebrando as barreiras da universidade e levando o conhecimento acadêmico. [...]

Em meados de 2000 com a validação, o início concreto foi em 2001 do projeto. Como era algo novo houve todo um trabalho de conscientização e eu fui em todas as escolas do município fazendo divulgação, tentando angariar as pessoas para o projeto. O projeto inicia a sua modalidade em todas as línguas neo-latinas como inglês, francês, alemão, espanhol e, também, japonês. **(Fragmento da entrevista com o Antonio Marcos)**

Pelos relatos percebemos que a primeira experiência com o curso de alemão desenvolvido na época pelo estudante Antonio Marcos, foi positiva, desta forma, foi cogitada uma parceria com a UNESP de Assis e a SEMEC de Tarumã, a qual visasse um projeto gratuito de ensino de línguas estrangeiras, tais como inglês, francês, alemão, espanhol e japonês, para a comunidade externa de Tarumã.

Em outro fragmento do *podcast* da professora Mariangela Braga Norte, fica claro o quanto a experiência pedagógica desenvolvida na cidade de Tarumã foi positiva

[...] conversamos com o prefeito, [...] ele foi muito gente fina, ele deu xerox, ele cedeu um lugar para as aulas, ele dava giz e depois como ele queria todas as línguas estrangeiras [...] e os alunos, moravam em Assis, ele passou a fornecer para os alunos passe de ônibus e lanche, então, os nossos estagiários que saíam de Assis da UNESP de Assis para dar aula em Tarumã tinham um lanche gratuito e transporte gratuito que o prefeito fornecia, e isso fortaleceu muito e eles tinham muitos alunos. Para nós foi ótimo e também para a população de Tarumã, também. Isso foi crescendo [...]. **(Fragmento da entrevista com a Mariangela Braga Norte)**

A experiência iniciada na década de 90, conforme aponta o processo 161/05 e os relatos dos idealizadores tiveram bons resultados e instigou a SEMEC a propor parceria com a UNESP de Assis. Desta forma, ambas as instituições firmaram oficialmente o convênio em 2005. A justificativa para continuidade do PELT, após a experiência realizada entre os anos 1997 e 2004, atrelou-se, de acordo com os relatos obtidos, à satisfação dos participantes que fizeram parte da experiência pedagógica entre os referidos anos.

A partir dos relatos obtidos fica nítida a importância que o PELT tem para o município de Tarumã e para a UNESP de Assis, sendo que já são mais de dezoito anos de parceria.

O projeto em si proporcionou ao município um avanço cultural extraordinário. Fruto disso, logo após foi um processo desenvolvido pelo Rotary Club de Tarumã no município, no qual o município possui mais de dez pessoas jovens que já fizeram intercâmbio cultural para outros países e o município já recebeu mais de 12 intercambistas de outros países. Com tudo isso houve uma evolução cultural de todos esses jovens e de toda a população. Durante esse período de nove anos o que eu pude perceber na coordenação do projeto foram ações de cultura e de língua se somaram, também, à ação dos jovens enquanto protagonistas de um processo de globalização.

[...] O atendimento aproximadamente nesse período todo de 20 anos de projeto mais de duas mil pessoas passaram por esse processo, o que para nós simboliza hoje em torno de 15 a 20 por cento das pessoas que estão no nosso município que é algo importante e eu creio que o projeto fez a sua parte, contribuiu para o desenvolvimento social, isso sem sombra de dúvida no futuro vai ter a possibilidade de criar uma sociedade ainda melhor através desses elementos. **(Fragmento da entrevista com o Antonio Marcos)**

Em relação à duração do projeto, conforme aponta o processo 161/05, seria no máximo cinco anos, podendo ser renovada mediante termo aditivo com consolidação de ambas as instituições, no caso, a Prefeitura Municipal de Tarumã e a FCL de Assis. Observamos pela leitura e análise do processo 161/05 que o PELT, como já ressaltado, firmado oficialmente por convênio em 2005, foi renovado por meio de termo aditivo até o ano de 2015. A partir deste ano, o projeto não foi renovado, permanecendo, aproximadamente, um ano sem funcionamento, retornando em 2017. O motivo não foi explicitado no convênio. Diante desse fato, elaboramos uma linha cronológica do tempo do projeto PELT com os respectivos coordenadores da UNESP de Assis, desde 1993 até 2019, para esboçar a parceria do projeto com a FCL. Também, no ano de 2020, a Prefeitura Municipal de Tarumã, elaborou uma linha cronológica sobre a criação do projeto PELT, baseada nas informações dos *podcast* dos idealizadores, Antonio e Mariangela.

QUADRO 2: Linha cronológica do projeto PELT e seus respectivos coordenadores da UNESP entre 1997 e 2009⁸

Início do programa PELT em parceria com a FCL Assis	Experiência realizada entre 2001 e 2004	O convênio é oficialmente estabelecido entre as Instituições e 1º termo aditivo	2º termo aditivo	3º termo aditivo	4º termo aditivo	Término do convênio entre as Instituições
1997	2001-2004	2005	2006	2007	2008	2009
Profa. Dra Mariangela Braga Norte	Profa. Dra. Gisele Domingos do Mar	Profa. Dra. Gisele Domingos do Mar	Profa. Dra. Gisele Domingos do Mar	Profa. Dra. Rosa Hiroko Matsuzaki	Profa. Dra. Rosa Hiroko Matsuzaki	Prof. Dr. João Antonio

⁸ O convênio do projeto PELT em parceria com a Unesp de Assis e a Prefeitura Municipal de Tarumã deu início oficialmente em 2005 sendo prorrogado anualmente a partir dos termos aditivos sendo quatro ao total e encerrando a parceria em 2009.

QUADRO 3: Linha cronológica do projeto PELT e seus respectivos coordenadores da UNESP entre 2010 e 2021^{9 10}

O convênio é estabelecido novamente entre as Instituições e 1º termo aditivo	2º termo aditivo	3º termo aditivo	4º termo aditivo	5º termo aditivo	6º termo aditivo	Renovação do convênio entre as Instituições
2010	2011	2012	2013	2014	2015	2017-2021
Prof. Dr. João Antonio	Profa. Dra Rozana Aparecida Lopes Messias					

FONTE: Processo 161/05, 2005, adaptado pela autora, 2020.

⁹A parceria entre a Prefeitura Municipal de Tatumã e a UNESP de Assis relacionada ao PELT reafirmam novamente o convênio em 19/03/2010 sendo prorrogado anualmente a partir dos termos aditivos sendo seis ao total e encerrando no ano de 2021 o convênio.

¹⁰No ano de 2016 o convênio entre as instituições não foi revogado, desta forma, permanecendo um ano sem as atividades no PELT, reafirmando o convênio apenas no ano de 2017. O motivo não foi explicitado no processo 161/05.

FIGURA 4: Timeline do projeto PELT desde 1997 a 2020 organizado pela Prefeitura Municipal de Taramã¹¹



FONTE: Prefeitura Municipal de Taramã, 2020

¹¹ A *timeline* do projeto PELT foi organizada pela Prefeitura Municipal de Taramã no ano de 2020 e reconta a história do projeto desde sua idealização em 1997 até o ano de 2020. Para tal, as informações contidas na linha do tempo foram retiradas do *podcast* gravado por um dos idealizados do PELT, Antonio Marcos da Costa Lima.

No que diz respeito ao papel da SEMEC de Tarumã, observamos a explicitação, pelo processo 161/05, de que um de seus objetivos é desenvolver projetos especiais que atendam às necessidades da população da referida cidade em relação ao desenvolvimento cultural, científico e social. Está entre esses projetos o PELT, o qual possibilita a democratização do acesso às línguas estrangeiras modernas, estimulando os jovens tarumaenses a aprender um novo idioma e oportuniza possibilidades acadêmicas e empregatícias para os mesmos, gerando um ganho muito significativo para os habitantes e município, segundo o documento observado.

A expectativa, por parte da SEMEC, conforme o processo 161/05, ao cogitar firmar convênio com a UNESP de Assis era de que o PELT (Projeto de Ensino de Línguas de Tarumã) fosse semelhante à estrutura e atendimento do Centro de Estudos de Línguas (CEL) do estado de São Paulo. Esse, por sua vez, é um espaço de oferta de cursos gratuitos de línguas estrangeiras tais como: inglês, espanhol, francês, alemão, italiano, mandarim e japonês, voltado para alunos matriculados nas escolas da rede estadual de São Paulo, sendo implementado em várias cidades da região paulista desde 1987.

No CEL, os cursos de idiomas são voltados para jovens da educação básica, que buscam conhecimentos linguísticos e culturais relacionados às línguas estrangeiras. O objetivo de oferecer cursos públicos de idiomas para os estudantes, no caso do CEL, é “[...] proporcionar aos alunos das escolas públicas estaduais uma possibilidade diferenciada de aprendizagem de várias línguas estrangeiras modernas [...] (BRASIL, 1987).” Tendo como referência a estrutura regimental do Centro de Estudo de Línguas, a criação da proposta do PELT respalda-se no decreto nº 27.270/87¹² como modelo para sua implementação e organização.

A coordenação do PELT é de responsabilidade da Prefeitura Municipal de Tarumã, responsáveis pela compra do material pedagógico e aporte financeiro aos professores vinculados ao projeto. A UNESP, por sua vez, contribui com a coordenação pedagógica, que fica a cargo de um professor doutor da área de educação vinculado à FCL de Assis. Esse docente tem por função orientar os professores em formação inicial e oferecer suporte teórico pedagógico.

O PELT foi idealizado, segundo o processo 161/05, com o objetivo principal de oferecer aos estudantes do Ensino Fundamental II e comunidade externa o contato com as diversas línguas estrangeiras, no caso, inglês, espanhol, italiano, francês, alemão e japonês. Os cursos ofertados possuem a duração de três anos, divididos em seis semestres, distribuídos em três

¹²O decreto nº 27270/87 trata da criação do Centro de Estudo de Línguas (CEL) na rede estadual de ensino do estado de São Paulo.

níveis, sendo básico, intermediário e avançado. As aulas semanais são divididas em dois dias da semana, de acordo com as respectivas línguas e com duração de uma hora e meia cada.

Os alunos participantes do projeto, ao final do curso, recebem um certificado, expedido pela SEMEC em parceria com a UNESP de Assis e assinados por seus respectivos coordenadores. Da mesma forma, os professores (graduandos em Letras) recebem uma declaração das atividades cumpridas que pode servir para validar o estágio supervisionado obrigatório e, também, como um comprovante de atividade desenvolvida como professor em formação inicial de línguas estrangeiras.

FIGURA 5: Modelo de certificado de participação no projeto PELT na categoria de professor em formação inicial



FONTE: Prefeitura Municipal de Tarumã, 2020.

Com relação à difusão de vagas para participar do projeto, de acordo com os relatos e observações que efetuamos no decorrer do período em que estivemos vinculados ao PELT, todo início de ano letivo ocorrem divulgações. Normalmente, no mês de fevereiro ou março, os professores (alunos da UNESP que ministrarão as aulas) em parceria com o coordenador responsável da Prefeitura Municipal de Tarumã, visitam as escolas públicas de Tarumã com o intuito de apresentar o projeto. Para essa atividade, a coordenação pedagógica orienta os professores bolsistas a utilizarem o idioma estrangeiro como uma forma de instigar a curiosidade dos estudantes e mostrar-lhes como é possível aprender um idioma estrangeiro.

Como parte do acordo institucional entre Universidade e Prefeitura, nesse processo de divulgação do projeto, essa última arca com todos os custos de alimentação e transporte dos professores (alunos da graduação que se deslocam). Há também a divulgação feita na página do PELT e da Prefeitura Municipal de Tarumã, ambas no *Facebook*, bem como no *website* da Prefeitura de Tarumã. Observamos, enquanto participantes do PELT, que esse sistema múltiplo de divulgação tem auxiliado na procura pelos cursos oferecidos.

FIGURA 6: Divulgação das inscrições do projeto PELT em 2019 na página do *Facebook*



FONTE: *Facebook*, 2020.

Os alunos interessados em fazer as aulas de línguas estrangeiras nos cursos ofertados, realizam a inscrição mediante formulário *online*, o qual deve ser preenchido com informações pessoais e escolares. A partir de tais dados, a coordenação contacta os estudantes para a confirmação da matrícula. Não há nenhuma cobrança de taxas pela Prefeitura, os cursos são gratuitos e, inclusive, os materiais utilizados não possuem custo para o estudante.

Do outro lado, no processo de seleção dos licenciandos em Letras interessados em participar do PELT na categoria de professor em formação inicial de língua estrangeira, os critérios para seleção iniciam-se pelo fato de estar matriculado no curso de Letras da UNESP de Assis, a partir do segundo ano da graduação. Desde 2018, é efetuado um processo seletivo realizado pelo coordenador pedagógico, em parceria com outros professores das respectivas línguas estrangeiras (vinculados ao departamento de Letras Modernas). A divulgação do processo seletivo é feita mediante envio de *email* direcionado aos estudantes do curso de Letras em geral contendo informações do projeto e edital com as regras do processo seletivo. A

avaliação do candidato é feita seguindo critérios como: currículo acadêmico, prova prática e oral. Os resultados são divulgados por *email*.

Os professores em formação inicial que ministram aulas de línguas estrangeiras no PELT são considerados como estagiários da Prefeitura Municipal de Tarumã, não implicando vínculo empregatício, conforme rege a legislação sobre estágios. Os estagiários, em 2019, recebiam uma bolsa no valor de R\$ 300,00, auxílio-transporte e alimentício, paga pela referida instituição,

A Lei Federal nº 11.788, que rege sobre a concessão de estágios curriculares de estudantes brasileiros, tanto em nível médio como superior, em seu art. 8, dispõe sobre convênios estabelecidos com setores públicos e privados para realização de estágios curriculares, o qual tem por concepção visar “[...] o aprendizado de competências próprias da atividade profissional e à contextualização curricular, objetivando o desenvolvimento do educando para a vida cidadã e para o trabalho (BRASIL, 2008, p.1)”. Desta forma, podemos considerar o PELT como um contexto de aprendizagem profissional para os professores em formação inicial que ministram aulas de línguas estrangeiras nesse espaço.

Um dado relevante sobre Tarumã, que reforça a visibilidade do PELT perante a comunidade, é o fato dessa cidade, não possuir escolas particulares de educação básica e nem cursos de idiomas privados. Nessa lacuna, o PELT mantém-se, desde sua criação, como um contexto de ensino público que favorece a democratização do acesso aos estudos de línguas estrangeiras modernas para os tarumaenses. Essa parceria pedagógica entre a Prefeitura Municipal de Tarumã com a UNESP (FCL/Assis) ressalta, também, o papel social que a Universidade possui no atendimento às demandas sociais e culturais da sociedade.

O PELT, desde sua abertura em 1997 até o ano de 2015 ofertava todas as línguas do currículo do curso de Letras da FCL/UNESP de Assis, no caso, inglês, espanhol, francês, italiano, alemão e japonês. Todavia, tendo como parâmetro o número de estudantes matriculados por língua e a contenção de despesas a Prefeitura Municipal de Tarumã, em parceria com a coordenação da UNESP, decidiu oferecer somente as línguas inglês e espanhol, a partir de 2017, o que perdurou até 2019.

Sobre esse fato, observamos pelo processo 161/05, a gradativa redução das línguas ofertadas pelo projeto desde sua abertura em 1997 até 2016. A partir desse dado, levantamos o seguinte questionamento: ou a população realmente se interessa pelos cursos de inglês e espanhol, devido a maior globalização cultural atrelada a essas línguas, ou a redução das demais línguas ofertadas pelo projeto implica, realmente, numa questão financeira, ou seja, quanto

maior o número de cursos ofertados, maior os gastos com o pagamento de bolsas e outras demandas do projeto para a Prefeitura Municipal de Tarumã. Observamos que, o projeto PELT por ser um contexto de formação inicial de professores de línguas, este corte representa uma grande perda.

2.2 Reestruturação do PELT: Novas Perspectivas

O ano de 2019 no PELT foi planejado pelos envolvidos (Prefeitura de Tarumã e UNESP de Assis) com o intuito de remodelar o projeto para melhor atender as demandas de professores e alunos matriculados no curso. Em reuniões, das quais participamos, todos os envolvidos (licenciandos-professores, coordenador pedagógico e representantes da coordenação e gestão do projeto vinculados à Prefeitura de Tarumã) sugeriram mudanças e inovações para contribuir com a evolução do projeto.

No âmbito de tal planejamento, foi elaborado um plano de ação pelos coordenadores e supervisores de ambas as instituições no início de 2019, este plano de ação tinha como objetivo aprimorar o funcionamento do projeto. Nesse ínterim, foi idealizado um questionário *online* com os professores, coordenadores da UNESP de Assis e Prefeitura Municipal de Tarumã para verificar opiniões e expectativas sobre o projeto para o ano de 2019. Partindo das respostas do questionário *online*, foram elencadas metas para o plano de ação, tais como compra de livros didáticos para os professores e equipamentos de multimídia, elaboração de grade curricular, entre outras metas, as quais elencaremos mais adiante nesta seção.

Alguns pontos foram abordados de formas mais intensas no plano de ação, tais como, questões pedagógicas relacionadas às práticas de sala de aula, organização pedagógica, materiais didáticos, recursos pedagógicos e estrutura pedagógica. Algumas ações constatadas no questionário *online* já haviam sido implementadas em outros anos, como plano de aula, avaliação bimestral e oferecimento de recursos midiáticos para uso dos professores, porém de forma escassa, conforme observamos nos anos que participamos do projeto na categoria de professora em formação inicial.

Um ponto discutido no plano de ação foi a questão relacionada à evasão dos alunos matriculados nos cursos de inglês e espanhol do PELT. Em uma pesquisa realizada no ano de 2017, constatou-se que havia 168 alunos matriculados ao todo e apenas 49 encerraram o curso no referido ano e em 2018 um total de 178 alunos matriculados e apenas 46 concluíram o primeiro modo neste ano. Ou seja, uma evasão de aproximadamente de 72,05% dos alunos nos referidos anos, conforme aponta a pesquisa. Com a revisão de algumas ações, a coordenação do

projeto observou que no ano de 2019 registrou-se um total de 100 alunos matriculados para os cursos de inglês e espanhol, sendo 65 para inglês e 35 para espanhol e, ao final do primeiro módulo, 74 alunos encerraram as turmas, ou seja, houve um avanço em relação à diminuição do índice de evasão de alunos.

No ano de 2019, o projeto teve seis turmas de estudantes, sendo: Inglês Básico (Turma A e B), Inglês Intermediário (Turma A), Inglês Avançado (Turma A), Espanhol Básico (Turma A) e Espanhol Intermediário (Turma A). Os níveis linguísticos para o projeto PELT, de acordo com a tabela de nivelamento do projeto seguem de acordo com o Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas (*Common European Framework of Reference for Languages – CEFR*), o qual estabelece seis níveis linguísticos¹³ para descrever a proficiência linguística, sendo A – Básico (A1 Iniciante e A2 Básico), B – Independente (B1 Intermediário e B2 Usuário Independente) e C – Proficiente (C1 Proficiência operativa eficaz e C2 Domínio Pleno).

Em relação aos professores atuantes no ano de 2019, foram seis, quatro de língua inglesa e dois de espanhola, todos alunos matriculados no curso de Letras a partir do segundo ano e aprovados mediante processo seletivo. A respectiva escalação das aulas e horários para os professores e alunos foram as seguintes:

QUADRO 4: Horários das aulas e dias da semana do projeto PELT em 2019

<u>Segunda-feira das 19:15 até 20:45</u>
Inglês Básico – Turma A
Inglês Básico – Turma B
Inglês Intermediário – Turma A
<u>Terça-feira das 19:15 até 20:45</u>
Espanhol Básico – Turma A
Espanhol Intermediário – Turma A
Inglês Avançado – Turma A

FONTE: PELT, 2020.

As aulas do PELT acontecem em uma escola cedida pela Prefeitura Municipal de Tarumã, em um bairro de fácil acesso para os professores e alunos. Nos dias das aulas, há o monitoramento de um coordenador, funcionário da Prefeitura Municipal de Tarumã. Esse profissional presta apoio aos alunos e professores e, também, supervisiona e medeia possíveis problemas, irregularidades e descumprimentos (tanto por parte dos professores quanto dos

¹³Disponível em <https://www.britishcouncil.org.br/quadro-comum-europeu-de-referencia-para-linguas-cefr>. Acesso em: 12 abril. 2020.

alunos). Além da presença do coordenador, a partir das demandas expressas na avaliação efetuada pela coordenação, a partir de 2019 passou a figurar no projeto um estagiário (estudante de Pós-graduação) contratado como bolsista para auxiliar os professores com suporte teórico e com outras demandas pedagógicas, presencialmente na escola. Esse estagiário acompanha e auxilia o professor orientador pedagógico da UNESP nas demandas de planejamento e acompanhamento das aulas ministradas pelos professores bolsistas.

Abaixo, elencamos, então, de forma explícita, as mudanças que se seguiram ao longo do semestre de 2019 para o projeto, promovidas pela avaliação e concretizadas no plano de ação:

- Contratação de um bolsista, cuja função seria auxiliar a coordenadora da UNESP de Assis e oferecer suporte teórico e pedagógico para a equipe de coordenadores da Prefeitura Municipal de Tarumã e aos professores;
- Criação de grupos no *WhatsApp* com os professores e coordenadores, com o intuito de discutir questões relacionadas à prática docente e dificuldades encontradas no dia a dia;
- Foi realizada a compra e implantação de equipamentos de som e mídia nas salas de aulas, como caixas de som, microfones e *notebooks*, para uso exclusivo dos professores do PELT, com o intuito de utilizar diferentes recursos pedagógicos nas aulas de línguas estrangeiras;
- Elaboração de um currículo pedagógico das línguas estrangeiras oferecidas no projeto, tais como, inglês e espanhol (disponível em anexos);
- Uso de um *drive* para postagens de sequências didáticas e materiais pedagógicos, informações sobre alunos matriculados e professores. O objetivo de utilizar o *Google Drive* foi organizar um espaço onde a memória¹⁴ do PELT pudesse ser organizada. Tal ação foi decorrente da criação de uma conta de *email* (tarumapelt@gmail.com), a partir disso, o *Google Drive* passou a servir como depósito de arquivos e informações subdivididos em pastas com o respectivo nome do professor participante do projeto. O acesso ao *drive* foi compartilhado com os professores e coordenadores do projeto para que pudessem armazenar os dados produzidos em sua pasta, por exemplo, lista de presença, cronograma de curso, atividades pedagógicas e fotos;

¹⁴Antes do uso do *drive*, muitas informações sobre o projeto foram perdidas por não utilizarem um armazenamento digital ou por outros fatores como, por exemplo, questão de organização dos dados.

- Criação de uma conta no *Facebook* para divulgar as ações empreendidas pelo projeto para a comunidade externa e interna, contendo postagens¹⁵ sobre eventos culturais, informações e fotos;

FIGURA 7: Perfil do projeto PELT no *Facebook*



FONTE: Página do *Facebook*, 2020.

- No ano de 2019, foi realizada a compra de material didático para uso dos professores de inglês e espanhol, tal aquisição também foi custeada pela Prefeitura Municipal de Tarumã.¹⁶ O material foi comprado de acordo com indicação dos professores e coordenadores, totalizando quatorze livros;

QUADRO 5: Livros didáticos comprados no ano de 2019

Livro - língua inglesa	Interchange Intro – Student’s book (Fifth edition – 2017)	2 unidades
Livro - língua inglesa	Interchange Intro – Teacher’s Edition (Fifth edition 2017)	2 unidades
Livro - língua inglesa	Interchange Intro – Workbook (Fifth edition 2017)	2 unidades
Livro - inglesa inglesa	Interchange 1 Student’s book (Fifth edition 2017)	1 unidade

¹⁵ Outras informações acerca do projeto podem ser obtidas também pelo *site* oficial da Prefeitura Municipal de Tarumã (<https://www.taruma.sp.gov.br/>).

¹⁶ Os valores dos livros didáticos foram disponibilizados pela Prefeitura Municipal de Tarumã totalizando ao todo R\$ 1.698,00.

Livro - língua inglesa	Interchange 1 Teacher's Edition (Fifth edition 2017)	1 unidade
Livro - língua inglesa	Interchange 1 Workbook (Fifth edition 2017)	1 unidade
Livro - língua inglesa	Interchange 2 Student's book (Fifth edition 2017)	1 unidade
Livro - língua inglesa	Interchange 2 Teacher's edition (Fifth edition 2017)	1 unidade
Livro - língua inglesa	Interchange 2 Workbook (Fifth edition 2017)	1 unidade
Livro - língua espanhola	Cercanía 6 – Espanhol (Primeira edição 2014)	1 unidade
Livro - língua espanhola	Cercanía 7 – Espanhol (Primeira edição 2014)	1 unidade

FONTE: PELT, 2020.

- Eventos culturais foram realizados com mais intensidade no ano de 2019, tais como *Memorial Day*, *Independence Day*, *Halloween Party*, Festa Junina e Palestras. A maioria dos eventos contou com a organização dos professores, coordenadores e intercambistas que visitavam a UNESP de Assis;
- As reuniões pedagógicas passaram a ser quinzenais e não apenas uma vez por mês, como acontecia em anos anteriores e, também, ao longo do ano de 2019 foram realizadas reuniões de pais e responsáveis. A proposta foi acatada com o intuito de melhorar a comunicação entre os participantes e proporcionar um espaço dialógico entre coordenadores, professores, pais e alunos;
- Foi proposto para o ano de 2019 que os professores em parceria com os coordenadores da UNESP elaborassem uma grade curricular com a intenção de organizar os conteúdos pedagógicos por módulos e objetivos. Também, foi sugerido aos professores a elaboração de um cronograma de curso, com o intuito de organizar o roteiro de estudos.
- No ano de 2019 foram realizadas duas pesquisas de satisfação pela Prefeitura Municipal de Tarumã, uma voltada para a comunidade interna de Tarumã, ou seja, os estudantes, e outra direcionada aos professores atuantes do projeto, para verificar o grau de satisfação em participar do PELT. As duas pesquisas foram realizadas por meio da plataforma *Google Forms*. Ambas as pesquisas tiveram como enfoque ouvir os participantes para possível melhoria do projeto.

Essas foram as mudanças implementadas no PELT no ano de 2019, tendo em vista a pesquisa efetuada pelos coordenadores com vistas à melhoria da estrutura e regimento do projeto. O que os coordenadores buscavam era, pelo menos o que era exposto em reuniões às quais participamos, proporcionar um contexto favorável para ambas às instituições, dar

visibilidade ao trabalho da Prefeitura Municipal de Tarumã e viabilizar o desenvolvimento pedagógico dos licenciandos envolvidos.

Em relação ao plano de ação elaborado pelos supervisores, coordenadores e professores em parceria com a Prefeitura Municipal de Tarumã e a FCL de Assis, observamos, no final de 2019, que muitas metas haviam sido alcançadas, o que ratifica a relevância da avaliação aplicada no início do corrente ano.

Buscamos, nesse capítulo, caracterizar o PELT quanto a sua estrutura e história. Desde a sua criação em 1997, há uma escassez de documentos sobre sua constituição histórica. Muito se perdeu no tempo, talvez, devido à falta de organização de armazenamento de dados ou recursos para tal feito. Dessa forma, almejamos contribuir para o resguardo da história desta parceria entre as instituições, Prefeitura Municipal de Tarumã e a Universidade (UNESP de Assis), vigente há mais de dezoito anos como um espaço de formação inicial de professores de línguas estrangeiras. Discutiremos na próxima seção sobre formação inicial de professores de LE, relevância do projeto PELT para o desenvolvimento inicial dos envolvidos nesse espaço e, também, sobre a extensão universitária.

3. FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

“Na formação para a aquisição do conhecimento profissional pedagógico básico, deve haver lugar para a mudança, e não temos de temer a utopia. Muitas coisas que hoje são realidade pareciam utópicas há apenas alguns anos. A formação do professor de qualquer etapa educativa não pode permitir que as tradições e costumes, que se perpetuaram com o passar do tempo, impeçam que se desenvolva e se ponha em prática uma consciência crítica nem que dificultem a geração de novas alternativas que tornem possível uma melhoria na profissão.”
(Imbernón, 2011, p. 68)

No presente capítulo, discorreremos sobre a formação inicial de professores, especificamente, no âmbito das línguas estrangeiras. Para tanto, nossa explanação permeia estudos da Linguística Aplicada e da Educação. Também, discutiremos a respeito do projeto PELT e sua importância na formação inicial de professores de línguas estrangeiras no curso de Letras da Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP, os quais atuam como professores em formação inicial durante a licenciatura. Em seguida, abordaremos a questão da extensão universitária e sua importância, além de pontuar outros projetos que o curso de Letras da FCL oferece para fomentar a formação inicial dos licenciandos.

3.1 O Projeto de Ensino de Línguas de Tarumã (PELT) na formação inicial de professores de línguas estrangeiras no curso de Letras da UNESP de Assis

Analisando a trajetória do PELT, desde sua criação em 1997 até o ano de 2019, destacamos a relevância desse projeto para a sociedade Tarumaense e para a UNESP de Assis, já que são mais de dezoito anos de atuação. A parceria resistiu ao longo do tempo por seu papel social. Se, de um lado a Prefeitura enxergava seu potencial pelo fato de que o acesso às línguas estrangeiras configura-se como uma boa “publicidade” política, os responsáveis pelo projeto vinculados à UNESP de Assis vislumbravam seu potencial na formação inicial docente dos licenciandos de Letras, os quais puderam ter um contexto de atuação profissional ainda em período de formação.

Analisando o processo 161/05, o qual versa sobre o convênio estabelecido entre a Prefeitura Municipal de Tarumã e a FCL de Assis, percebemos a relevância dessa parceria pedagógica pela leitura dos pareceres escritos pelos coordenadores da UNESP. Os relatórios ressaltam o potencial do projeto para a formação inicial dos licenciandos do curso de Letras da UNESP de Assis que participaram do projeto na categoria de professor em formação de línguas estrangeiras e, também, a importância da continuidade do projeto para ambas as instituições.

O primeiro relatório pedagógico integrado no processo 161/05, escrito no ano de 2005, por uma das coordenadoras da UNESP de Assis, enfoca a relevância da parceria entre as instituições, Prefeitura Municipal de Tarumã e a FCL:

[...], durante a sua vigência, será gerado um benefício para a comunidade interna, com a proveitosa atuação dos alunos de graduação, em final de curso junto à comunidade externa, como estagiários da Prefeitura Municipal de Tarumã, bem como o atendimento de um grupo alvo, formado majoritariamente por alunos de escola pública, o que constitui um importante serviço de extensão para a Universidade. (Processo 161/05, p.27).

Em outro parecer, escrito no ano de 2009 por uma das coordenadoras do projeto, fica evidente o forte impacto que o PELT tem para o aluno da graduação em Letras no seu processo de formação inicial docente, o qual ministra aulas de línguas estrangeiras neste espaço educativo enquanto constitui-se professor:

O projeto executado desde o ano 2005 vem contribuindo, de forma ampla, na formação acadêmica dos alunos de Letras que estudam e pesquisam as diversas culturas e línguas. O convênio oferece aos alunos [...], um contexto real para adquirir experiência na sala de aula da Rede Pública Municipal, o que dá uma base sólida para o início de sua vida profissional. (Ibid., p.63).

O último relatório que consta nos arquivos do processo 161/05, no ano de 2015, ressalta, novamente, a importância do vínculo entre as instituições e a ênfase no processo de desenvolvimento da formação inicial docente dos licenciandos participantes do projeto:

[...], ressaltamos que a experiência vivenciada no projeto PELT é de imensurável importância para o desenvolvimento profissional dos alunos de Letras envolvidos. Configura-se como um espaço de formação pedagógica e humana, em que os alunos aprendem a lidar com as diferenças, com a indisciplina, com a necessidade de aprimoramento dos conhecimentos da língua que estudam na graduação, os funcionários da escola, as coordenações da UNESP e da Prefeitura, entre outras questões que afloram no processo de interação com os adolescentes atendidos. (Ibid., p.125)

Perante as demonstrações dos fragmentos dos relatórios escritos pelas coordenadoras em determinados anos e que constam no processo 161/05, convênio entre as instituições, fica evidente que o projeto PELT propaga o papel social que a Universidade cumpre diante da comunidade e, mais uma vez, sua relevância para a formação docente e para a comunidade de Tarumã.

O PELT, de acordo com sua configuração, pode ser descrito como um espaço para a realização das primeiras experiências de docência do estudante de Letras da FCL de Assis, bem como um espaço onde muitos realizam o estágio curricular obrigatório do curso e, de outro lado, oferece ensino gratuito de línguas estrangeiras para os estudantes tarumanenses vinculados ao projeto. Desta forma, podemos considerar o PELT como uma ação extensionista para a UNESP

de Assis, pois proporciona ao licenciando, futuro professor, um contexto de atuação profissional enquanto ainda está em período de formação, e de outro lado fomenta a interação Universidade-Sociedade, nesse caso, a FCL e a comunidade de Tarumã.

A Extensão Universitária, de acordo com a Resolução que dispõe sobre o Regimento Geral da Extensão Universitária, publicada no ano de 2012, define-a como “processo educativo, cultural e científico, que se articula ao ensino e à pesquisa de forma indissociável, e que viabiliza a relação transformadora entre a Universidade e a sociedade. (UNESP RESOLUÇÃO, 2012, p. 01). Um dos principais objetivos da Extensão Universitária, de acordo com a Resolução, artigo 10, é proporcionar o desenvolvimento profissional, divulgar e socializar com a comunidade externa o conhecimento e trabalho feito no âmbito dos projetos, programas e ações extensionistas.

Segundo Brancatti (2018), os projetos, programas e ações extensionistas são

espaços de formação fundamentais e importantes para à formação inicial, pois ele permite a troca de experiência entre os pares; favorecem atitudes de respeito, compromissos e empatia entre eles; permite a instrumentalização de novos conhecimentos e permitem uma bagagem formativa dentre os vários contextos pedagógicos de ensino e aprendizagens, e, transformam as pessoas, tanto os estudantes como as pessoas [...] que participam dos projetos. (BRANCATTI, 2018, p. 113).

No caso, o projeto PELT, configura-se como uma Extensão Universitária decorrente de um convênio firmado entre Prefeitura Municipal de Tarumã em parceria com a Faculdade de Ciências e Letras de Assis (UNESP), e segundo a Resolução, artigo 23, os projetos, programas e ações extensionistas caracterizam-se por ser um “conjunto de atividades de caráter educativo, cultural, artístico, científico e tecnológico, que envolva docentes, pesquisadores, discentes (bolsistas ou voluntários) e servidores técnico-administrativos, desenvolvidas junto à comunidade” (UNESP RESOLUÇÃO, 2012, p. 6) e dispõe as seguintes características, segundo a Resolução, artigo 8º:

- I - integrar o ensino e a pesquisa com as demandas da sociedade, buscando o comprometimento da comunidade universitária com interesses e necessidades da sociedade, em todos os níveis, estabelecendo mecanismos que relacionem o saber acadêmico ao saber popular;
- II - democratizar o conhecimento acadêmico e a participação efetiva da sociedade na vida da Universidade;
- III - incentivar a prática acadêmica que contribua para o desenvolvimento da consciência social e política, formando profissionais-cidadãos;
- IV - participar criticamente das propostas que objetivem o desenvolvimento regional, econômico, social e cultural;
- V - contribuir para reformulações de concepções e práticas curriculares da Universidade, bem como para a sistematização do conhecimento produzido. (UNESP RESOLUÇÃO, 2012, P. 3-4).

Nesse ínterim, apresentamos o PELT como sendo um convênio entre a Prefeitura Municipal de Tarumã, uma instituição privada, e a UNESP de Assis, o que configura-se para a Universidade um projeto de extensão universitária, pois representa a parceria com a comunidade externa. Ainda nessa parceria, o projeto é um espaço favorável para a realização do estágio curricular, uma vez que os graduandos podem acessar o contexto escolar em suas experiências pré-serviço. Além de ser um contexto que promove a aprendizagem da docência e o discente pode refletir sobre sua prática pedagógica, a partir da observação de sua própria atuação, revisitando e questionando seus atos, o que pode auxiliar em sua formação profissional.

No tocante a extensão universitária no curso de Letras da FCL/Assis, a Universidade oferece aos futuros professores experiências significativas para a formação inicial por meio da vivência em projetos e ações extensionistas. Surgem como exemplos de projetos: o Centro de Línguas e Desenvolvimento de Professores (CLDP), Universidade Aberta a Terceira Idade (UNATI), PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) e o Residência Pedagógica. Esses projetos visam induzir os discentes em contextos de desenvolvimento da prática docente e proporcionar ao futuro professor um diferencial em sua formação inicial.

Chamamos a atenção para a questão das experiências de egressos que passaram por esses espaços na categoria de professor em formação de língua estrangeiras, e possibilitou gerar pesquisas acadêmicas que apontam a importância desses projetos, no tocante, a formação inicial. Como por exemplo, a dissertação de mestrado “Formação Inicial de Professores de Língua Espanhola no Centro de Línguas da UNESP FCL/Assis” (2020) de Edson Luis Rezende Junior e, também, a pesquisa “Ensinar Língua Japonesa em um Centro de Línguas Universitário: Quem faz essa opção?” (2021) de Isabella Hoglhammer Secone. Essas investigações demonstram a importância da pesquisa universitária atrelada à formação inicial docente, pois as experiências vividas nesses projetos possibilitam investigações que corroboram para fomentar o desenvolvimento e políticas de formação inicial de professores no curso de Letras da FCL/Assis.

Em relação ao PELT o diferencial do projeto é que ele conta com a supervisão e orientação de um professor doutor, vinculado ao Departamento de Educação da FCL/UNESP de Assis, para auxiliar os licenciandos com suporte teórico/pedagógico, o que pode ser comprovado pelas observações efetuadas anteriormente acerca das reuniões quinzenais com vistas a discutir sobre as aulas, desafios, dificuldades e eventuais formas de resolução de questões da prática.

Sobre a questão do estágio, os alunos do curso de Letras da UNESP de Assis que ministram aulas de LE no PELT, podem realizar “o estágio como espaço de aprendizagem da

profissão na formação inicial” (PIMENTA; LIMA, 2010, p. 25), pois ainda são alunos da graduação em Letras, além de oferecer um campo de conhecimento e espaço de articulação em relação à teoria *versus* prática, no tocante a formação inicial.

As pesquisadoras Pimenta e Lima (2010, p. 24) ressaltam duas concepções de estágio, tais como, curricular e o profissional. Em relação a essas duas vertentes as professoras definem como sendo:

[...] o estágio curricular, cuja finalidade é integrar o processo de formação do aluno, futuro profissional, de modo a considerar o campo de atuação como objeto de análise, de investigação e de interpretação crítica, a partir dos nexos com as disciplinas do curso. O estágio curricular é campo de conhecimento, portanto volta-se a uma visão ampla deste. [...]. O estágio profissional, por sua vez, tem por objetivo inserir os alunos no campo de trabalho, configurando uma porta de entrada a este, portanto volta-se à especialização e treinamento nas rotinas de determinado segmento do mercado de trabalho (PIMENTA; LIMA, 2010, p. 24).

Em relação ao PELT, podemos considerar um contexto que oferece as duas vertentes do estágio, pois o espaço oportuniza aos professores em formação inicial relacionar a teoria com a prática vivenciando a realidade da sala de aula, ademais disso, familiariza com os espaços escolares e com a rotina docente. Pode ser visto como um espaço que possibilita o desenvolvimento inicial da docência, bem como a construção da identidade profissional docente. A participação no projeto permite, também, aprimoramento com a língua estrangeira alvo, além de possibilitar um espaço propício ao diálogo e a emancipação por sua configuração voltada a partilha e a escuta.

Iniciativas educacionais vêm sendo implantadas nas Universidades brasileiras com o intuito de oferecer oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento docente para fomentar a formação inicial de licenciandos, conforme apontam pesquisas acadêmicas sobre tal temática (ALMEIDA, 2016, AMARAL, 2017; BRANCATTI, 2018). O surgimento dessas iniciativas resalta a necessidade de melhor qualificar a formação inicial de professores para exercer a profissão na educação básica pública ou particular, pois, “são programas sinalizadores de que as licenciaturas não estão oferecendo formação adequada aos futuros docentes.” (GATTI, 2013-2014, p. 41). Os programas de iniciação à docência, tais como o PIBID¹⁷ e Residência

¹⁷O PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) é uma política nacional de formação inicial de professores do Ministério da Educação (MEC) em parceria com a CAPES. O projeto é voltado para estudantes de licenciatura e tem como objetivo oferecer um espaço de aprendizagem profissional da docência para o futuro professor. O PIBID visa à aproximação das Universidades com as escolas públicas, possibilitando trocas de experiências e saberes entre ambas.

Pedagógica¹⁸ são exemplos de políticas educacionais de formação inicial docente, tais iniciativas no âmbito educacional têm como um dos objetivos

[...] melhorar a qualidade dos cursos de formação docente, propiciando aos licenciandos a superação da dicotomia entre teoria e prática, colocando-os em contato com as escolas de educação básica para a convivência e a experiência docente por maior tempo e com a possibilidade de vivências enriquecedoras para a formação em processo. (BORGES, 2013, p. 51).

Conforme apontam alguns estudos (ALMEIDA, 2016; AMARAL, 2017), essas ações formativas têm como objetivo fomentar a formação inicial de futuros professores e tem contribuído para uma formação inicial docente de qualidade, com vistas a romper com a estrutura tradicional de formação. Esses programas proporcionam um contexto em que o licenciando pode articular teoria com a prática, e refletir sobre sua ação pedagógica, além de visar maior aproximação entre a Universidade e as escolas de educação básica.

Atentamos que a participação de alunos da graduação em contextos que visam ao desenvolvimento da docência, tal como o PELT, podem possibilitar ao graduando vivenciar a realidade do contexto educacional da escola de educação básica, bem como seus desafios e dificuldades. Ferreira e Reali (2005), sobre os programas de iniciação à docência, ressaltam que

Os programas de iniciação à docência, também denominados programas de indução, são aqueles voltados para os professores nas suas primeiras inserções profissionais. Têm como objetivo auxiliar o ingresso na profissão de um modo menos traumático, tendo em vista o conjunto de demandas que recaem sobre os profissionais iniciantes e que exigem mudanças pessoais, conceituais e profissionais. No geral, esses programas oferecem apoio e orientação, na perspectiva de promover a aprendizagem e o desenvolvimento da base de conhecimento profissional e auxiliar na socialização com a cultura escolar desses profissionais. (FERREIRA; REALI, 2005, p.2).

Esses programas proporcionam ao aluno refletir sobre a sua prática docente, possibilitando um autoconhecimento em relação ao exercício da docência, uma vez que, tais iniciativas são consideradas como espaços reflexivos para a discussão de problemas e dificuldades enfrentadas pelos alunos no contexto escolar. Geralmente, esses programas têm reuniões pedagógicas, feitas por um professor supervisor da área juntamente com os participantes, com o intuito de sanar possíveis obstáculos e dificuldades relacionadas ao campo educacional, além de contar com apoio teórico/pedagógico, o que é um diferencial. O aluno imerso nesse contexto de iniciação à docência, segundo Ferreira e Reali (2005) pode:

Refletir sobre a profissão, os problemas enfrentados e o contexto do trabalho e das aulas possibilitam criar um hábito que incite os novatos a aprender com suas práticas. Além disso, pode oferecer ao jovem professor elementos que o permita transformar o sistema onde atua, bem como, ajudá-lo na identificação e avaliação dos seus

¹⁸O programa Residência Pedagógica faz parte da política nacional de professores e é vinculado à CAPES. Tem por objetivo selecionar e inserir estudantes de licenciaturas em escolas públicas para desenvolverem atividades e projetos pedagógicos com o objetivo de melhorar a educação básica pública e aperfeiçoar a prática pedagógica.

conhecimentos subjetivos na construção de suas ações. (FERREIRA; REALI, 2005), p. 8-9).

De maneira geral, nosso objetivo neste capítulo foi discorrer sobre o que pensamos sobre o conceito de formação inicial de professores de línguas estrangeiras, além de pontuar a relevância do projeto PELT para o desenvolvimento inicial docente dos envolvidos nesse espaço e, também, a extensão universitária como sendo um meio de formação e desenvolvimentos de pesquisas acadêmicas, no tocante, a formação inicial de professores de LE.

Na próxima seção, passaremos a descrever o perfil biográfico dos participantes e consequente as análises das narrativas de experiências de formação inicial docente dos participantes que atuaram no PELT como professores em formação de línguas estrangeiras (espanhol e inglês), em 2019 e apresentaremos as considerações finais e encaminhamentos futuros acerca desta investigação.

4. TECENDO E ENTRELAÇANDO A TEIA - O QUE CONTAM OS PROFESSORES?

*Penetra surdamente no reino das palavras.
[...]
Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma tem mil faces secretas sob a face neutra
E te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível, que lhe deres:
trouxeste a chave?
(Carlos Drummond de Andrade)*

No presente capítulo apresentamos a análise dos dados obtidos através do corpus de pesquisa por meio das entrevistas sobre as experiências de formação inicial no PELT dos professores participantes em 2019 para, em seguida, apresentarmos nossas considerações finais sobre a investigação. Na primeira seção deste capítulo, traçaremos o perfil biográfico dos participantes enfocando as suas histórias do itinerário pessoal e escolar, e, na próxima seção, passaremos a analisar e discutir as experiências de formação inicial docente no referido contexto.

4.1 Memórias do itinerário pessoal e escolar - Quem são os professores?

Nossa intenção ao tecer esse tópico é recontar as histórias do itinerário pessoal e escolar dos professores atuantes no projeto PELT, em 2019. Para tal, utilizaremos como base as entrevistas narrativas feitas no decorrer de 2020. Propusemos as entrevistas narrativas com o objetivo de recolher as histórias dos professores perpassando pela infância até a chegada no curso de Letras e entrada no projeto PELT. Para tal, elaboramos o seguinte tópico: *Conte-me um pouco de sua trajetória escolar até o curso de Letras da forma que se sentir melhor.*

O contato com o grupo se deu mediante mensagem individual via *WhatsApp*, além de criarmos um grupo para facilitar a comunicação. Após explanar os objetivos da pesquisa, justificativa, relevância, instrumentos de coleta e análise, foi enviado um *email* para os participantes contendo os termos de consentimento livre esclarecido, os quais foram assinados pela pesquisadora e pelos participantes. Foi agendado um dia de acordo com a disponibilidade do professor para realizar a entrevista narrativa com o auxílio de um gravador, posteriormente foram transcritas e entregue aos professores para que lessem e avaliassem a fidedignidade quanto ao que haviam dito.

Sobre as histórias de vida dos participantes, concordamos com Pineau (1999 *apud* SOUZA, 2004, p. 114) ao pontuar que a utilização das experiências dos participantes deve nascer de uma proposição e nunca de uma imposição ao grupo participante da pesquisa, pelo fato de considerá-lo como parceiros da investigação, enfatizando a subjetividade e a noção de coletivo na pesquisa. As histórias de vida apresentadas nessa pesquisa pertencem primeiramente

à pessoa que a produziu, nosso intuito com elas, nesse capítulo, é reconstituir suas trajetórias pessoais e escolares para traçar o perfil biográfico do grupo, ou seja, dos professores atuantes do projeto PELT, em 2019, posteriormente, no próximo tópico, passaremos a analisar e discutir as experiências de formação inicial no contexto PELT, como já ressaltamos.

Para tal, adotamos como procedimento para analisar o corpus de pesquisa, ou seja, as entrevistas orais e escritas, a análise compreensiva-interpretativa, e assim como o pesquisador Souza (2004) adotamos a ideia metafórica de uma leitura em três tempos, por considerar o tempo de narrar, lembrar e refletir sobre a experiência. A análise das fontes na presente investigação se organizou nos seguintes tempos:

Tempo I: Pré-análise/leitura cruzada;

Tempo II: Leitura temática - unidades de análise descritivas;

Tempo III: Leitura interpretativa compreensiva do *corpus*.

Na presente investigação o Tempo I consistiu em realizar uma leitura atenta das narrativas para traçar o perfil biográfico individual e, também, coletivo com o intuito de articular esses perfis, no caso, dos professores. Para tal, identificamos cada participante por um nome fictício, o qual foi escolhido pelos próprios participantes. Sendo: César, Maria, Stefany e Anne.

QUADRO 6: Identificação e perfil biográfico do grupo

Identificação	Gênero	Idade	Língua de atuação	Tempo no PELT
César	Masculino	22 anos	Língua Inglesa	2 anos (2018 a 2019)
Maria	Feminino	22 anos	Língua Espanhola	1 ano e 4 meses (2018 a 2019)
Stefany	Feminino	23 anos	Língua Espanhola	3 anos (2017 a 2019)
Anne	Feminino	21 anos	Língua Inglesa	1 ano (2019)

FONTE: Elaborado pela autora, 2020.

Ao analisar as narrativas constatamos em relação aos participantes da pesquisa que são jovens na faixa etária de 21 a 23 anos, e é composto por apenas um homem e três mulheres e, também, possuem um ano ou mais de experiência de atuação no projeto PELT como professor de língua estrangeira em formação inicial. Também, evidenciou pela leitura das narrativas que o grupo vivenciou o processo inicial de escolarização nos anos de 2000, e todos cursaram seus

estudos básicos na escola pública, e são oriundos de família de classe baixa, conforme constam em seus relatos.

Percebemos pela análise das fatias de vida dos participantes que todos, quando eram adolescentes, cursaram cursos de idioma, seja privado na modalidade bolsista, ou público, e foram influenciados por seus respectivos professores de Língua Portuguesa e Inglesa em relação a escolha da profissão, também, verificamos que são oriundos de outras cidades e não de Assis, portanto tiveram que mudar de cidade para cursar Letras. Também evidenciamos que todos participaram de projetos de extensão universitária durante a graduação.

Em relação ao processo de escolarização, a análise das entrevistas narrativas demonstra que seus itinerários escolares são marcados por experiências positivas e negativas, as quais influenciaram o modo de constituir-se professor de língua estrangeira. Os professores ao reconstituir suas trajetórias de vidas retornavam constantemente a sua infância e adolescência. Sendo assim, encaminhando para o Tempo II de análise, evidenciamos as seguintes unidades temáticas nas narrativas do itinerário pessoal e escolar:

- Memórias da infância e adolescência;
- Memórias do processo de escolarização básica (ensino infantil, fundamental e médio);
- Apoio familiar;
- Influência dos professores de língua Portuguesa e estrangeira (Inglês e Espanhol);
- Contato com a língua estrangeira (cursos de idiomas);
- Ensino da rede pública;
- Projetos de extensão universitária;
- Iniciação científica;
- Teoria vs Prática;
- Curso de Letras;
- Identidade docente.

Concordamos com Souza (2004, p. 128) em relação à análise das narrativas, a qual exige um olhar e leitura atenta por parte do pesquisador, pois

“as regularidades, as irregularidades e as particularidades apresentam-se na escrita através dos sentidos e significados expressos e/ou não nas trajetórias [...], caracterizando-se como um universo particular da escrita e das experiências de cada sujeito.

Nesse ínterim, o pesquisador (*idem*) pondera sobre a leitura analítica e a interpretação do corpus de pesquisa que através das unidades temáticas de análise devemos nos atentar as sutilezas, a subjetividade, as diferenças e semelhanças que compõem as histórias de vida dos participantes. Também, concordamos com Souza (2004, p. 128) que as unidades de análise temática

considera a pertinência, a homogeneidade e heterogeneidade do conjunto das fontes, visto que “[...] as histórias de vida não constituem, de modo algum, um inquérito verificatório, não visam nem estabelecer leis, nem provar hipótese; têm por função recolher testemunhos, elucidá-los e descrever acontecimentos vividos [...]” (Poirier et. al, 1999, p. 117). [...] o surgimento e o agrupamento de excertos das narrativas, a partir da revelação das unidades temáticas de análise, remetem à complexidade e à totalidade de cada experiência narrada, seja através da pertinência e recorrência dos episódios ou das suas regularidades e particularidades.

O tempo III da análise compreensiva-interpretativa instaurou-se desde o início da análise, uma vez que exige leituras e releituras das entrevistas e narrativas dos participantes. Procedemos à análise e interpretação das fatias de vida fragmentos das narrativas dos participantes enfocando suas subjetividades e articulando com o coletivo. Neste capítulo, iremos apenas nos deter nas unidades temáticas de análise em relação à infância e adolescência dando ênfase na reconstrução do perfil biográfico do grupo, posteriormente, no seguinte tópico, passaremos a analisar e discutir de forma específica a trajetória dos professores atuantes em 2019, no contexto PELT.

Pintaremos agora um quadro biográfico de cada participante da pesquisa, enfocando sua subjetividade, memória e experiência para reconstruir o itinerário pessoal e escolar. Apresentamos o César (professor 1), atualmente com 22 anos e oriundo de uma cidade pacata do interior de São Paulo, contando aproximadamente com dez mil habitantes. De família humilde, mãe e irmã costureira e pai pedreiro, sempre teve o incentivo da família para estudar, conforme aponta em sua narrativa. A figura materna se faz presente em vários momentos de seu itinerário como sendo a responsável por apresentar a língua inglesa quando ele era pequeno.

[...] eu sempre desde muito pequeno fui exposto ao inglês, assim, principalmente o inglês, né, porque a minha mãe sempre gostou muito de música em inglês, principalmente música dos anos 70, 80 e 90. [...]

Ela sempre gostou, a minha mãe só tem o fundamental completo, mas ela fala que com certeza se ela pudesse fazer uma graduação ela faria inglês porque ela gosta bastante da língua e tudo mais, então, eu sempre desde pequeno fui muito exposto às músicas e algumas palavras que ela me ensinava, como as cores.

Animais, também, assim, ela sempre sabia uma coisa ou outra.

Pelo fato de ser oriundo de uma família desfavorecida socialmente e ter feito seus estudos na educação básica pública, César sempre viu os estudos como um viés para ter uma ascensão na vida, um de seus objetivos era entrar para uma universidade pública, pois se não

conseguisse, não teria condições financeiras para subsidiar seus estudos em uma faculdade particular, conforme vemos nos fragmentos abaixo:

[...] ninguém da minha família se formou em universidade pública, eu não tinha essa esperança, não tinha, [...]
Os meus pais, o meu pai fez até o ensino fundamental I, ele estudou até a segunda ou terceira série. Minha mãe fez até a oitava. Então, eu via a vida difícil que eles levavam. [...] a minha mãe sempre comentava a seguinte coisa que desde pequeno, eu sempre falei que eu queria fazer faculdade, desde muito criança, e minha mãe sempre falava: Olha, Fulano, que legal! mas assim estuda pra você entrar numa faculdade do governo, é assim que ela falava, uma faculdade do governo, porque eu não tenho condições de pagar uma faculdade pra você.

De origem simples, vindo de escola pública, César, não acreditava que era possível passar em uma universidade pública, sentimento de insegurança que o acompanhou durante o ensino médio. A sua trajetória escolar é marcada por experiências positivas e negativas, principalmente, no ensino infantil e médio, como ele relata em algumas passagens de sua trajetória:

[...] ensino infantil foi horrível, horrível. Tive muita dificuldade de me encaixar na escola. Lembro que as professoras, também, não colaboravam. Eu lembro que as primeiras vezes que eu fui pra escola no ensino infantil, eu lembro que eu só chorava, chorava, e a professora gritava comigo porque eu só chorava e ela falava: Você tem que parar de gritar, para de chorar. Então, foi um momento trágico.
[...] eu lembro que na oitava série, no último bimestre, a última prova de matemática que foi trigonometria até hoje eu não posso ver um menininho e uma árvore para calcular a distância da cabeça até o topo da árvore que eu já lembro dessa prova. Eu lembro que eu tirei zero, foi a única prova da minha vida que eu tirei zero. Eu lembro dela corrigindo as provas e ela só fez um risco na prova, deu risada e virou a prova, então isso me marcou demais, [...]

As histórias tecidas na narrativa de César inscrevem-se em um quadro biográfico marcado pelas memórias afetivas ou, não, do itinerário pessoal e escolar enfocando o seu subjetivo e o coletivo de suas experiências, seja com a família, professores ou pessoas que marcaram a sua trajetória e compõem as fatias de sua vida. César em toda a sua narrativa remete aos acontecimentos de sua infância e adolescência para descrever a sua relação com a escola e a língua inglesa:

[...] a primeira memória que eu tenho, é engraçado isso, a primeira memória que eu tenho ensinando inglês, eu tinha por volta de uns cinco anos. Eu peguei uma lousinha da minha prima de três anos e comecei, eu sei que provavelmente não escrevi nada certo, mas eu comecei a ensinar cores para minha prima de três. Então, eu falava: *blue* é azul, aí tem o *red* que é vermelho, eu escrevia na lousinha dela, mas provavelmente a minha escrita não tava correta. [...] Eu sempre gostei muito de me envolver com a escola quando eu era jovem. Eu sempre fui muito envolvido com a escola, então, quando eu não estava na escola ou eu estava com projetos de leitura na escola ou eu estava fazendo projetos voluntários na escola. Eu participei do grêmio estudantil.

Desde pequeno, César foi apresentado ao idioma inglês por meio de sua mãe, que gostava muito de músicas internacionais, conforme ele relata em sua narrativa. O amor que

César nutriu pela língua inglesa só aumentou com o passar dos anos, e em sua adolescência foi contemplado com uma bolsa de estudos para estudar inglês em uma escola de idiomas de sua cidade natal e permaneceu aproximadamente um ano estudando a língua inglesa. Esse amor pelo idioma que o professor 1 descreve em sua trajetória é perceptível pelas memórias que ele pinta no seu quadro biográfico quando se refere às memórias de seus professores de inglês e o contato com as línguas estrangeiras por meio de séries, filmes ou músicas internacionais.

A narrativa construída por César sobre o seu itinerário pessoal marca traços de sua personalidade e subjetividade, a qual vai se compondo ao longo do processo de sua narração. Em relação ao seu percurso escolar, evidenciamos o retorno constante a personagens que marcaram sua passagem escolar e as quais influenciaram na sua escolha em ser professor. Sua vivência no curso de Letras é marcada por um processo de amadurecimento devido ao fato de morar sozinho e, também, um período de engajamento na vida universitária devido às iniciações científicas desenvolvidas e às participações em projetos de extensão universitária, constituindo-se o caminho para se constituir professor de línguas estrangeiras, conforme ele ressalta em sua narrativa.

Maria (professora 2), apresenta-se compartilhando suas memórias de infância e da época de escola enquanto aluna do ensino fundamental e médio de uma escola pública do interior paulista. Destaca na sua fala a forte influência de professores de língua portuguesa, inglesa e espanhola e o impacto delas em sua escolha pela profissão docente, além disso, ela compõe um cenário com experiências positivas no contexto da escola.

De origem simples e sempre influenciada pelos pais ao estudar, Maria encontra na escola um lugar mágico e o qual se sente bem em estar presente:

Bom, eu entrei na escola, no pré, eu acho que com seis anos e eu sempre gostei muito de escrever. Eu sempre fui muito, muito falante, sempre falei bastante alto. Eu sempre gostei de interagir com as outras crianças e interagir com os professores. É eu acho que eu tenho lembranças muito boas da minha infância. Sempre fui bastante estimulada a ler, bastante estimulada a gostar de ir para a escola.

No cenário de suas memórias escolares, Maria ressalta uma série de lembranças positivas no cenário escolar e a boa relação que constitui com os professores ao longo da trajetória escolar. A sua escolha em cursar Letras e constituir-se como professora de língua materna ou estrangeira advém de influências de professoras da época do ensino médio:

[...] no primeiro ano, eu tive uma professora de português extremamente competente assim, ela era pontual, eu via ela dando aula e eu tinha certeza que ela era muito boa e que ela gostava muito de fazer aquilo. E aí eu comecei a pensar sobre o que eu vou fazer da minha vida. Eu sempre gostei muito de explicar, eu sempre gostei de falar para as pessoas sobre assuntos que eu gostava. Então na escola sempre que alguém tinha alguma dúvida, eu sabia, eu que ia na carteira explicar. Eu comecei a pensar sobre isso,

sabe, de porque não.[...] uma coisa que me marcou muito foi a forma como ela tratava as coisas, por exemplo, a gente tinha que aprender oração subordinada, e aí eu pensava que eu achava incrível como ela pegava um assunto tão delicado, tão complexo e transformava aquilo em algo realmente palpável, compreensível, ela mostrava a gente era capaz de entender aquilo. Eu gostava muito da didática dela de um modo que era algo que ela em nenhum momento deixava parecer menos importante ou menos séria e ao mesmo tempo mostrava que a gente era capaz de compreender aquilo. E a segunda professora, eu lembro dela mais especificamente em uma obra que eu já usei em aula que era O Cortiço. Eu lembro em detalhes daquelas aulas, eu lembro de como aquelas aulas foram importantes, então, eu acho que foram momentos assim que me mostraram que eu queria fazer isso, sabe, de como elas conseguem fazer, eu também quero fazer, né.

O seu contato com a língua estrangeira, especificamente, inglês e espanhol foi oriundo das passagens que teve em cursos públicos de idiomas em sua cidade natal. Maria relata que a experiência vivida nesses centros foi extremamente importante para ela devido o conhecimento que adquiriu e as experiências marcantes vivenciadas nesses espaços. Sua vivência no curso de Letras é marcada pela nova realidade que enfrenta ao chegar na cidade universitária, Assis. Esse momento é marcado por seu amadurecimento e contato com diversas pessoas, conforme ela ressalta em sua narrativa. Além disso, sua vivência universitária é composta por pesquisa de iniciação científica com bolsa FAPESP e forte atuação em projetos de extensão universitária.

Outra protagonista que integra o nosso quadro biográfico é a jovem Stefany, 23 anos, é oriunda da cidade de Paraguaçu Paulista, no interior do estado de São Paulo. Ela apresenta, nesse cenário biográfico, sua família, seus hobbies e suas influências para seguir na carreira de professor, bem como o seu envolvimento com a língua espanhola, a qual estuda desde a infância:

[...] estudo espanhol desde a quarta série, sendo que dos anos de sexta série até o segundo ano do ensino médio, estudei a língua por conta própria. Buscava livro no idioma alvo nas bibliotecas da cidade e buscava interagir com nativos da língua por meio de chat de bate papo pela internet, que era muito comum a uns 7 anos atrás.

Oriunda de uma família desfavorecida socialmente, Stefany descreve o seu cenário familiar ao revisitar a sua história biográfica enfocando os pais e os dois irmãos, bem como outros membros familiares:

A maior parte da minha família tem apenas o ensino fundamental completo e aqueles que atingiram o ensino médio completo, o fizeram por EJA, uma modalidade de ensino médio voltada para aqueles e evadiram quando mais jovens e por circunstâncias variáveis precisam concluir este nível de ensino.

[...]

Meus pais se casaram muito jovens. Quando nasci, por sorte, meu pai conseguiu emprego registrado em uma usina, na época ele tinha 18 anos e minha mãe 17 anos. Quatro anos depois minha mãe engravidou novamente, e assim em 2001 nasce minha irmã Nathália, hoje com 19 anos. Pouco antes de minha irmã nascer meu pai comprou a casa em que cresci, aonde meus pais vivem até hoje. Dez anos depois meus pais decidiram ter mais um filho, meu irmão João Pedro. Tristemente, minha irmã evadiu do ensino médio aos 17 anos e atualmente estuda para concluir o ensino médio por meio do EJA.

Percebe-se pela narrativa que Stefany vai compondo que ela é uma das poucas pessoas em sua família que possui ensino superior completo, o que para ela parece ser uma grande vitória, além disso, seu discurso evidencia o gosto pelos estudos, pois ao término do curso de Letras, ainda continua os seus estudos na área de educação e linguística:

Após concluir a licenciatura em letras, cogitei cursar outro curso por medo de não conseguir me estabelecer na profissão e principalmente pela pressão da minha família. Felizmente, fiz amigos professores, que passaram pela mesma situação que eu estava passando e me ajudaram a valorizar e respeitar àquilo que eu considero ser o melhor que posso fazer por mim mesma e pela sociedade: pesquisar e ensinar. [...] dar mais ênfase e atenção à minha formação, tentar ingressar em uma pós, dar aulas, e pesquisar, to tentando ainda, né.

Suas memórias na adolescência demonstram experiências positivas no cenário escolar, e as quais marcaram a protagonista e, também percebemos a forte influência dos professores ao optar por seguir carreira como professora:

[...] na escola eu lembro que teve uns seminários literários de literatura portuguesa, aonde a professora separava a turma em grupos, cada um tinha que ler uma obra literária, adaptar a mesma para um teatro de no máximo 20 minutos, tinha que representar as principais cenas do enredo, né, tinha que criar uma adaptação em quadrinhos da obra lida pelo grupo, isso foi no segundo ano do ensino médio. Foi bem legal, eu gostei bastante, me marcou bastante. Outra memória que nunca me esquecerei foi a paródia que os alunos, em grupos, tinha que fazer da obra “O Auto da Barca do Inferno” de Gil Vicente, foi bem legal, aprendi muito.

Em relação ao seu processo de escolarização trilhado em contextos públicos, a sua narrativa é composta de experiências positivas e enriquecedoras, também, percebemos o engajamento no curso de Letras ao participar de projetos de extensão universitária ao longo do curso universitário de Letras:

Minha formação, do ensino fundamental ao superior, foi realizada em instituições públicas. Ao entrar na universidade, me deparei com um contexto totalmente diferente, mas acredito que eu não tenha sido a única a sentir esse choque inicial. O primeiro ano de graduação foi incrível, cheio de descobertas, e desde aquele momento me encantei pelo curso de letras, principalmente pela área de literatura estrangeira de espanhol, que por sinal, pretendo continuar estudando, né.

A protagonista Stefany apresenta o seu itinerário pessoal e escolar com poucas experiências o que dificulta pintar o seu quadro biográfico, porém subjetividades e memórias foram se encaixando e construindo um pequeno mosaico de sua trajetória, o qual tentamos esboçar na presente investigação.

Anne, outra integrante que compõe nosso quadro biográfico, é uma jovem de 21 anos, natural da cidade de Marília (interior do Estado de São Paulo). Apaixonada pelos livros desde que uma professora levou para a sala de aula o livro *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato, foi o início da trajetória como leitora assídua, como relata em sua narrativa. A jovem é escritora

e publicou um livro quando adolescente, fato que impulsionou seu amor pelas Letras, optando pela escolha do curso de Letras, além da influência de professores de Língua Portuguesa e Inglesa que teve durante sua trajetória escolar no ensino fundamental e médio. Anne cita a família como sendo componente importante para a sua lapidação como sujeita:

Nasci e cresci em Marília, interior de São Paulo, com pais amorosos e uma família enorme de tios, tias e primos. É importante mencioná-los, pois eles influenciaram diretamente em minha construção como sujeito. Venho de uma família, cujos membros não foram alfabetizados, por isso não sabem como escrever ou ler os próprios nomes

Ela também ressalta que foi a primeira mulher de sua família a entrar em uma Universidade pública e prosseguir com os estudos acadêmicos. Em sua narrativa, Anne se lembra do momento em que decidiu contar para a família que queria ser professora, porém seus pais não aconselhavam a seguir outra profissão, como a jovem relata em sua narrativa

Meus pais queriam que eu fosse uma médica ou advogada, para que eu pudesse “ter uma vida diferente da deles”, que são cheias de dívidas e de dificuldades. Meus tios não entendiam como a leitura poderia significar um futuro e uma vida profissional. Para eles, ler não significava nada. Para mim, no entanto, a leitura significa tudo e muito mais.

Após ingressar no curso de Letras da FCL, a jovem relata a importância que um projeto de contação de histórias teve em seu percurso pessoal e profissional, além do envolvimento com a língua estrangeira, no caso, inglês, por meio dos projetos de extensão Universitária que a FCL de Assis oferece, tais como, PIBID, em 2017, e do (PELT), em 2019-2020, e Cursinho Pré-universitário da Unesp de Assis.

Eu tinha uma sede incessante por conhecimento e vontade de fazer a diferença em contextos similares ao meu, e foi o que consegui alcançar. O projeto de contação de histórias contribuiu para minha formação acadêmica e profissional, colocando-me como agente formador e transformador na sala de aula, e trouxe um novo sentido à minha vida pessoal. A partir dele, trabalhei em outros projetos no âmbito da formação de jovens leitores [...].

Os professores por meio do narrar acessaram as memórias resguardadas, eles relataram o perfil dos professores que compuseram os seus itinerários escolares. Nestes fragmentos é possível notar a presença das características de bons professores ou maus que quando estudantes consideravam. Além disso, fica evidente que se apropriaram do perfil do docente que gostariam de ser por intermédio da vivência com seus professores na época, como relatam em suas narrativas. O aspecto do bom professor é enfatizado na fala dos participantes ao lembrar de seus professores durante o período escolar

[...] no ensino médio eu entrei para a ETEC, aí eu fazia o ensino técnico em Informática integrado ao ensino médio. E aí lá no primeiro ano, eu tive uma professora de português extremamente competente assim, ela era pontual, eu via ela dando aula e eu tinha certeza que ela era muito boa e que ela gostava muito de fazer aquilo. E aí eu comecei a pensar sobre o que eu vou fazer da minha vida. Eu sempre gostei muito de explicar, eu sempre gostei de falar para as pessoas sobre assuntos que eu gostava. Então na escola sempre que alguém tinha alguma dúvida, eu sabia, eu que ia na carteira

explicar. Eu comecei a pensar sobre isso, sabe, de porque não. [...] eu acho que é uma coisa que eu faria feliz e eu seria boa. E aí eu comecei a pensar sobre isso logo no primeiro ano. E aí no segundo ano trocou a professora de português, e entrou uma professora que era além de muito boa e, enfim, ela também abriu espaço para um contato mais pessoal nessa época. Hoje em dia eu tenho contato pessoal com ambas. **(Professora Maria)**

Eu tive uma professora muito importante para mim, assim, eu tive várias professoras importantes de língua portuguesa, mas na sétima série eu lembro que tinha uma professora que eu amava de língua portuguesa e uma que eu também amava de língua inglesa [...] então, ela era jovem, acho que ela tinha terminado a faculdade. Ela era recém formada sim, pelo que eu me lembro, então, ela era jovem, ela conseguia se comunicar muito facilmente com a gente, então falando dessa professora de inglês, eu lembro que ela era jovem, se conectava bem com a gente, ela falava de coisas atuais e eu sempre gostei muito de música pop internacional, eu sempre fui apaixonado. [...] e eu conseguia conversar com ela sobre isso, a gente gostava de alguns cantores e cantoras em comum. então, e aí a minha professora de Língua Portuguesa, além de eu gostar do português e da gramática e literatura que ela passava pra gente que vinha no nosso apostilado e eu tinha uma questão muito afetiva com essa minha professora porque ela era minha professora desde a 5ª série, então, ela já foi me acompanhando e aí eu gostava muito de português, gostava muito de inglês e eu sempre soube que eu queria ser professor. **(Professor César)**

Pelas análises das narrativas fica nítido que os participantes da pesquisa foram influenciados pelo bom professor (atributos que eles consideravam como sendo bom para exercer o papel docente) e suas experiências de aprendizagem significativas para a escolha de ser professor(a). Desta forma, é possível perceber por meio de seus relatos as imagens de professores que constituíram a identidade docente dos participantes da pesquisa ao revisitar a memória das cenas cotidianas escolar. Esse trabalho de rememoração só é possível por meio das experiências sofridas por estes sujeitos. Tomando como base o pensamento de Larrosa (2015) compactuamos com ele sobre seu conceito de experiência sendo algo que nos passa, acontece, nos atinge e transforma, e isso só é possível, se pararmos para pensar, escutar e olhar, sendo um gesto de interrupção feito pelo sujeito, como aponta o pesquisador (2015).

Neste íterim, podemos pensar a formação docente a partir do saber da experiência, tendo como base o conhecimento produzido por estes sujeitos em diversos espaços e tempos, e os acontecimentos da vida cotidiana. Teixeira (2012, p. 119) argumenta que o saber da experiência

[...] se adquire conforme os sujeitos vão respondendo ao que se lhes acontece e ao modo como vão dando sentido a tudo isso. [...] é pessoal já que ninguém pode aprender com a experiência do outro. Cada um apropria-se da sua vida à medida que vive uma experiência e dá sentido ao que lhe acontece .

Em relação as lembranças que caracterizam o “mau professor”, os narradores enfatizam perfis de professores com métodos tradicionais de ensino, tais como: memorização e repetição em relação a aprendizagem da Língua estrangeira, no caso, inglês, e, também, por meio das análises das narrativas, percebemos críticas ao ensino público de idiomas na escola pública

brasileira, como por exemplo: falta de material didático e recursos para desenvolver aprendizagem linguística significativa.

[...] por mais que eu amasse a professora e tudo mais e achava excelente as aulas, eu me sentia um tanto quanto desmotivado porque ela partia de uma metodologia mais de decoreba, sabe. Então, por exemplo, eu lembro que uma coisa que me marcou bastante foi que no Dia da Independência a gente tinha que pintar a bandeira, né, e a gente tinha que escrever tipo: *flag* bandeira, *flag* bandeira, *flag* bandeira, isso dez linhas, *flag* bandeira, *flag* bandeira, *flag* bandeira, *flag* bandeira. Isso em outras coisas, também, tipo: *one* um, *one* um, *one* um, *two* dois, *two* dois e isso em linhas e linhas e linhas [...] [...] quando estava na sétima série, eu estudei numa escola de língua mesmo quando eu voltei para inglês da escola que é a escola pública a gente volta para o verbo *to be* todos os anos, para os números, todos os anos para as cores, então, eu queria mais, eu queria mais do que só isso porque a coisa não andava, né, não tinha uma sequência de conteúdos que a gente estudava e quando chegava o conteúdo novo eu devorava aquilo e queria mais, né, então, eu não sentia satisfeito com o inglês da escola, então, por isso que eu sentia falta de falar inglês, aprender a parte oral, a parte auditiva, porque a gente sabe que o inglês da escola é totalmente voltado para a compreensão da escrita, tradução e gramática e eu queria mais que isso, por isso que eu acho que essa falta se deu. **(Professor Céssar)**

Investigações apontam (LEFFA, 2011; LIMA, 2011; PEREIRA e LOPES, 2017;) as causas para a “decadência” do ensino de línguas estrangeiras nas escolas públicas brasileiras devido a fatores como pouca qualificação profissional, falta de recursos e materiais didáticos, governo e questões de políticas educacionais. Nos documentos oficiais que visam discutir o ensino de línguas estrangeiras modernas, tais como, Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), Base Nacional Comum Curricular (BNCC), Orientações Curriculares Para o Ensino Médio (OCEM), é garantido ao estudante brasileiro uma educação de qualidade e igualitária, o acesso a aprendizagem linguística e cultural da língua estrangeira, no caso, inglês ou espanhol, entretanto, na prática temos uma realidade totalmente adversa, como as pesquisas apontam. Concordamos com as autoras Pereira e Lopes (2017, p. 32) ao discorrer sobre a questão do ensino de LE nas escolas públicas brasileiras, pois

Faz-se necessário entender as condições que desfavorecem tal ensino desde o início de sua trajetória no Brasil, para que possam ser analisadas as falhas e construídas novas práticas, que promovam uma melhoria na qualidade do ensino de línguas estrangeiras na educação básica. Como já mencionado, é preciso que políticas educacionais e legislações sejam reformuladas e cumpridas, que haja formação continuada e aumento salarial para os professores, como também valorização da disciplina de língua estrangeira nos currículos. Todos esses problemas perpassam na necessidade de que o governo cumpra seu dever de garantir um ensino de qualidade nas escolas.

Os participantes da pesquisa narraram em vários momentos de sua trajetória escolar lembranças significativas do espaço educacional, relembrando o período desde sua infância até a adolescência. As recordações dos professores pelos narradores sugerem uma influência pela escolha da profissão, como já mencionamos, e, também, devido a estas experiências positivas vividas na escola, desta forma, partilhamos com Paulo Freire ao dizer sobre os professores que

afetaram de forma afetuosa o processo desses professores narradores, ou seja, “O educador se eterniza em cada ser que educa”.

Bom, na escola eu lembro que teve uns seminários literários de literatura portuguesa, aonde a professora separava a turma em grupos, cada um tinha que ler uma obra literária, adaptar a mesma para um teatro de no máximo 20 minutos, tinha que representar as principais cenas do enredo, né, tinha que criar uma adaptação em quadrinhos da obra lida pelo grupo, isso foi no segundo ano do ensino médio. Foi bem legal, eu gostei bastante, me marcou bastante. Outra memória que nunca me esquecerei foi a paródia que os alunos, em grupos, tinha que fazer da obra “O Auto da Barca do Inferno” de Gil Vicente, foi bem legal, aprendi muito. **(Professora Stephany)**

Eu lembro de uma escola municipal que foi feito um campeonato de soletrando que na época estava em alta que passava no Caldeirão do Huck. E aí eu lembro que eu fui passando de fase, passando de fase e eu tava muito confiante que eu iria ganhar e aí aconteceu à final, e tava eu e um amigo meu e eu lembro exatamente qual palavra eu errei na hora de soletrar. A gente já tava bem nas últimas palavras porque não tinha errado nenhuma anterior e aí a mulher me falou: A sua palavra é bolsa. E aí eu achei tão fácil que eu falei tipo: bolsa é muito fácil, mas eu acabei soletrando bola. **(Professora Jéssica)**

Ao pintarmos o quadro biográfico dos participantes de nossa investigação, percebemos que as narrativas dialogam no coletivo com semelhanças e suas subjetividades e particularidades, marcando o perfil biográfico do grupo. Ao nos depararmos com as narrativas, fica evidente que os lugares de fala desses professores abordam as memórias afetivas da escola, influência dos professores, apoio familiar, contato com a língua estrangeira e vivência universitária, temas que compõem os seus itinerários.

Após termos apresentado o grupo em questão, buscaremos no próximo capítulo, apresentar a análise das narrativas de formação inicial docente no PELT. Nosso objetivo é descrever, analisar e compreender por meio de suas experiências o percurso de formação docente dos professores atuantes em 2019, no referido contexto.

4.2 Tecendo e entrelaçando a teia: O que contam os professores?

Nesta seção apresentamos os fragmentos das narrativas dos participantes com o intuito de tecer e entrelaçar as experiências de formação inicial destes professores que ministraram aulas de línguas estrangeiras, tal como inglês e espanhol, no contexto PELT, em 2019. Buscamos desta forma, descrever, compreender e analisar suas vivências neste projeto de línguas.

Pelas leituras feitas das narrativas foi possível identificar unidades temáticas de análises, tais como: a influência dos projetos de extensão universitária na formação inicial desses professores, reuniões pedagógicas, experiências positivas e negativas vivenciadas no espaço

PELT. Nossa intenção, nesta seção, é analisar os fragmentos que exemplifiquem estas categorias citadas e entrelaçar as experiências com as teorias que norteiam esta investigação, no tocante, a formação inicial de professores de línguas estrangeiras.

Experiências positivas e negativas foram relatadas nas narrativas dos participantes, buscaremos esboçá-las com o intuito de compor uma rede de histórias subjetivas e coletivas vivenciadas no projeto PELT.

Uma das participantes, professora Anne, ao adentrar na sala de aula pela primeira vez, devido a sua participação no projeto, relata que se sentiu preparada para dar aulas por isso optou em prestar o processo seletivo para ministrar aulas de inglês no projeto PELT no referido ano, também, mencionou a “segurança” com a fluência no idioma inglês, e o quanto a primeira aula que ministrou foi positiva

E aí eu lembro que eu tinha feito um plano de aula para ter um diferencial então trouxe um plano de aula e eu senti que eu realmente queria essa vaga, foi quando eu percebi, eu quero tentar ser professora de língua porque eu me sinto preparada para isso. É um sonho também que eu tinha antes, era um sonho que eu não sabia se ia se realizar. Então o que foi muito importante foi que foi quando eu percebi que eu estava capacitada para entrar numa sala de aula dar aulas de inglês então eu tive essa consciência disso foi muito significativo para a minha formação docente viver isso. Isso foi muito importante. E aí quando eu entrei no PELT eu fiquei completamente apaixonada pelo projeto. Eu lembro que eu entrei na primeira aula e fiz uma dinâmica com os alunos que foi um bingo e eles foram incríveis eu achei. Gostei tanto deles que eu vi que muitas estavam muito interessadas em aprender inglês. **(Professora Anne)**

É importante mencionar que os alunos de licenciaturas envolvidos nesses projetos de desenvolvimento docente, sentem-se mais preparados para lidar com a sala de aula e problemas cotidianos escolares, bem como proporciona maior contato com a língua estrangeira que estuda e que no futuro irá lecionar.

Dois professores, César (único professor do sexo masculino) e Maria, relatam algumas experiências negativas que vivenciaram no projeto no decorrer das aulas. César relata a questão de como lidou com o preconceito e o estereótipo de professor do sexo masculino. Em um de seus fragmentos o professor fala de sua orientação sexual e de como não conseguiu administrar tal questão em sala de aula, após um episódio ocorrido em sala de aula, onde seus alunos questionaram sobre seu gênero

No PELT, como eu disse, o jogo de cintura no PELT é outro, né, o que eu tive na UNATI, no PELT eu tive que ter de outro jeito. Tive que ter diferentes jogos de cintura. Então, é uma coisa que me marcou bastante também. Voltando para a questão da sexualidade, eu sou gay assumidamente gay, mas eu lembro que um dia um aluno, eles estavam comentando que estava tendo uma reunião de pais na escola e a gente teve que esperar uns minutinhos até conseguir entrar na sala de aula, né, e aí que umas alunas mais velhas aquelas que já eram formadas em Letras. Elas falaram assim depois que a gente entrou para a sala: *Teacher*, cê, acredita que alguns pais perguntaram se a gente era as professoras e aí elas disseram mal sabe que o meu professor, no caso eu, é

mais novo do que eu, né, Assim que pelo fato da questão da idade, né, 20 anos e tudo mais e alguns dos alunos ali que deveria ter uns 14 anos ele falou assim: *Teacher*, sabe por que você não parece professor de inglês? E aí eu falei: por quê? E aí ele respondeu: porque você não é viado, professor de inglês é sempre viado e você não é viado. Então, na época foi um choque para mim porque para mim foi um momento difícil e eu não soube lidar. Eu não soube lidar naquele momento, eu não soube lidar, porque é assim mesmo sendo gay assumidamente, quando a gente se depara com uma questão dessa dentro da sala de aula a gente não sabe o que fazer. (**Professor César**)

Estudos apontam a crescente presença de professores do sexo masculino nas escolas tanto públicas quanto particulares. O estranhamento como apontam as investigações, se deve ao fato que a profissão docente por anos foi constituída apenas por mulheres. Concordamos com Aguiar (2019, p. 70) em seu trabalho intitulado “*Uma escola para todos: homens no magistério também ocupam este espaço*” ao mencionar a presença do sexo masculino na educação

Caso venhamos determinar, no momento, que a docência seja essencialmente um ofício feminino, estaremos reforçando um estereótipo, ou seja, um dos elementos do preconceito [...] Homens atuam na docência da Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Sabemos que as mulheres ainda são presença marcante, porém nada impede que os homens sejam inseridos em tais espaços por meio de concursos públicos ou contratos com escolas privadas. As legislações que regem o sistema educacional brasileiro não fazem distinção entre os sexos, englobam que todos podem ser docentes, basta possuir uma formação específica, ou seja: curso normal ou Pedagogia para atuar na Educação Infantil ou nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

A professora Maria relata sua experiência em relação ao adentrar no PELT para ministrar aulas no meio do ano, ou seja, como diz o ditado popular “pegou o bonde já andando” sendo assim, sentiu dificuldades relacionada a didática e a prática pedagógica, como relata em sua narrativa

A minha primeira dificuldade foi o fato de que eu peguei uma turma no meio de agosto, então, já era metade do segundo semestre. Final de 2018. Então, foi uma turma que já tinha um ritmo, já tinha se adaptado a uma didática. Já tinha um jeito de trabalhar e eu peguei essa turma no final do curso. Então, a minha primeira dificuldade foi estabelecer um vínculo com essa turma. Eu acho que as coisas demoraram mais a acontecer por falta dessa sintonia, né, porque eu acho que a gente só se equilibrou mais pro final, então, eu acho que as aulas foram truncadas. O conteúdo ficou um pouco perdido, os alunos com um pouco de dificuldade de assimilar o meu jeito de ensinar, né, então, eu acho que ter pego uma sala já no final do curso foi um problema para mim [...] (**Professora Maria**)

Em relação a experiência em projetos de extensão é importante ressaltar que três participantes já haviam participado de outros projetos, porém percebemos pelos relatos que o PELT oferece um contexto onde este graduando pode exercer o trabalho docente com maior protagonismo, pois se desloca do espaço de graduando/estagiário para ser o(a) professor(a) da sala de aula.

Teve o PELT e outros. O PELT foi uma experiência mais do que significativa na minha formação. Contribuiu para o desenvolvimento da minha prática docente e do meu auto reconhecimento como professora de língua estrangeira. Eu acredito que todos os programas de iniciação à docência são essenciais no curso de Letras. Eu noto uma discrepância enorme entre os alunos de graduação que participaram de projetos como

PELT, PIBID, CLDP, entre outros, estes conseguem ingressar no mercado de trabalho com engajamento, e mais conscientes sobre a importância da pesquisa para as reflexões que o contexto de ensino e aprendizagem exigem, né. **(Professora Stefany)**

No fragmento acima a participante relata sobre a falta de oportunidade para todos os graduandos em licenciatura participarem destes projetos. Ressaltamos que a seleção para estes programas de formação inicial docente estabelece critérios para a participação dos graduandos, como por exemplo, boa conduta, notas altas, participação acadêmica ativa, entre outros. Estes projetos visam a seleção de licenciandos que se adequam ao perfil proposto nos editais e, infelizmente, não é possível atender a todos, além de ter um determinado número de bolsas disponíveis.

Além deste fragmento, em nossa leitura, nos deparamos com trechos em que os professores participantes, relataram sobre a questão do baixo valor da bolsa oferecida no projeto PELT ao comparar com outros projetos de extensão vinculados a FCL/Assis e da baixa procura dos graduandos em Letras em optar por participar do projeto PELT, na categoria de professor em formação. Ponderamos que é possível o valor da bolsa oferecida pelo PELT influenciar os graduandos a procurar por outros projetos que visam a oferecer valores mais significativos tais como, bolsa FAPESP (iniciação científica) e Pibid (Programa de Bolsa de Iniciação à Docência).

No processo seletivo para ministrar aulas no PELT, em 2019, houve apenas dois inscritos, sendo que foi enviado um e-mail para todos os alunos de licenciatura em Letras, além de cartazes espalhados pela faculdade informando sobre o processo seletivo. Consideramos que por meio dos relatos dos professores, é possível afirmar que o valor da bolsa do PELT, influencia os graduandos a não participar. No fragmento abaixo de um dos participantes é possível nota tal queixa, além de mencionar a carga horária e as demandas do projeto que não são compatíveis com o valor oferecido pela Prefeitura Municipal de Tarumã aos professores participantes.

[...] a bolsa do PELT assim jamais cuspir no prato que eu comi porque me ajudaram demais a me manter na Cidade Universitária, sou muito, muito grato pela bolsa do PELT, porém a gente sabe que pelo trabalho que a gente tem, pela formação que a gente precisa ter, pelas viagens, é uma hora para ir e uma hora para voltar. Fora que quando a gente chega em Assis a gente geralmente tem que pegar um táxi, alguma coisa assim porque geralmente a gente mora longe da rodoviária, né. A bolsa do PELT é uma coisa assim que talvez teria que repensar o valor porque isso acaba não sendo um incentivo, porque a gente sabe que universitário, a gente precisa de dinheiro. Dentro dos projetos de extensão da universidade, o PELT é um do que tem a menor bolsa, se não for o que tem a menor bolsa, porque os outros, então, o Pibid, Residência pedagógica, até mesmo as bolsas de permanência são todas de 400 reais para cima, então, por exemplo, em 2019 que a gente teve o processo seletivo só teve duas inscritas, você lembra? Porque a gente só teve duas inscritas? Porque assim as bolsas de permanência atualmente rondam 500 reais, então, um aluno vai preferir em questão

de dinheiro e não em questão de experiência, mas um aluno, por exemplo, que só pensa no dinheiro ele vai preferir pegar uma bolsa de 500 reais de permanência da faculdade ou ele vai querer uma de 300 para ele ter que viajar duas vezes por semana sendo quatro horas só dentro do ônibus, tipo quatro horas de ônibus na semana. Fora as outras demandas que têm, reunião, etc, etc... a preparação de aula, então, eu acho que a questão da bolsa, do valor da bolsa é uma coisa assim que pega bastante para os professores, sim. **(Professor César)**

Desta forma, por meio desta investigação, ponderamos que o valor oferecido pela instituição municipal, no caso a Prefeitura Municipal de Tarumã, deveria ser revisto para atender e suprir as necessidades dos professores participantes deste projeto.

No projeto PELT, os professores em formação inicial de línguas estrangeiras, puderam contar com a presença de um professor tutor, o qual possui conhecimento didático e pedagógico e experiência no contexto escolar. Desta forma, medeia a formação inicial do grupo por meio de reuniões mensais, cujo objetivo é proporcionar aos professores em formação inicial um lugar de reflexão, escuta e partilha. Este professor é vinculado ao departamento de Educação da FCL de Assis, o qual realiza essas orientações juntamente com um bolsista de pós-graduação atuante na área de formação inicial de professores de línguas estrangeiras. Segundo Imbernón (2011) a figura do assessor para a formação dos professores se revela como um instrumento de melhoria na aprendizagem e desenvolvimento dos professores seja na formação inicial ou continuada.

Este professor tutor agrega no processo de desenvolvimento da docência, pois participa da trajetória orientando estes professores em sua fase inicial de constituição da docência sejam por meio de textos teóricos, reflexão conjunta da prática pedagógica ou resolução de conflitos educacionais. Para Imbernón (2011, p. 99) um assessor de formação de professores deve:

Intervir a partir das demandas dos professores ou das instituições educativas com o objetivo de ajudar a resolver os problemas ou situações problemáticas profissionais que lhe são próprios. Suas eventuais contribuições formativas devem estar subordinadas à problemática específica mediante uma negociação prévia, envolvendo o professor em um processo de compromisso de reflexão na ação (IMBERNÓN, 2011. p. 99).

Por meio das análises das narrativas obtivemos pontos positivos e negativos em relação às reuniões e coordenação pedagógica. Em seus relatos pessoais, os professores narraram acontecimentos do ano de 2018 e estabeleceram uma comparação significativa com o ano de 2019, quando o projeto passou por mudanças feitas pela parceria pedagógica entre as instituições envolvidas, tais como, Prefeitura Municipal de Tarumã e coordenadores da FCL/Assis. Em relação ao ano de 2018, como apontam as narrativas, os participantes se queixaram da falta de organização de ambas as instituições em relação a falta de reuniões, recursos e acompanhamento pedagógico. Vejamos o fragmento abaixo que esboça tal questão ponderada pelos professores

[...] eu acho que assim, como eu disse, em 2018 foi um ano muito de adaptação. Eu acho que a parte pedagógica ficou um pouco, um pouco a desejar no sentido de que eu sentia que algumas reuniões que a gente teve não foram, não era tão eficientes. [...] Eu percebi que em 2018 a gente tinha muito uma questão de relatos das experiências mesmo, tipo assim: Olha, na minha sala tá acontecendo isso, isso e isso, não está funcionando isso, isso e isso. Isso acabava ficando mais assim. As coisas que a gente pedia geralmente não saía do papel, então, acho que acabava sendo um momento difícil pra todo mundo assim. É, porque o que eu tinha na disciplina da graduação era um complemento na minha vida e me ajudava demais. Eu entendo que a professora que coordena o projeto não querendo puxar saco, claro que não, mas por entender mesmo que às vezes os professores universitários são muito cobrados de muita coisa, então, eu entendo que ela sim era excelente, a gente poder ser ouvido por ela e falar o que está acontecendo e tudo mais, mas eu acho que precisava de uma ajuda. Ela não podia fazer isso sozinha porque como eu disse a coordenação de Tarumã estava começando. Ela estava sozinha, ela é mais experiente no projeto, mas ela também tava sozinha. Ela não tinha como dar uma ajuda. **(Professor César)**

[...] eu não sei se elas acrescentaram algo tanto teoricamente quanto deveriam acrescentar.

Luana (pesquisadora): Porque?

Professora 2: É, eu acho que talvez, se tivesse tido um contato direito apenas com os professores de cada língua, professores de espanhol e professores de inglês com os seus respectivos coordenadores.

Luana (pesquisadora): Você achou que faltou esse suporte em relação à língua que você dava aula, foi isso?

Professora 2: É, eu acho que foi isso. Eu acho que às vezes as reuniões eram regadas a muito achismo, sabe, tipo, na minha opinião, na minha experiência, e isso não me acrescentava em nada, mas claro que a gente tem sempre a aprender nas reuniões, mas talvez a sua experiência com o inglês, por exemplo, não iria me influenciar na minha aula de espanhol, então, eu acho que se a gente tivesse tido reuniões separadas, enfim, eu acho que, eu não sei, eu não gostava muito das reuniões, eu não gostava muito de algumas burocracias, mas eu acho que elas eram perdidas, eu acho que elas eram desnecessárias, eu só acho que poderiam ter sido mais eficientes. **(Professora Maria)**

Assim em alguns momentos eu senti que eu precisava. Tinham apoio sabe e tive mais medo acho que eu tive muito apoio no projeto. Eu achei que era direito esse apoio então é que geralmente nós estamos a reunião passamos a ter uma reunião só porque eu senti falta de que tivessem mais reuniões. Mas essas reuniões que tive, eu lembro que nós tivemos uma reunião antes de começar o semestre. E aí a gente discutiu muitas coisas o que a gente iria fazer como que vai funcionar o projeto por semestre. Só que eu senti falta de um acompanhamento durante o semestre porque estávamos sem reunião. Eu acho que o que eu senti falta nesse projeto foi isso [...]. **(Professora Anna)**

Comparemos agora os fragmentos que remetem ao ano de 2019, em que o projeto passou a ter orientações individuais e coletivas, com a coordenadora e o auxílio de outro coordenador vinculado a FCL/Assis e mudanças positivas que ocorreram no ano de 2019

Então, em 2019 entrou o Fulano. Eu acho que foi muito bom nesse sentido porque eu acho que ela ficou mais segura, ela conseguiu partilhar a angústia dela também porque eu acredito que tenha sido várias e o Fulano também podia dar esse aparato pra gente, né. A gente falou em reunião isso, isso, e isso não está funcionando, então, vamos rever como a gente vai lidar com isso e depois deu certo, mas assim foram alguns atritos que aconteceram, no entanto, foram sanados e a nossa relação ficou boa, né, entre os professores e a coordenação. Já em 2019 eu percebi que teve um apoio muito maior da parte de Tarumã, então, em relação à Prefeitura e tudo mais [...] Então, por exemplo, o meu ventilador quebrou e era naquela época em que o calor estava demais. Eu mandei mensagem no grupo. Na outra semana eles instalaram ventiladores novos. Eles colocaram as mídias e eles colocaram um som. O material didático, então foi assim. Em 2019, o projeto deu um salto gigantesco, gigantesco, então, o que em 2018 a gente ficou mais no morno, mais conhecendo o projeto, em 2019 a gente deu um pulo. Então,

a gente se sentia mais motivado porque, por exemplo, podia levar vídeo para eles. Eu podia levar a música, né, então, acho que 2019 deu um salto, a gente conseguir fazer os eventos, né, da área de inglês. **(Professor César)**

[...] eu acho que mais para o final do ano as coisas foram melhorando por causa do tempo, né, e aí eu senti que a gente fez uma conclusão bem legal. Eu sentia muita, muita a presença da coordenação, antes de ter um subcoordenador, né, eu sentia que era a Rozana era muito disponível e a Kelly, também. Na escola, o Gabriel, em especial, ele era uma pessoa extremamente importante para o projeto, ele era fundamental, e o Rodrigo, também. Eu acho que foram pessoas que ajudaram muito nesse momento [...] **(Professora Maria)**

Por meio de nossas análises fica evidente a importância destes mediadores para os professores em formação inicial que ministraram aula no PELT, em 2019, pois é possível notar que as mudanças que ocorreram no projeto foram positivas se compararmos com as experiências relatadas pelos participantes no ano de 2018, em relação as reuniões pedagógicas.

Os participantes tematizaram a importância do projeto PELT no processo e desenvolvimento de formação inicial como sendo um espaço onde teceram suas experiências como professores atuando em sala de aula enquanto alunos da graduação em Letras. É importante ponderar que tais iniciativas surgem com o objetivo de melhorar a formação docente nos cursos de licenciatura, no tocante a formação inicial, tem por objetivo elevar o padrão de qualidade na formação com o intuito de constituir profissionais da área da educação mais competentes e reflexivos em relação a sua prática docente.

Por meio das análises fica evidente que as experiências vivenciadas neste contexto por estes participantes contribuíram para o desenvolvimento inicial de uma identidade docente crítica e reflexiva. Desta forma, a participação no projeto agregou na formação inicial docente, como apontam as narrativas dos professores vinculados ao PELT no ano de 2019

Olha, eu acho que ele foi uma experiência fundamental, acho que hoje eu sou uma profissional muito melhor graças ao PELT. Acho que é um projeto extremamente importante, acho que ele toca nas pessoas certas, ele abrange as pessoas que tem que abranger, eu acho que a gente tem que tratar o idioma com esse olhar mais humano, sabe, entende? Então, eu acho que o PELT me acrescentou muito e eu acho que eu seria uma profissional com algumas carências se eu não tivesse trabalho nesse projeto durante um ano e pouco. **(Professora Maria)**

Era um contexto novo. Eu tinha dado aula pra idosos, então, eu estava muito animado em ver o outro lado, né. E, aí que eu comecei a dar aulas no ensino básico e foi uma experiência muito interessante. Eu fiquei em 2018 e 2019, fiquei dois anos no PELT. Trabalhei com as turmas de básico 1, básico 2, básico 3 e intermediário 1, então eu segui aí com a turma, dois anos de experiência em 2018 e 2019. Muito do material que eu tinha usado com os alunos da UNATI, eu fui adaptando para os alunos do PELT. Eu fui adaptando, eu não pude usar o mesmo, porque como eu disse, eu preparei material específico para a terceira idade e não dá para usar com adolescentes e crianças, e aí tem que preparar um material novo. Então, no primeiro ano foi muito importante a experiência porque foi de conhecer esse outro lado. Eu dava aula no básico 1, então, eu tinha alunos crianças, adolescentes, tinham alguns alunos adultos que inclusive eram formados em Letras, então, elas fizeram Letras na graduação e voltaram depois para continuar estudando. No PELT eu dei aula para mãe e filho, também, né. Então, eu

acho que no primeiro ano, foi um ano de adaptação. [...] o projeto eu tenho certeza que não só mudou a minha visão enquanto professor porque a gente está num espaço de línguas estrangeiras mais trabalhando com o público né, a gente está trabalhando com a classe elitizada de uma escola de idiomas que eu também trabalhei com essa depois mais para frente, mas isso ali a gente trabalha com o público, né, e eu acho que em Tarumã nem tem escola particular, então, a gente tem ali alunos que vão trazer as angústias do dia a dia e para a gente eles vão trazer questões familiares. O professor, ele desempenha esse papel de não ser só professor, mas muitas vezes ele vai ter que ser um amigo, ele tem que ser um bom ouvinte, ser o psicólogo muitas vezes, a gente tem que ser um bom ouvinte, a gente aconselha, a gente acolhe muitas vezes, um abraço pode fazer totalmente diferença na vida de um aluno. **(Professor César)**

Eu acho que PELT foi o projeto que me fez mais refletir sobre a minha prática docente porque a gente aprende dando aula, eu sinto a minha prática docente mais reflexiva e a metodologia e os métodos me ajudaram a refletir sobre o que estou fazendo e como estou dando aula. A parceria me proporcionou uma reflexão muito mais rápida da minha prática como professora. Acho que foi o projeto em que eu pude mais refletir sobre isso, essas questões de metodologia. Até porque esse ano eu comecei a ter aulas de metodologia. Foi o que me ajudou. Eu sempre pensava nas aulas de metodologia quando eu estava dando aula e o quanto eu podia melhorar na sala de aula refletindo com as teorias que eu estava aprendendo no curso. **(Professora Anne)**

Por meio das análises e construções de sentidos sobre os fragmentos das narrativas dos participantes é possível constatar que o projeto PELT é um local de aprendizagem inicial da docência proporcionando experiências significativas tanto subjetivas, coletivas e profissionais, pois é um lugar de partilha e escuta, além de possibilitar uma reflexão da prática e construções de saberes docentes nesta primeira fase do percurso profissional docente.

Na última seção de nosso trabalho, pontuamos as nossas considerações finais, o percurso desta investigação e os possíveis encaminhamentos futuros acerca desta pesquisa que visou às experiências iniciais dos envolvidos no projeto PELT, no ano de 2019, no tocante, a formação inicial docente de professores de línguas estrangeiras.

5. GUARDAR MEMÓRIAS, CONTAR HISTÓRIAS E SEMEAR O FUTURO¹⁹

We do not learn from experience, we learn from reflecting on experience.

(John Dewey)

Nesta seção apresentamos nossas considerações finais e os encaminhamentos futuros desta pesquisa. A jornada que tecemos nesta investigação retrata a formação inicial de professores de línguas estrangeiras, os quais ministraram aulas de inglês e espanhol, no ano de 2019, em um Projeto de ensino de línguas, localizado no interior do estado de São Paulo, Tarumã. Nosso objetivo consistiu em descrever, analisar e compreender as experiências iniciais destes quatro participantes neste contexto por meio de suas narrativas para compreender o processo e o desenvolvimento da formação inicial dos professores iniciantes que atuaram no contexto PELT.

5.1 Considerações finais e encaminhamento futuro da investigação

Para tal, apresentamos as razões que nos motivaram a engajar esta pesquisa, a qual parte da subjetividade da pesquisadora que ministrou aulas de língua inglesa desde 2016 até 2018 no projeto, enquanto era aluna da graduação em Letras da FCL/Assis. Sentiu-se a necessidade de analisar e compreender o processo de formação inicial em determinado espaço, o qual é considerado um projeto de extensão devido a sua parceria com a Prefeitura Municipal de Tarumã com a Faculdade de Ciências e Letras de Assis, tendo mais de dezoito anos de atuação e nenhuma pesquisa científica sobre o potencial do contexto para a fomentação da formação inicial dos graduandos de línguas estrangeiras participantes do referido projeto.

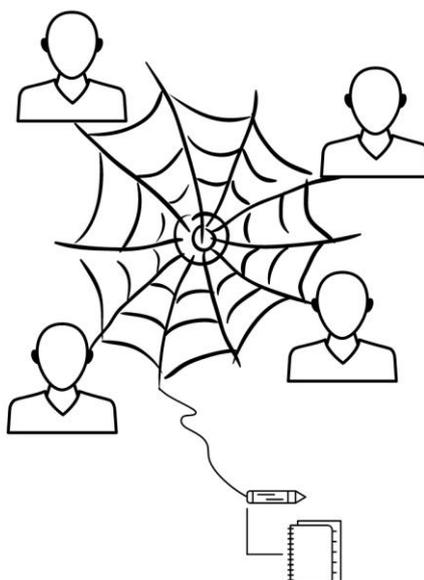
Com esta pesquisa, ao longo de quatro anos, buscamos por meio das narrativas tecer e entrelaçar as experiências destes participantes e com os relatos chegamos à conclusão de que o PELT pode ser considerado um espaço favorável para o desenvolvimento da docência, preparando o licenciando para o futuro espaço de trabalho, além de agregar em seu currículo acadêmico, sendo um diferencial para quem vivencia a experiência da sala de aula enquanto aluno da graduação.

Nesse íterim, narrativas foram tecidas e entrelaçadas no itinerário pessoal e coletivo, o qual, nesta pesquisa, buscou metaforicamente construir uma teia de histórias destes professores em formação, os quais são as outras mãos que escreveram esta pesquisa. Ao analisar as narrativas nos deparamos com fragmentos de vidas, os quais não pertencem a nós pesquisadores, pois as experiências aqui relatadas pelos participantes são pessoais,

¹⁹ Título da Conferência: “Guardar memórias, contar histórias e semear o futuro”, realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em agosto de 2014, pelo escritor Mia Couto.

únicas, porém ao tecer esta teia de histórias, foi possível encontrar-se com o(a) outro(a), entender como pensam e (re) interpretar, a análise das narrativas nesta pesquisa foi justamente compor significados sobre as experiências, neste caso, dos participantes do projeto PELT no ano de 2019. Com esta pesquisa buscou-se o entrecruzamento das histórias dos atuantes no contexto PELT em 2019, porém, ressaltamos que a teia de histórias continuará sendo tecida por outros licenciandos que passarão por este projeto, e que esta experiência de formação inicial influenciará diretamente ou não na escolha pela profissão docente.

FIGURA 8: Tecer histórias e semear o futuro



Elaborado pela autora, 2022.

Iniciamos esta nossa investigação apresentando o objeto de pesquisa e objetivo principal, e, ainda na introdução, elencamos trabalhos de pesquisadores que se dedicam a pesquisar o tema da formação inicial de professores de LE. Na sequência descrevemos a metodologia e método que permeou nossa pesquisa, discorremos sobre a Pesquisa Narrativa e nossa justificativa, instrumentos de coleta de dados e a teoria análise-compreensiva.

No segundo capítulo, apresentamos o contexto escolhido para tecer a investigação, desta forma, buscamos por meio de documentos oficiais e narrativas dos idealizadores (re)construir a história organizacional do projeto PELT (Projeto de Ensino de Línguas de Tarumã), pois havia escassez de documentos oficiais ligados a idealização do projeto. Para tecer este capítulo foi necessário consultar e analisar o processo oficial que retrata da formalização do vínculo entre as instituições Prefeitura Municipal de Tarumã e a Faculdade de Ciências de Letras de Assis.

Ao longo das análises, foi necessário entrar em contato com os idealizadores deste projeto para adquirir maiores informações. Além disso, buscamos encontrar maiores informações na plataforma de pesquisa *Google*. Os resultados obtidos foram fotos, uma reportagem sobre o projeto e um site desatualizado. Feito este levantamento e análise de documentos, descrevemos a implementação do projeto e elaboramos uma linha do tempo. Além disso, discorremos na seguinte seção sobre as mudanças e melhorias feitas no PELT no ano de 2019. Desta forma, pudemos resgatar a memória deste projeto existente há mais de dezoito anos e contribuir para futuras pesquisas que visarão a estudar este projeto de extensão universitária e seu potencial para a formação inicial de professores de LE da FCL/Assis.

Por conseguinte, apresentamos nossas considerações acerca da formação inicial de professores de línguas estrangeiras. Nesse ínterim, discutimos estudos que permeiam a área da Linguística aplicada e Educação sobre o tema estudado. Também, discorremos sobre a importância do projeto PELT para a formação inicial do graduando em línguas estrangeiras no curso de Letras da FCL, além de relatar a importância da extensão universitária como sendo uma oportunidade que corrobora para o desenvolvimento da formação inicial e identidade docente. Concluímos a seção apresentando outros projetos que visam possibilitar a constituição da docência aos licenciandos do curso de Letras da FCL/Assis.

Nos capítulos quatro e cinco trazemos os fragmentos de narrativas e analisamos a luz dos teóricos que permeiam esta investigação, e podemos concluir por meio da apresentação das experiências significativas, positivas ou negativas, este projeto PELT tem grande potencial para a formação docente de licenciandos do curso de Letras e merece maior destaque e divulgação em relação aos outros projetos vinculados a FCL/Assis.

Diante disso, podemos concluir que as narrativas se entrecruzam e se diferem, porém, todas provindas de um mesmo contexto, o qual formou vários professores, os quais puderam ter acesso a um espaço de partilha e escuta, além de aprimorar o processo de constituir-se professor de língua estrangeira. Desta forma, nossos apontamentos em relação aos resultados dessa investigação e o entrelaçamento de teorias de formação inicial docente discutidas neste trabalho, é possível afirmar que, contextos formativos ou projetos oferecidos pelas Universidades que visem oferecer espaços onde os graduandos de licenciaturas possam exercer a futura profissão de professor possibilita desenvolver uma formação mais reflexiva, diversificada com experiências que enriquecem o itinerário docente, permite a construção da identidade docente, proporciona conhecer o sistema escolar e maior preparo para enfrentar os desafios do cotidiano da sala de aula.

Esperamos que com esta pesquisa possa possibilitar reflexões acerca da formação docente inicial dos alunos do curso de Letras da UNESP de Assis e que auxilie nas propostas de políticas de formação docente da Universidade e que pesquisas, relacionadas a formação docente inicial de professores de LEs possam surgir acerca deste projeto, com mais de 18 anos de atuação.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, J. F. **Uma escola para todos: homens no magistério também ocupam este espaço.** Crítica Educativa (Sorocaba/SP), v. 5, n. 2, p. 59-72, jul./dez.2019.
- ALMEIDA, M. S. C. **Iniciação à docência e construção de percursos profissionais de participantes do PIBID: narrativas e práticas.** 2016. Tese (Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade), Universidade do Estado da Bahia.
- ALMEIDA FILHO, J. C. P. **Dimensões Comunicativas no Ensino de Línguas.** Campinas, SP: Pontes Editores, 1993, 2ª, ed. 1998.
- ALMEIDA FILHO, J. C. P. **O ensino de línguas no Brasil de 1978. E agora?** Revista Brasileira de Linguística Aplicada, v. 1, n. 1, p. 15-29, 2001.
- ALMEIDA FILHO, J. C. P. **O professor de Língua(s) profissional, reflexivo e comunicacional.** Passei Direto. 2004. p. 1-14. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/50685522/almeida-filho-o-professor-de-lingua-profissional>. Acesso em: 10, jun, 2020.
- ALMEIDA FILHO, J. C. P. **Conhecer e Desenvolver a Competência Profissional dos Professores de LE.** Passei Direto. 2006. p. 01-10. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/5753195/conhecer-e-desenvolver-a-competencia-profissional-dos-professores-de-le>. Acesso em: 10, jun, 2020.
- ALMEIDA FILHO, J. C. P, FARIA M. **Modelo de ensino, aprendizagem e da formação por abordagem e competências.** Artigo de Capa, p. 1-5, 2018. Disponível em: http://pgla.unb.br/images/documentos/Artigo_de_capa_PG_LA_LTIMA_VERSO.pdf. Acesso em: 12, jun, 2020.
- AMARAL, T. G. S. **Os efeitos do Pibid nos anos iniciais da carreira do professor de inglês.** 2017. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem), Universidade Estadual de Londrina.
- BENGEZEN, V. C. **Histórias de aprendizagem de Língua Inglesa e de formação de professores.** 2010. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos) Instituto de Letras da Universidade Federal de Uberlândia.
- BORGES, M. C. **Formação de professores: desafios históricos, políticos e práticos.** 1ª. Ed. – São Paulo: Paulus, 2013.
- BRASIL, **Lei 11.788** – Dispõe sobre o estágio. Brasília, 2008.
- BRASIL, **Decreto 27.270** – Dispõe sobre o centro de línguas. Brasília, 1987.
- BRANCATTI, P. R. **Trajetórias de formação construídas a partir dos Projetos de Extensão Universitária: o olhar dos egressos do Curso de Licenciatura da Educação Física da FCT/UNESP.** 2018. Tese (Programa de Pós-Graduação em Educação), Faculdade de Ciências e Tecnologia, da UNESP/Campus de Presidente Prudente.
- CABRAL, N. G. **Saberes em extensão universitária: contradições, tensões, desafios e desassossegos.** 2012. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- CELANI, M. A. A. **Ensino de línguas estrangeiras: ocupação ou profissão?.** In: LEFFA, V. J. O professor de línguas estrangeiras: construindo a profissão. 2ª ed., Pelotas – Educat, p. 23-42. 2008.

CLANDININ, JD. J.; CONNELLY, F. M. **Pesquisa narrativa: experiência e história na pesquisa qualitativa**. Uberlândia: EDUFU, 2011.

EUGENIO, B.; TRINDADE, L. B. **A entrevista narrativa e suas contribuições para a pesquisa em Educação**. *Pedagog. Foco*, Iturama (MG), v. 12, n. 7, p. 117-132, jan./jun. 2017.

FIUZA, A. C. B. **Histórias de formação de professores de língua espanhola: Caminhos formais e não formais**. 2013. Dissertação. (Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos) Instituto de Letras da Universidade Federal de Uberlândia.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa**. Ed. Paz e Terra, 52ª edição, 2015.

FERREIRAL.; REALI, A. **Aprendendo a ensinar e a ser professor: contribuições e desafios de um programa de Iniciação à Docência para Professores de Educação Física**. 2005. Trabalho apresentado à 28ª Reunião da ANPEd, Caxambu, 2005.

GIMENEZ, Q. S. **O programa Sala de Leitura e seus reflexos nas histórias de leitura de alunos e professores de uma escola estadual paulista**. 2015. 249f. Dissertação (Mestrado Profissional - Profletras). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2015.

IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001. 119 p. (Coleção Questões da Nossa Época, v. 77).

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. **Entrevista narrativa**. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

LEFFA, V. J. **Metodologia do ensino de línguas**. In BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. *Tópicos em lingüística aplicada: O ensino de línguas estrangeiras*. Florianópolis: Ed. Da UFSC, p. 211-236, 1988.

LEFFA, V. J. **O ensino de línguas estrangeiras no contexto nacional**. *Revista Contexturas, APLIESP*, n. 4, p. 13-24, 1999.

LEFFA, V. J. **Aspectos políticos da formação do professor de línguas estrangeiras**. In: LEFFA, Vilson J. *O professor de línguas estrangeiras: construindo a profissão*. 2ª ed., Pelotas-Educat, p.353 -376, 2008.

LEFFA, J. V. **Criação de bodes, carnavalização e cumplicidade: considerações sobre o fracasso da LE na escola pública**. In: LIMA, D. C. (Org.). *Inglês em escolas públicas não funciona? Uma questão, múltiplos olhares*. São Paulo: Parábola, 2011.

LEFFA, V. J. IRALA, Valesca Brasil. **O Ensino de outra(s) língua(s) na contemporaneidade: questões conceituais e metodológicas**. In: Vilson J. LEFFA; Valesca B. IRALA. (Orgs.). *Uma espiadinha na sala de aula: ensinando línguas adicionais no Brasil*. Pelotas: Educat, p. 21-48, 2014.

MARCELO, G. **Formação de professores: para uma mudança educativa**. Porto: Porto, 1999b. 272 p. (Coleção Ciências da Educação – Século XXI, v. 2).

MELLO, D. **Histórias de subversão do currículo, conflitos e resistências: buscando espaço para a formação do professor na aula de língua inglesa do curso de Letras**. 2005. 225 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

MESSIAS, R. L. ELSTERMANN. A. K. **“O que de fato é ser um professor de inglês?” Descobrendo a docência no contexto PBID**. Muitas Vozes, Ponta Grossa, v. 7, n.1, p. 35-48, 2018.

OLIVEIRA, L. A. **Ensino de língua estrangeira para jovens e adultos na escola pública**. In: LIMA, D. C. D. (Org.). Ensino e Aprendizagem de Língua Inglesa: conversas com especialistas. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

OLIVEIRA, L. D. G. C. **Pesquisa Narrativa e Educação: Algumas considerações**. In: EDUCERE – XIII Congresso Nacional de Educação – PUCPR, IV Seminário Inter. de Representações Sociais, Subjetividade e Educação – SIRSSE e VI Seminário Internacional Profissionalização Docente (Cátedra Unesco), 2017, Anais, p. 12146-12159.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e Docência**. 6. Ed – São Paulo: Cortez, 2011. - (Coleção docência em formação. – Série saberes pedagógicos).

QUADROS, Marta Campos de; LEITE, Yoshie Ussami Ferrari. **Professores que constituem o professor** que somos através da vida: memórias, narrativas e saberes profissionais docentes. In: LEITE, Yoshie Ussami Ferrari; Yamashiro, Carla Regina Calone; SILVA, Edimar Aparecido da; FERREIRA FILHO, João (orgs). Olhares sobre a escola pública: produção de saberes no âmbito do grupo de pesquisa. Curitiba: CRV, 2019. p. 79-93.

REZENDE JÚNIOR. E. L. **A formação inicial de professores(as) de língua estrangeira no Centro de Línguas da UNESP FCL/Assis**. 2020. 166f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Ciências e Tecnologia. Presidente Prudente/SP.

SILVA, J. B. M. **Vozes apaixonadas pelo ensino de Inglês: A construção da identidade de professores em formação inicial**. 2018. Dissertação (Pós-Graduação em Letras), Universidade Federal de Viçosa.

SANTOS, A. J. **Uma possível relação entre a formação de professores de espanhol e projetos de extensão**. 2015. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras), Universidade Federal da Bahia – UFBA.

SCHUTZE F. **Pesquisa biográfica e entrevista narrativa** Neue Praxis, 1, 1983, p. 283-293. Tradução de Denilson Werle. Revisão de Wivian Weller.l

SOUZA, E. C. **O conhecimento de si: narrativas do itinerário escolar e formação de professores**. 2004, Tese (Programa de Pós-Graduação em Educação), Universidade Federal da Bahia, 2004.

SOUZA, E.C. **Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido**. Santa Maria | v. 39 | n. 1 | p. 39-50 | jan./abr. 2014.

TEIXEIRA, Leny Rodrigues Martins. **A formação docente: as narrativas autobiográficas como recurso para um enfoque clínico**. In: REBOLO, Flavinês; TEIXEIRA, Leny Rodrigues Martins; PERRELLI, Maria Aparecida de Souza. (org) Docência em Questão: discutindo trabalho e formação. Campinas: Mercado de Letras, 2012. p. 109-134.

TELLES, J.A. **A trajetória narrativa: Histórias sobre a formação do professor de línguas e sua prática pedagógica**. Trab. Ling. Aplic, Campinas, (34): 79-92, jul/Dez. 1999.

TELLES, J.A. **É pesquisa é? Ah, não quero, não, bem! Sobre pesquisa acadêmica e sua relação com a prática do professor de línguas**. Linguagem & Ensino, vol. 5, No. 2, 2002 (91-116).

TELLES, J.A. **Reflexão e identidade profissional do professor de LE: Que histórias contam os futuros professores?.** Rev. Brasileira de Linguística Aplicada, v. 4, n. 2, 2004 (57-82).

VIEIRA-ABRAHÃO, M. H. **Formação de professores de línguas estrangeiras: olhando para o futuro.** Revistas Contexturas: Ensino Crítico de Língua Inglesa. São Paulo. n.9, p. 55-62, 2006.

VOLPI, M. T. **A formação de professores de língua estrangeira frente aos novos enfoques de sua função docente.** In: LEFFA, V. J. O professor de línguas estrangeiras: construindo a profissão. 2ª ed., Pelotas – Educat, p. 133-141. 2008.

ANEXOS

Anexo 1 - Celebração do convênio do projeto PELT (Projeto de Ensino de Línguas Estrangeiras de Tarumã) em parceria com a Prefeitura Municipal de Tarumã e UNESP (FCL/Assis) em 2005

FOLHA N.º 32
PROC. 161/05
a) J

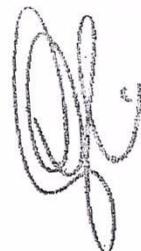
CONVÊNIO QUE ENTRE SI CELEBRAM A UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”, ATRAVÉS DA FCL – CÂMPUS DE ASSIS, E A PREFEITURA MUNICIPAL DE TARUMÃ.

Por este instrumento, de um lado a **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”**, autarquia de regime especial, criada pela Lei nº 952, de 30 de janeiro de 1976, inscrita no CGC/MF sob o nº 048.031.918/0008-09, neste ato representado pelo Diretor da FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS – CAMPUS DE ASSIS, **Prof. Dr. ANTONIO CELSO FERREIRA**, conforme delegação de atribuição prevista na Portaria UNESP nº 33, publicada no Diário Oficial do Estado de 09/06/1992, de ora em diante denominada simplesmente **UNESP** e, de outro lado, a **PREFEITURA MUNICIPAL DE TARUMÃ**, pessoa jurídica de direito público, inscrita no CGC sob o nº. 64.614.449/0001-22, doravante denominada **PREFEITURA MUNICIPAL**, neste ato representada pelo Excelentíssimo Senhor Prefeito Municipal, **OSCAR GOZZI**, resolvem firmar o presente CONVÊNIO, mediante as cláusulas e condições seguintes.

CLÁUSULA PRIMEIRA – DO OBJETIVO

Este Convênio tem por objetivo estabelecer e regulamentar a admissão de alunos regularmente matriculados nos Cursos de Graduação em Letras, da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Campus de Assis, como estagiários da Prefeitura Municipal, através da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Tarumã, nos termos da Lei nº 6.494/77, modificada pela Lei nº 8.859/94 e regulamentada pelo Decreto 87.497/82, bem como do art. 82 da Lei nº 9.394/96 (Leis de Diretrizes e Bases da Educação).

Parágrafo único. Os estudantes do 4º ano do Curso de Letras da UNESP atuarão junto ao “**Projeto de Ensino de Línguas de Tarumã**” (PELT), anexo a este Convênio, que tem como objetivo oferecer, em período diverso das aulas regulares, cursos de língua estrangeira moderna aos alunos das escolas da rede estadual de Ensino Fundamental, a partir da 6ª série, e do Ensino Médio e, atendendo a expectativa dos municípios, poderá estender-se a adultos concluintes do Ensino Fundamental e do Ensino Médio.

FOLHA Nº 51
PROC. 161/05
a)

**1º TERMO ADITIVO AO CONVÊNIO
CELEBRADO ENTRE A UNIVERSIDADE
ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA
FILHO", ATRAVÉS DA FCL - CÂMPUS DE
ASSIS, E A PREFEITURA MUNICIPAL DE
TARUMÃ, PARA FINS DE CONCESSÃO DE
ESTÁGIOS CURRICULARES.**

Por este Termo Aditivo ao Convênio celebrado em 15/04/2005, através do Processo nº 161/2005 – FCL/CAs, de um lado a **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"**, autarquia de regime especial, criada pela Lei nº 952, de 30 de janeiro de 1976, inscrita no CGC/MF., sob nº 048.031.918/0008-09, neste ato representada pelo Prof. Dr. Antonio Celso Ferreira, Diretor da Faculdade de Ciências e Letras, Câmpus de Assis, conforme delegação de atribuição prevista na Portaria UNESP nº 33, publicada no Diário Oficial do Estado de 09/06/1992, sediada na Avenida Dom Antônio, nº 2.100, CEP 19.806-900, doravante designada simplesmente **INSTITUIÇÃO DE ENSINO** e, de outro lado, a **PREFEITURA MUNICIPAL DE TARUMÃ**, pessoa jurídica de direito público, inscrita no CGC/MF sob o n.º 64.614.449/0001-22, neste ato representada por seu Prefeito Municipal, o Senhor Oscar Gozzi, doravante designada simplesmente **CONCEDENTE**, tem entre si justo e acordado o presente Termo Aditivo, regido pelas seguintes cláusulas e condições:

CLÁUSULA PRIMEIRA - DO OBJETO

O presente Termo Aditivo tem por objetivo a prorrogação da vigência do Convênio celebrado entre a **INSTITUIÇÃO DE ENSINO** e a **CONCEDENTE**, por mais 01 (um) ano, a partir de 01/12/2005 com a finalidade de estabelecer e regulamentar a admissão de estagiários, nos

Oscar 

FOLHA N.º	59
PROC.	161/05
a)	

termos da Lei nº 6.494/77, modificada pela Lei nº 8.859/94, e regulamentada pelo Decreto nº 87.497/82.

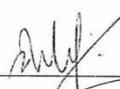
CLÁUSULA SEGUNDA - DA RATIFICAÇÃO

Ficam integralmente ratificadas as cláusulas e condições consignadas no Convênio original, em tudo que não conflitue com os termos deste Termo Aditivo.

E por estarem de acordo, assinam o presente instrumento em 03 (três) vias de igual teor e forma, na presença das testemunhas abaixo.

Assis, 30 de novembro de 2005.

Pela UNESP:



 ANTONIO CELSO FERREIRA
 Diretor da FCL - UNESP/Câmpus de Assis

Pela PREFEITURA MUNICIPAL DE TARUMÃ:



 OSCAR GOZZI
 Prefeito Municipal de Tarumã

Testemunhas:

1) Jânia Maria Cavêa R.G. 25.059.754-8

2) Érica Híri Cláudia Callom - Cláudia Callom - R.G. 9.540.780

57
16/05
Y

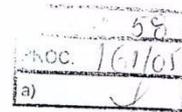
TERMO ADITIVO

2º TERMO ADITIVO AO CONVÊNIO CELEBRADO ENTRE A UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO", ATRAVÉS DA FCL - CÂMPUS DE ASSIS, E A PREFEITURA MUNICIPAL DE TARUMÃ, PARA FINS DE CONCESSÃO DE ESTÁGIOS CURRICULARES.

Por este Termo Aditivo ao Convênio celebrado em 15/04/2005, através do Processo nº 161/2005 – FCL/CAs, de um lado a **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"**, autarquia de regime especial, criada pela Lei nº 952, de 30 de janeiro de 1976, inscrita no CGC/MF., sob nº 048.031.918/0008-09, neste ato representada pelo Prof. Dr. Antonio Celso Ferreira, Diretor da Faculdade de Ciências e Letras, Câmpus de Assis, conforme delegação de atribuição prevista na Portaria UNESP nº 33, publicada no Diário Oficial do Estado de 09/06/1992, sediada na Avenida Dom Antônio, nº 2.100, CEP 19.806-900, doravante designada simplesmente **INSTITUIÇÃO DE ENSINO** e, de outro lado, a **PREFEITURA MUNICIPAL DE TARUMÃ**, pessoa jurídica de direito público, inscrita no CGC/MF sob o n.º 64.614.449/0001-22, neste ato representada por seu Prefeito Municipal, o Senhor Oscar Gozzi, doravante designada simplesmente **CONCEDENTE**, tem entre si justo e acordado o presente Termo Aditivo, regido pelas seguintes cláusulas e condições:

CLÁUSULA PRIMEIRA – DO OBJETO

O presente Termo Aditivo tem por objetivo a prorrogação da vigência do Convênio celebrado entre a **INSTITUIÇÃO DE ENSINO** e a **CONCEDENTE**, por mais 01 (um) ano, a partir de 01/12/2006 com a



termos da Lei nº 6.494/77, modificada pela Lei nº 8.859/94, e regulamentada pelo Decreto nº 87.497/82.

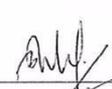
CLÁUSULA SEGUNDA - DA RATIFICAÇÃO

Ficam integralmente ratificadas as cláusulas e condições consignadas no Convênio original, em tudo que não conflitue com os termos deste Termo Aditivo.

E por estarem de acordo, assinam o presente instrumento em 03 (três) vias de igual teor e forma, na presença das testemunhas abaixo.

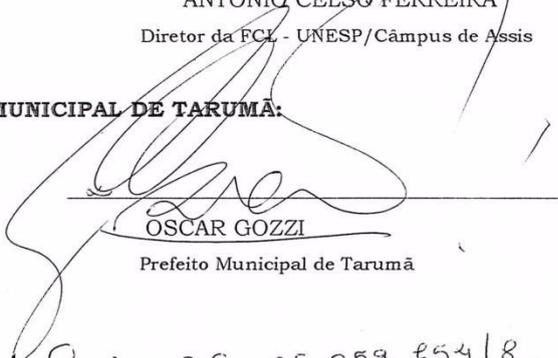
Assis, 30 de novembro de 2006.

Pela UNESP:



 ANTONIO CELSO FERREIRA
 Diretor da FCL - UNESP/Câmpus de Assis

Pela PREFEITURA MUNICIPAL DE TARUMÃ:



 OSCAR GOZZI
 Prefeito Municipal de Tarumã

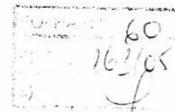
Testemunhas:

1) Lânia Maria Corêa R.G. 25 059.45418.

2) _____

Anexo 3 - Terceiro termo aditivo do convênio entre a Prefeitura Municipal de Tarumã e UNESP (FCL/Assis)

TERMO ADITIVO



3º TERMO ADITIVO AO CONVÊNIO CELEBRADO ENTRE A UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO", ATRAVÉS DA FCL - CÂMPUS DE ASSIS, E A PREFEITURA MUNICIPAL DE TARUMÃ, PARA FINS DE CONCESSÃO DE ESTÁGIOS CURRICULARES.

Por este Termo Aditivo ao Convênio celebrado em 15/04/2005, através do Processo nº 161/2005 – FCL/CAs, de um lado a **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"**, autarquia de regime especial, criada pela Lei nº 952, de 30 de janeiro de 1976, inscrita no CGC/MF., sob nº 048.031.918/0008-09, neste ato representada pelo Prof. Dr. Antonio Celso Ferreira, Diretor da Faculdade de Ciências e Letras, Câmpus de Assis, conforme delegação de atribuição prevista na Portaria UNESP nº 33, publicada no Diário Oficial do Estado de 09/06/1992, sediada na Avenida Dom Antônio, nº 2.100, CEP 19.806-900, doravante designada simplesmente **INSTITUIÇÃO DE ENSINO** e, de outro lado, a **PREFEITURA MUNICIPAL DE TARUMÃ**, pessoa jurídica de direito público, inscrita no CGC/MF sob o n.º 64.614.449/0001-22, neste ato representada por seu Prefeito Municipal, o Senhor Oscar Gozzi, doravante designada simplesmente **CONCEDENTE**, tem entre si justo e acordado o presente Termo Aditivo, regido pelas seguintes cláusulas e condições:

CLÁUSULA PRIMEIRA – DO OBJETO

O presente Termo Aditivo tem por objetivo a prorrogação da vigência do Convênio celebrado entre a **INSTITUIÇÃO DE ENSINO** e a **CONCEDENTE**, por mais 01 (um) ano, a partir de 01/12/2007 com a

Anexo 4 - Quarto termo aditivo do convênio entre a Prefeitura Municipal de Tarumã e UNESP (FCL/Assis)

TERMO ADITIVO

RECIBO Nº 8
PROC. 16306
0

4º TERMO ADITIVO AO CONVÊNIO CELEBRADO ENTRE A UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO", ATRAVÉS DA FCL - CÂMPUS DE ASSIS, E A PREFEITURA MUNICIPAL DE TARUMÃ, PARA FINS DE CONCESSÃO DE ESTÁGIOS CURRICULARES.

Por este Termo Aditivo ao Convênio celebrado em 15/04/2005, através do Processo nº 161/2005 - FCL/CAs, de um lado a **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"**, autarquia de regime especial, criada pela Lei nº 952, de 30 de janeiro de 1976, inscrita no CGC/MF., sob nº 048.031.918/0008-09, neste ato representada pelo Prof. Dr. Mário Sérgio Vasconcelos, Diretor da Faculdade de Ciências e Letras, Câmpus de Assis, conforme delegação de atribuição prevista na Portaria UNESP nº 33, publicada no Diário Oficial do Estado de 09/06/1992, sediada na Avenida Dom Antônio, nº 2.100, CEP 19.806-900, doravante designada simplesmente **INSTITUIÇÃO DE ENSINO** e, de outro lado, a **PREFEITURA MUNICIPAL DE TARUMÃ**, pessoa jurídica de direito público, inscrita no CGC/MF sob o n.º 64.614.449/0001-22, neste ato representada por seu Prefeito Municipal, o Senhor Oscar Gozzi, doravante designada simplesmente **CONCEDENTE**, tem entre si justo e acordado o presente Termo Aditivo, regido pelas seguintes cláusulas e condições:

CLÁUSULA PRIMEIRA - DO OBJETO

O presente Termo Aditivo tem por objetivo a prorrogação da vigência do Convênio celebrado entre a **INSTITUIÇÃO DE ENSINO** e a **CONCEDENTE**, por mais 01 (um) ano, a partir de 01/12/2008 com a

finalidade de estabelecer e regulamentar a admissão de estagiários, nos termos da Lei nº. 11.788 de 25/09/2008.

CLÁUSULA SEGUNDA - DA RATIFICAÇÃO

Ficam integralmente ratificadas as cláusulas e condições consignadas no Convênio original, em tudo que não conflitue com os termos deste Termo Aditivo.

E por estarem de acordo, assinam o presente instrumento em 03 (três) vias de igual teor e forma, na presença das testemunhas abaixo.

Assis, de de 200...

Pela UNESP:

MÁRIO SÉRGIO VASCONCELOS
Diretor da FCL - UNESP/Câmpus de Assis

Pela PREFEITURA MUNICIPAL DE TARUMÃ:

OSCAR GOZZI
Prefeito Municipal de Tarumã

Testemunhas:

1) Vânia Maria Corrêa - R. G. 25.059.754/8
Supervisora de Ensino

2) _____

Anexo 5 - Edital de seleção de professores de língua estrangeira 2019 para o projeto PELT (Projeto de Ensino de Línguas de Tarumã)

Projeto de Ensino de Línguas de Tarumã & Faculdade de Ciências e Letras de

Assis**Edital de seleção – professor de língua estrangeira – INGLÊS – 2019**

A coordenação do PROJETO DE ENSINO DE LÍNGUAS DE TARUMÃ em parceria com a FCL de Assis – UNESP faz saber que estão abertas as inscrições de candidatas(os) para preenchimento de uma vaga para professor(a) de língua estrangeira (Inglês) do PELT, no ano de 2019.

O PELT é um programa da Prefeitura de Tarumã que visa o ensino gratuito de línguas estrangeiras para os munícipes e hoje conta com os cursos de INGLÊS e ESPANHOL.

1. Pré-requisitos

- a) Ser aluna(o) regularmente matriculada(o) na FCL de Assis UNESP durante todo o ano de 2019;
- b) Ser aluna(o) do curso de LETRAS (Habilitação em Inglês terá prioridade neste edital);
- c) Estar cursando a partir do 2º ano do curso.

2. Seleção

A seleção constará em duas fases, sendo elas:

- a) Prova didática: ministrar uma aula de, 15 minutos (mínimo) a 20 minutos (máximo) para uma banca de professores do curso de Inglês do PELT com o tema SIMPLE PRESENT ou SIMPLE PAST (o candidato fará sua opção);
- b) Entrevista com a banca e análise sobre as experiências com a língua inglesa.

A prova didática e a entrevista serão realizadas no dia 11 e 12 de Março de 2019, a partir das 14h, na sala 10 do Prédio 1

Será avaliado na prova didática:

- a) As metodologias adotadas;
- b) O uso de mídias e lousa;
- c) Idioma escolhido pelo candidato (Língua Inglesa e Língua Portuguesa terão pesos diferentes);
- d) Didática, comunicação e expressividade;

3. Das aulas

- a) A vaga será para 1 turma de Básico 1;

- b) As aulas serão ministradas às segundas e quartas no período da noite das 19h15 às 20h45 na cidade de Tarumã/SP.

4. Gratificações

- c) Será ofertada uma bolsa no valor de R\$300,00/mensal;
- d) Vale transporte (O cartão da empresa de transporte será de total responsabilidade do candidato, assim será depositado o vale após a confecção do mesmo)

5. Inscrições

- e) Os candidatos deverão enviar a ficha de inscrição (ANEXO I) preenchida para o email virtuevco@gmail.com até o dia 01/03/2019.
- f) Dúvidas: virtuevco@gmail.com

Anexo 6 - Modelo de formulário de inscrição em 2019

FORMULÁRIO DE INSCRIÇÃO

INGLÊS – PELT - 2019

Nome:

Data de nascimento:

Licenciatura em LETRAS com habilitação em: _____ Semestre: _____

R.A:

R.G:

E-mail:

Telefone/Wpp:

Quais são as suas experiências com a língua inglesa?

Tema escolhido para a prova didática:

Anexo 7 - Matéria do projeto PELT publicada no Jornal Nosso Câmpus da UNESP

EXTEN

Projeto de Ensino de Línguas de Tarumã

Projeto do Departamento de Educação da FCL-As

Texto: Mayara Crispim

Em Tarumã, cidade que fica a 26 quilômetros de Assis, um projeto desenvolvido por alunos da Unesp tem aberto as portas do mundo para estudantes do Ensino Fundamental e Médio daquela cidade.

O Pelt – O Projeto de Ensino de Línguas de Tarumã, programa de extensão colaborativo entre a Universidade e a Prefeitura do município, oferece cursos de idiomas (inglês, alemão, italiano, espanhol, francês e japonês) a esse público e completa, em 2012, 11 anos de atuação.

Duas vezes por semana, sempre no período noturno, os adolescentes se encontram em sala de aula, onde trocam experiências e aprendem sobre a gramática e a cultura dos países onde são falados os idiomas preferidos.

O corpo docente do projeto, que realiza suas atividades em uma escola municipal, denominada Emeif José Ozório de Oliveira, é composto atualmente de alunos-professores, geralmente do 4º ano de Letras, coordenados pela professora Rozane Lopes Messias, do Departamento de Educação da Faculdade de Ciências e Letras de Assis (FCL).

Dentro das salas de aulas, carteiras são ocupadas por estudantes da cidade que estão ali por um só motivo: aprender.

A aula do dia é sobre conjugação verbal e a sala

da professora Tamara, de Inglês nível II, está num dia bem agitado. Um dos alunos entra na sala e a comoção é geral. Ele é Júlio César de Oliveira Paiva, de 16 anos. Apesar das brincadeiras sabe que o mercado profissional é coisa séria, e por isso buscou no Pelt uma chance de melhorar seu desempenho quando for ingressar na faculdade de Administração de Empresas. “Sei que o inglês hoje é obrigatório em qualquer profissão e por isso estou aqui para, quando entrar na faculdade, eu esteja preparado”, justificou.

Sua colega de classe também já tem os olhos voltados para o futuro. Quando os professores do Pelt passaram pelas escolas anunciando os cursos, Tatiane Caetano Santos, de 13 anos, não pensou duas vezes. Matriculou-se e está, já há dois anos, aprendendo inglês. “É um tipo de reforço que temos para o aprendizado do inglês que se ensina na escola”, avaliou. Apesar de ainda estar indecisa sobre a profissão que vai seguir, ela garante que o tempo que passou no projeto será bem aproveitado, seja em que área for. “Penso em fazer contabilidade; ainda não defini isso, porém sei que qualquer currículo hoje pede o conhecimento de pelo menos uma língua estrangeira”, completou.

A dedicada professora Tamara Lopez dos Santos, aluna do 4º ano de Letras na FCL, contou que começou este ano a participar do projeto, mas

que já extraiu boas experiências para sua formação. “Já tinha trabalhado no Centro de Línguas da Unesp, na Unati (Universidade Aberta à Terceira Idade), mas lidar com adolescentes como estou lidando aqui é algo totalmente novo para mim. É preciso ter muita paciência e fôlego para trabalhar com jovens cheios de tanta energia”, confessou.

No entanto, a tarefa se torna mais gratificante, como ela diz, quando pensa nas dificuldades que seus alunos enfrentam para estar ali. “Mesmo quando estão dispersos - afinal a idade deles é uma idade complicada - sinto prazer em estar com eles porque estão aqui somente pelo interesse de aprender. O curso é à noite; eles poderiam estar fazendo qualquer outra coisa, e o fato de estarem aqui, por si só, já é motivo de orgulho para mim”, comentou.

O processo didático e pedagógico no Pelt segue uma linha diferenciada, justamente para captar por mais tempo a atenção dos estudantes. Além das apostilas que são ilustradas e apresentam textos e temas familiares à idade, a parte gramatical é reforçada com atividades de música, teatro e outras manifestações culturais dos povos falantes da língua que está sendo aprendida.

“Uma vez por semestre nós realizamos apresentações artísticas, que são abertas a toda comunidade. É uma grande festa”, disse a professora Tamara.



Foto: Nayana Camolize

Júlio César, 16 anos: “Preparação para a faculdade”



Foto: Nayana Camolize

Tatiane, 13, já está estuda há dois anos no Projeto em Tarumã

Anexo 8 - Termo de consentimento livre e esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título

FORMAÇÃO INICIAL NO CONTEXTO EDUCACIONAL PELT (Projeto de Ensino de Línguas de Tarumã)”

Nome do (a) Pesquisador (a): Luana Alves Guarda

Nome do (a) Orientador (a): Rozana Aparecida Lopes Messias

Natureza da pesquisa: o sra (sr.) está sendo convidada (o) a participar desta pesquisa que tem como finalidade descrever, analisar e compreender o processo de formação inicial de licenciandos do curso de Letras da FCL/UNESP de Assis que atuaram como professores de língua espanhola e inglesa no contexto PELT em 2019.

1. **Participantes da pesquisa:** Professores de língua inglesa e espanhola participantes do projeto PELT (Programa de Ensino de Línguas de Tarumã) no ano de 2019 (4) e idealizadores do programa (2).
2. **Envolvimento na pesquisa:** ao participar deste estudo a sra (sr) permitirá que o pesquisador faça uso dos dados gerados por meio de entrevistas e narrativas para a realização da pesquisa de mestrado, citada anteriormente, e publicações acadêmicas, desde que resguardada a identidade do participante.
3. **Sobre as entrevistas:** As entrevistas narrativas serão realizadas com os idealizadores e professores de espanhol e inglês e consistirão em: (a) agendamento com os participantes; (b) solicitação para gravação da entrevista; (c) transcrição da entrevista e (d) envio da transcrição para o participante.
4. **Riscos e desconforto:** a participação nesta pesquisa não infringe as normas legais e éticas *podendo causar* pequenos desconfortos no que diz respeito a recuperação de memórias ruins acerca de experiências vividas dentro do projeto PELT. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no. 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade.
5. **Sigilo sobre a Identidade dos Sujeitos da Pesquisa:** Sua identidade, bem como informações ou qualquer outro meio que porventura possa identificá-lo, serão mantidos em sigilo. Somente o (a) pesquisador (a) e seu (sua) orientador (a) (e/ou equipe de

pesquisa) terão conhecimento de sua identidade e nos comprometemos a mantê-la em sigilo ao publicar os resultados dessa pesquisa.

6. **Confidencialidade dos Dados:** As informações coletadas neste estudo que não forem publicadas na pesquisa não serão divulgadas de qualquer outra forma e os documentos que contiverem tais informações serão destruídos de acordo com as Normas vigentes da CONEP (Comissão Nacional de Ética em Pesquisa).
7. **Benefícios:** ao participar desta pesquisa a sra (sr.) não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre o processo de formação inicial de professores de língua estrangeira no PELT (Programa de Ensino de Línguas de Tarumã), de forma que o conhecimento que será construído a partir desta pesquisa possa ressoar em outros contextos de formação de professores, onde pesquisador se compromete a divulgar os resultados obtidos, respeitando-se o sigilo das informações coletadas, conforme previsto no item anterior.
8. **Pagamento:** a sra (sr.) não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

A sra (sr.) tem liberdade de se recusar a participar e ainda se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para a sra (sr.). Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone do (a) pesquisador (a) do projeto e, se necessário, através do telefone do Comitê de Ética em Pesquisa.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto preencha, por favor, os itens que se seguem: Confiro que recebi uma via deste termo de consentimento, e autorizo a execução do trabalho de pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Obs: Não assine esse termo se ainda tiver dúvida a respeito.

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto
meu consentimento em participar da pesquisa

Nome do Participante da Pesquisa

Assinatura do Participante da Pesquisa

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Orientador

Pesquisador: Luana Alves Guarda (18) 99708-7241

Orientador: Rozana Aparecida Lopes Messias (18) 99647-4990

Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa: Profa. Dra. Edna Maria do Carmo

Vice-Coordenadora: Profa. Dra. Andreia Cristiane Silva Wiezzel

Telefone do Comitê: 3229-5315 ou 3229-5526

E-mail cep@fct.unesp.br

Anexo 9 - Termo de Compromisso



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Presidente Prudente

TERMO DE COMPROMISSO

Nós, abaixo assinados, pesquisadores do projeto de pesquisa intitulado “**CONSTITUINDO-SE PROFESSOR DE LÍNGUA ESTRANGEIRA: EXPERIÊNCIAS DE FORMAÇÃO INICIAL NO CONTEXTO EDUCACIONAL PELT (Programa de Ensino de Línguas de Tarumã)**”, declaramos que conhecemos e cumpriremos os requisitos da Resolução CNS 510/16, da Norma Operacional 510/2016 e do Regimento Interno do Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências e Tecnologia – Unesp – Campus de Presidente Prudente.

Garantimos que os benefícios resultantes do projeto retornarão aos participantes da pesquisa, seja em termos de retorno social, acesso aos procedimentos, produtos ou agentes da pesquisa. Além disso, nos comprometemos a anexar os resultados deste projeto na Plataforma Brasil, sob a forma de Relatório de pesquisa, garantindo o sigilo relativo às propriedades intelectuais e patentes industriais.

Garantimos ainda que as coletas de dados serão iniciadas somente após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa.

Presidente Prudente ____/____/____

Rozana Aparecida Lopes Messias

Departamento de Educação

Luana Alves Guarda

Mestrado em Educação

Anexo 10 - Termo de responsabilidade e compromisso para uso, guarda e divulgação de dados e arquivos de pesquisa

Título do Projeto: CONSTITUINDO-SE PROFESSOR DE LÍNGUA ESTRANGEIRA: EXPERIÊNCIAS DE FORMAÇÃO INICIAL NO CONTEXTO EDUCACIONAL PELT (Programa de Ensino de Línguas de Tarumã)

Nome completo do solicitante/pesquisador responsável ou participante:

RG: _____ CPF: _____

Endereço: (rua, avenida) _____ n.º.: _____

bairro: _____ cidade _____
 CEP: _____ Estado de _____

O solicitante/pesquisador responsável ou participante, retro qualificado, se declara ciente e de acordo:

a) de todos os termos do presente instrumento, assumindo toda e qualquer responsabilidade por quaisquer condutas, ações ou omissões que importem na observação do presente e conseqüente violação de quaisquer das cláusulas abaixo descritas bem como por outras normas previstas em lei, aqui não especificadas, respondendo de forma ilimitada, irretroatável, irrevogável e absoluta perante a fornecedora dos dados e arquivos em eventuais ações regressivas, bem como perante terceiros eventualmente prejudicados por sua não observação.

b) de que os dados e arquivos a ele fornecidos deverão ser usados, guardados e preservados em sigilo e que eventual divulgação dos dados deverá ser feita em estrita observação aos princípios éticos de pesquisa, resguardando-se ainda aos termos da Constituição Federal de 1988, especialmente no tocante ao direito à intimidade e a privacidade dos consultados, sejam eles pacientes ou não.

c) de que as informações constantes nos dados ou arquivos a ele disponibilizados deverão ser utilizados apenas e tão somente para a execução e pesquisa do projeto acima descrito, sendo vedado o uso em outro projeto, seja a que título for salvo expressa autorização em contrário do responsável devidamente habilitado do setor.

d) de que eventuais informações a serem divulgadas, serão única e exclusivamente para fins de pesquisa científica, sendo vedado uso das informações para publicação em quaisquer meios de comunicação de massa que não guardem compromisso ou relação científica, tais como televisão, jornais, periódicos e revistas, entre outros aqui não especificados.

e) sem prejuízo dos termos da presente, que deverão ser respeitadas as normas da Resolução 466/12 e suas complementares na execução do projeto em epígrafe.

Presidente Prudente, _____ de _____ de 2_____.

 Nome e assinatura do pesquisador responsável ou participante
Anexo 11 - Declaração de autorização

Declaração

DECLARO que tenho CIÊNCIA E AUTORIZO, o desenvolvimento da pesquisa intitulada “CONSTITUINDO-SE PROFESSOR DE LÍNGUA ESTRANGEIRA: EXPERIÊNCIAS DE FORMAÇÃO INICIAL NO CONTEXTO EDUCACIONAL PELT (Programa de Ensino de Línguas de Tarumã)”, a ser conduzida pelo Sr(a) Luana Alves Guarda, aluno regularmente matriculado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de

Ciência e Tecnologia de Presidente Prudente/ UNESP, orientado (a) pelo Prof. Dr. Rozana Aparecida Lopes Messias, no PELT (Programa de Ensino de Línguas de Tarumã) .

Sem mais para o momento, reitero votos de estima e consideração.

Tarumã, __ de _____ de _____

Nome, carimbo e assinatura do Responsável pelo local

Anexo 12 – Comprovante de envio do projeto para o Comitê de Ética e Pesquisa

UNESP - FACULDADE DE CIÊNCIAS
E TECNOLOGIA DO CAMPUS DE
PRESIDENTE PRUDENTE



COMPROVANTE DE ENVIO DO PROJETO

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: CONSTITUINDO-SE PROFESSOR(A) DE LÍNGUA ESTRANGEIRA:
EXPERIÊNCIAS DE FORMAÇÃO INICIAL NO CONTEXTO
EDUCACIONAL
PELT (Programa de Ensino de Línguas de
Tarumã)

Pesquisador: LUANA ALVES GUARDA

Versão: 2

CAAE: 31756620.0.0000.5402

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JULIO DE MESQUITA FILHO

DADOS DO COMPROVANTE

Número do Comprovante: 046194/2020

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

Informamos que o projeto CONSTITUINDO-SE PROFESSOR(A) DE LÍNGUA ESTRANGEIRA: EXPERIÊNCIAS DE FORMAÇÃO INICIAL NO CONTEXTO EDUCACIONAL PELT (Programa de Ensino de Línguas de Tarumã) que tem como pesquisador responsável LUANA ALVES GUARDA, foi recebido para análise ética no CEP UNESP - Faculdade de Ciências e Tecnologia do Campus de Presidente Prudente em 13/05/2020 às 16:57.

Endereço: Rua Roberto Simonsen, 305 e Faculdade de Ciência e Tecnologia da Unesp e Prédio da Administração e SI 04

Bairro: Centro Educacional

CEP: 19.060-

UF: SP

Município: PRESIDENTE PRUDENTE

Telefone (18)3229-5315

Fax: (18)3229-5300

E-mail:

Anexo 13 - Parecer consubstanciado de aprovação no Comitê de Ética e Pesquisa

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: CONSTITUINDO-SE PROFESSOR(A) DE LÍNGUA ESTRANGEIRA: EXPERIÊNCIAS DE FORMAÇÃO INICIAL NO CONTEXTO EDUCACIONAL PELT (Programa de Ensino de Línguas de Tarumã)

Pesquisador: LUANA ALVES GUARDA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 31756620.0.0000.5402

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JULIO DE MESQUITA FILHO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.164.307

Apresentação do Projeto:

O projeto de mestrado desenvolvido no âmbito do Programa de Pós-graduação em Educação da FCT/Unesp câmpus de Presidente Prudente, aborda o tema da formação inicial de professores de língua estrangeira, especificamente, língua espanhola e inglesa, em um contexto educacional público de ensino denominado PELT (Programa de Ensino de Línguas de Tarumã). "O foco do estudo centra-se nas experiências de formação inicial de graduandos do curso de Letras da UNESP - Câmpus de Assis, que ministram as aulas de inglês e espanhol neste projeto, em um sistema de estágio não obrigatório, sendo remunerados com uma bolsa paga pela prefeitura daquela cidade (...) A proposta de pesquisa será desenvolvida de acordo com a metodologia de pesquisa qualitativa de cunho narrativo, tendo como instrumentos de coleta de dados entrevistas e narrativas". (INFORMAÇÕES BÁSICAS, 2020, p. 02)

Objetivo da Pesquisa:

"Objetivo Primário: descrever, analisar e compreender a formação inicial de licenciandos do curso de Letras da FCL/UNESP de Assis que atuam como professores de língua espanhola e inglesa no contexto do PELT. Objetivo Secundário: Descrever a história e a configuração organizacional do PELT, por meio de consulta a documentos oficiais, processo, entrevistas e narrativas pessoais com os idealizadores do projeto, afim de, construir um registro formal do programa;- Recolher as histórias de formação inicial dos licenciandos por meio de entrevistas individuais e narrativas pessoais dos professores do projeto; -Analisar, refletir e construir um panorama sobre as dificuldades e os desafios encontrados no contexto de ensino no PELT, por meio das histórias das práticas dos licenciandos envolvidos".(INFORMAÇÕES BÁSICAS, 2020, p. 02)

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Não se observou nenhum risco inerente a este projeto e, quanto aos benefícios, a pesquisadora espera "que este estudo traga informações importantes sobre o processo de formação inicial de professores de língua estrangeira no PELT (Programa de Ensino de Línguas de Tarumã), de forma que o conhecimento que será construído a partir desta pesquisa possa ressoar em outros contextos de formação de professores, onde pesquisador se compromete a divulgar os resultados obtidos" (TCLE, 2020, p.02)

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa relevante à formação inicial e continuada de docentes na área de língua estrangeira, que contribuirá do ponto de vista pedagógico e, com certeza, de políticas públicas, permitindo uma avaliação e aperfeiçoamento do PELT.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os documentos de apresentação obrigatória foram anexados e adequadamente preenchidos.

Recomendações:

Nenhuma.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Nada a declarar.

Considerações Finais a critério do CEP:

Projeto aprovado ad referendum do Comitê de Ética em Pesquisa com base na manifestação do parecerista.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1452930.pdf	24/06/2020 21:12:23		Aceito
Outros	roteirodeentrevista.pdf	24/06/2020 21:10:30	LUANA ALVES GUARDA	Aceito
Outros	roteiroentrevista.pdf	24/06/2020 21:07:24	LUANA ALVES GUARDA	Aceito
Outros	declaracaocep.pdf	02/05/2020 21:59:37	LUANA ALVES GUARDA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termodeconsentimentolivreeesclarecido.pdf	02/05/2020 21:52:33	LUANA ALVES GUARDA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termodecompromisso.pdf	02/05/2020 21:47:40	LUANA ALVES GUARDA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termoderesponsabilidadededadosearquivos.pdf	02/05/2020 21:37:53	LUANA ALVES GUARDA	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	21/03/2020 11:04:16	LUANA ALVES GUARDA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.pdf	08/03/2020 12:47:14	LUANA ALVES GUARDA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PRESIDENTE PRUDENTE, 20 de
Julho de 2020

Assinado por:
Edna Maria do Carmo
(Coordenador(a))

Anexo 13 - Currículo pedagógico de Língua Inglesa elaborado pelos professores do PELT

**PELT
CURRÍCULO DE LÍNGUA INGLESA**

BÁSICO 1

CONTEÚDO COMUNICATIVO	CONTEÚDO GRAMATICAL	CONTEÚDO TEMÁTICO
<p>a) Produzir e compreender expressões relacionadas com áreas de prioridade imediata.</p> <p>b) Conseguir articular o uso do Presente Simples de forma clara junto aos novos vocabulários que visam satisfazer as necessidades da comunicação.</p> <p>c) Saber questionar e responder de forma adequada à outras formas gramaticais interrogativas.</p>	<p>a) Formas de saudações; vocabulário básico para primeiras formas de comunicação e primeiro contato com o tempo gramatical <i>Simple Present</i>.</p> <p>b) Artigos (a, an, the); adjetivos simples para construções de frases e vocabulário básico para expansão comunicativa.</p> <p>c) Vocabulário relacionado à frases interrogativas, como: What, When, Who e etc bem como o auxiliar Do. Também o uso correto dos plurais e domínio em horas.</p>	<p>a) Saudações Verbo To Be Alfabeto Números Presente Simples.</p> <p>b) Adjetivos Artigos Cores Dias/Meses</p> <p>c) Perguntas WH Verbo auxiliar To Do Tempo/Horas Plural</p>

d) Saber expressar informações pessoais, bem como preferências e posses.	d) Uso correto do verbo To Have no Presente Simple e vocabulário específico sobre informações pessoais e expressar posses e interesses.	d) Verbo To have Família Animais Ocupações Nacionalidades Informações pessoais
--	---	---

BÁSICO 2

CONTEÚDO COMUNICATIVO	CONTEÚDO GRAMATICAL	CONTEÚDO TEMÁTICO
<p>a) Adentrar em um outro campo gramatical do Presente - <i>Present Continuous</i>. Iniciar os estudos sobre Passado simples a modo de que o aluno possa expandir os conhecimentos de gramática e comunicação.</p> <p>b) Conhecer e aplicar o uso da língua em contextos (principalmente) internacionais relacionados a lugares e comida.</p>	<p>a) Uso do presente contínuo; Passado simples (regular e irregular); vocabulário específico para ampliar o uso dos novos tópicos gramaticais.</p> <p>b) Vocabulário de comida e bebida em geral; lugares, como chegar neles e como se portar perante o uso da língua.</p>	<p>a) Presente Contínuo Passado Simple Atividades do cotidiano Pronomes Possessivos Números grandes.</p> <p>b) There is/are Comida e bebida (em geral) Lugares Direções Atenção, Agradecimento e Desculpas</p>

BÁSICO 3

CONTEÚDO COMUNICATIVO	CONTEÚDO GRAMATICAL	CONTEÚDO TEMÁTICO
<p>a) Saber se expressar gramaticalmente sobre substantivos contáveis e incontáveis na língua inglesa.</p> <p>b) Saber fazer comparações na língua inglesa.</p> <p>c) Perguntar e dar informações sobre habilidades e talentos.</p> <p>d) Perguntar e dar conselhos e ordens em inglês.</p> <p>e) Falar sobre ações recentes passadas utilizando o tempo verbal "Past Simple".</p>	<p>a) substantivos contáveis e incontáveis (countables and uncountables nouns - how many/how much); some/any.</p> <p>b) Comparativo e Superlativo.</p> <p>c) Uso do verbo modal "CAN".</p> <p>d) Uso do verbo modal "SHOULD" e "MUST".</p> <p>e) Verbo to be no passado; uso do Past Simple; estrutura; verbos regulares e irregulares</p>	<p>a) atividades sobre substantivos contáveis e incontáveis (exemplo: - vocabulário relacionado à cardápio, comidas, animais etc..)</p> <p>b) Uso de adjetivos.</p> <p>c) atividades esportivas em inglês para expressar habilidades e talentos.</p> <p>d) atividades relacionadas a conselhos e ordens.</p> <p>e) vocabulário relacionado a atividades rotineiras e finais de semana.</p>

f) Descrever ações ou eventos ocorridos em um período anterior ao presente, as quais estavam acontecendo em algum momento específico do passado.	em inglês. f) Uso do Past Continuous e estrutura.	f) ações do passado e experiências recentes.
--	--	--

INTERMEDIÁRIO 1

CONTEÚDO COMUNICATIVO	CONTEÚDO GRAMATICAL	CONTEÚDO TEMÁTICO
<p>a) Falar de habilidades e talentos no passado.</p> <p>b) Descrever experiências ou eventos que acabaram de acontecer e ações que ocorreram no passado e ainda acontece no tempo presente.</p> <p>c) Descrever planos ou ações futuras.</p> <p>d) Falar sobre ações ou eventos no futuro.</p> <p>e) Descrever ações passadas que aconteceram antes de outra ação ou evento passado.</p>	<p>a) Uso do verbo modal "COULD".</p> <p>b) Present Perfect; estrutura; verbos regulares e irregulares em inglês.</p> <p>c) Going to.</p> <p>d) uso do WILL.</p> <p>e) Past Perfect; estrutura e verbos regulares e irregulares.</p>	<p>a) expressar habilidades e talentos no passado.</p> <p>b) experiências recentes ou passadas, ações ou eventos recentes ou que ocorreram no passado.</p> <p>c) ações e planos futuros. (planos, viagens e festas)</p> <p>d) ações e eventos no futuro. (encontros sociais ou reuniões futuras)</p> <p>e) atividades ou eventos no passado.</p>

INTERMEDIÁRIO 2

CONTEÚDO COMUNICATIVO	CONTEÚDO GRAMATICAL	CONTEÚDO TEMÁTICO
<p>a) Comparar o presente e o passado, discutindo tanto aspectos positivos quanto negativos de cada uma das épocas.</p> <p>b) Ser capaz de organizar um roteiro de viagem, pedindo sugestões de lugares para se</p>	<p>a) Aprender como e quando usar expressões como not enough, too, as, too much, too many, wish, etc. Condicional if.</p> <p>b) Verbos modais usados para sugestões/necessidades. Ser capaz de fazer perguntas com modais, e responder com will;</p>	<p>a) Falar sobre as moradias do passado e as existentes atualmente ao redor do mundo, apontando tanto aspectos positivos, quanto negativos. Abordar, também, diferentes estilos de vida.</p> <p>b) Mostrar um pouco das diferentes culturas ao redor do mundo, falando um pouco sobre comida, costumes, festivais,</p>

conhecer e dicas do que se comer, que tipo de roupa usar, etc...	must, need to, better, ought to, should (not), etc...	etc...
c) Dar e receber instruções e sugestões.	c) Utilização de infinitivos, gerúndios e imperativos.	c) Discutir sobre os avanços tecnológicos dos últimos anos. Fazer previsões sobre o futuro e etc...

INTERMEDIÁRIO 3

CONTEÚDO COMUNICATIVO	CONTEÚDO GRAMATICAL	CONTEÚDO TEMÁTICO
<p>a) Ser capaz de descrever não só habilidades [tanto suas quanto de seus amigos] como também traços de personalidade. Pensar no futuro e qual carreira seguir — sonhos, metas, etc...</p> <p>b) Falar sobre os principais monumentos existentes no mundo, além de discutir sobre países, suas características climáticas, etc...</p> <p>c) Conseguir elaborar opiniões acerca de filmes e livros.</p> <p>d) Ser capaz de interpretar a linguagem corporal, relacionando gestos à emoções, etc...</p>	<p>a) Gerúndio, respostas curtas, because. Past modals, if.</p> <p>b) Passive with by (simple past); passive without by (simple present).</p> <p>c) Relative clauses; participle as adjectives.</p> <p>d) Modal e advérbios. might, may, could, must, maybe, perhaps, possibly, probably, definitely, etc...</p>	<p>a) Conversar sobre os diferentes tipos de características e traços de personalidades que as pessoas podem ter, além de habilidades e talentos. Mostrar os diferentes tipos de carreiras, empregos, etc.</p> <p>b) Apresentar as sete maravilhas do mundo antigo e as sete maravilhas do mundo moderno. Falar sobre maravilhas da natureza e lugares que valem a pena ser conhecidos.</p> <p>c) Trazer adaptações famosas do cinema e comparar com seus livros. Mostrar opiniões de críticos, conversar sobre entretenimento no geral.</p> <p>d) Trazer para a sala sinais comuns da linguagem corporal, além do que diferentes gestos podem significar em diferentes países.</p>

Anexo 14 – Narrativa de estágio - Anne²⁰**NARRATIVA DE ESTÁGIO**

Nome completo do aluno: Tatiane Rodrigues Lopes dos Santos

Nome da profa. de Prática de Ensino e Est. Superv. de Língua e Literatura Estrangeiras:

Rozana Aparecida Lopes Messias

Nome da(s) escola(s) onde foi realizado o estágio de Observação/Regência: Projeto de Ensino de Línguas de Tarumã (PELT) – EMEIF Gilberto Lex.

Língua estrangeira cursada pelo aluno: Língua Inglesa

O presente trabalho tem como objetivo relatar as atividades realizadas durante o estágio de Língua Inglesa, que aconteceu nos meses de agosto e setembro, no contexto PELT (Projeto de Ensino de Línguas de Tarumã), em virtude da disciplina de Metodologia de Língua e Literatura Estrangeira II, ministrada durante o terceiro ano de licenciatura em Letras na

²⁰ Esclarecemos que em relação à entrevista narrativa feita com a professora Anne não consta a transcrição completa no anexo, há apenas alguns fragmentos de sua entrevista que usamos para fazer a análise. No percurso da investigação, devido à falta de gestão documental por parte da pesquisadora, houve perda do arquivo da entrevista. Após entrar em contato com a participante para averiguar a possibilidade de uma nova entrevista não foi possível, desta forma, ela cedeu uma narrativa escrita por ela quando cursava a graduação em Letras na disciplina Prática de Ensino e Est. Superv. de Língua e Literatura, em 2017, e também, seu minimemorial acadêmico, escrito em 2020, apresentado ao Programa de Pós-graduação em Letras da Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como requerimento para o processo seletivo.

Faculdade de Ciências e Letras de Assis (FCLAs/UNESP). Para tal, utilizarei como pressupostos teóricos os textos *Estágio e docência*, de Lima e Pimenta (2005/2006); *Métodos de Ensino de Línguas Estrangeiras: fundamentos, críticas e ecletismo*, de Vilaça (2008); *Ensino de Línguas Estrangeiras: História e Metodologias*, de Martins (2017) e *Metodologia do ensino de línguas*, de Leffa (1988), bem como as discussões realizadas em sala de aula.

O PELT é um projeto que contempla jovens e adultos munícipes de Tarumã, estado de São Paulo, com cursos de Inglês e Espanhol totalmente gratuitos, do básico ao intermediário. Segundo o site da Prefeitura de Tarumã (PREFEITURA DE TARUMÃ, 2017), o atual prefeito, Oscar Gozzi, foi o responsável pelo convênio que reestabeleceu a parceria entre a UNESP e a Prefeitura para o desenvolvimento do Projeto de Ensino de Línguas e d Cursinho Pré-vestibular, visto que até 2017 ambos haviam sido suspensos:

Compromisso de campanha, a administração Tempo de um novo Tempo, já nos primeiros 100 dias de governo, firmou parceria com a Unesp campus de Assis para que o Projeto pudesse ser desenvolvido na cidade. Serão quatro turmas de Inglês e uma turma de Espanhol e os cursos terão a duração de três anos. As aulas acontecerão na Escola Municipal “José Ozório de Oliveira” terão duração de 3 anos

Atualmente, o PELT conta com quatro turmas de Inglês e duas de Espanhol, todas ofertadas na Escola Municipal “Gilberto Lex”, nas segundas e quartas-feiras e nas terças e quintas-feiras. Atuo no projeto desde o início do ano e tenho vivenciado a melhor experiência docente que tive na graduação. Os estágios de observação e regência possibilitaram reflexões, aprofundamentos e um (re)pensar da prática docente que me conduziram a uma trajetória como professora com um antes e um depois. Antes da disciplina, eu era uma professora, no final dela, sou uma professora melhor.

O estágio é, segundo Lima e Pimenta (2005/2006), uma forma de aproximação da realidade, em que se realizam atividades teóricas de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção dessa realidade. As autoras mencionam a epistemologia da prática docente, que considera inseparáveis teoria e prática no plano da subjetividade do sujeito (professor), pois sempre há um diálogo do conhecimento pessoal com a ação. Visando o estágio como atividade instrumentalizadora da práxis, desenvolvi minhas atividades de forma a aplicar o que foi visto durante a disciplina, sempre refletindo e repensando minha prática docente.

Os conteúdos trabalhados em sala de aula podem ser divididos em (a) conteúdo comunicativo (b) conteúdo gramatical e (c) conteúdo temático. Sobre o conteúdo comunicativo, tentei promover a competência comunicativa dos estudantes em contextos como restaurantes, lugares públicos, pedidos de endereçamento e direções e tentei conduzi-los à reflexão sobre as diferenças linguísticas, epilinguísticas e metalinguísticas da Língua Inglesa. Para execução deste

primeiro, utilizei dinâmicas como (1) vender um aluno enquanto outro dava coordenadas para que pudesse saber aonde ir e (2) levar menus em inglês para que os alunos pudessem pedir o que quisessem, sendo que um deles seria o garçom ou garçonete. As dinâmicas foram executadas após aulas(s) expositiva(s) e dialogada(s) sobre o vocabulário (comida, bebidas, lugares, direções, pedidos, atenção, agradecimento e desculpas) e a gramática que poderiam ser usados nessas situações (*modal verbs, Simple Present, Present Continuous*). Optei por uma abordagem lúdica, pois parto da hipótese de que o lúdico auxilia o aluno no processo de ensino/aprendizagem e facilita o entendimento do conteúdo.

A aula sobre as diferenças linguísticas, epilinguísticas e metalinguísticas da Língua Inglesa foi muito importante, pois proporcionou que os alunos refletissem sobre a língua. Quando falamos de uma língua estrangeira, precisamos considerar as variações linguísticas e culturais dos países falantes dessa língua. No último semestre, os alunos fizeram um seminário cultural sobre os países falantes de Inglês. Nesse semestre, pude conectar os seminários e os dados levantados pelos alunos com a aula sobre variação linguística. Utilizei vídeos de nativos e slides sobre as variações para apresentar as diferenças entre o Inglês Americano e o Inglês Britânico, e os sotaques britânico, irlandês, escocês e jamaicano. Depois, conduzi uma discussão sobre essas diferenças e tentei trazer à tona reflexões sobre a língua inglesa. As perguntas norteadoras da discussão foram: Há diferença entre a língua falada nos Estados Unidos e a língua falada nos demais países? Quais são as diferenças? De que maneira essas diferenças se dão? Quais reflexões podemos tirar das variações linguísticas vistas? Tendo em vista essas variantes linguísticas, por que dizem que o Brasil fala um *Broken English*? A cultura se reflete na língua?

Esse último questionamento conduziu outra discussão, acerca da cultura nos diferentes países falantes de Inglês. Aproveitei a discussão para falar sobre Halloween e o Thanksgiving, pois, segundo Amaral (2000), o componente cultural é imprescindível para o ensino de uma língua estrangeira, especialmente no que diz respeito ao processo de ensino/aprendizagem:

Entende-se que o componente cultural deveria estar entre os aspectos mais relevantes para o êxito no processo de ensino/aprendizagem, embora ele não seja uma condição essencial, pois sabe-se que esse sucesso envolve outros fatores também importantes, como por exemplo, a motivação, formação e grau de proficiência do professor e ecologia de sala de aula, entre tantos outros.

Além disso, nesse semestre, pude iniciar um projeto de *Reading Experience* (experiência de leitura) na língua inglesa, ao qual interessavam (1) uma avaliação prévia, que buscou verificar a compreensão dos alunos acerca dos gêneros textuais alvo, sendo os quais notícia, carta e romance; (2) a análise dos textos selecionados, de forma que aluno compreenda o

porquê de suas escolhas linguísticas, que consistem, conforme Bronckart (2003) em (a) infraestrutura geral do texto (tipos e sequências discursivos); (b) mecanismos de textualização (coesão textual); (c) mecanismos enunciativos (fatores pragmáticos da interação); (3) contextualização dos textos literários com a realidade do aluno; e (4) avaliação contínua. É importante mencionar que os textos trabalhados fazem parte da série *Penguin Readers*, que busca trazer obras inéditas, publicadas especialmente para a coleção, e adaptar grandes clássicos da Literatura Inglesa para uma linguagem condizente ao nível do aluno (A1/A2).

Quanto à metodologia utilizada nas aulas, utilizei os pressupostos de Leffa quanto ao ecletismo metodológico. Antes, responderei o seguinte questionamento: o que é um método? Devido à grande abrangência com que se usava o termo “método” convencionou-se a subdividi-lo em “abordagem” e método propriamente dito. Entende-se por abordagem os pressupostos teóricos acerca da língua e da aprendizagem, que variam na mesma medida em que variam os pressupostos. Nesse contexto, para Leffa (1988):

O pressuposto, por exemplo, de que a língua é uma resposta automática a um estímulo e de que a aprendizagem se dá pela automatização dessas respostas vai gerar uma determinada abordagem para o ensino de línguas — que será diferente da abordagem gerada pela crença de que a língua é uma atividade cognitiva e de que a aprendizagem se dá pela internalização das regras que geram essa atividade

O método é um termo mais restrito, o qual pode estar inserido dentro de uma abordagem. Apesar do conceito de método variar, sendo um conceito abrangente e polissêmico, esta narrativa de estágio enfatizará o conceito de método como um caminho necessário para a obtenção de um fim. Durante as aulas, utilizei métodos diversos, Método de Leitura, Método Comunicativo, Abordagem Gramática e Tradução, Método audiolingual e, nas aulas expositivas, propus aulas expositivas-dialogadas, onde os alunos tiveram voz e puderam participar efetivamente das aulas.

Diante das situações apresentadas, trago à tona o questionamento feito por Martins (2017): há uma melhor metodologia de línguas para o terceiro milênio, fase que vivenciamos? A resposta é sim. A educação no terceiro milênio consiste em uma era tecnológica, em que a informação é de fácil acesso, por isso cabe à escola “inovar, motivar, despertar a curiosidade, fazer provocações, questionar mais, dar menos respostas” (MARTINS, 2017). Essa era clama por uma educação centrada nos valores humanistas, na formação cidadã, no aumento da autoestima e autoconfiança, no trabalho colaborativo, de forma a preparar o cidadão para os desafios do novo século, que também é uma era de incertezas.

Este pensamento relaciona-se com o de Villaça (2008), que afirma que, em uma época em que a globalização e as novas tecnologias expandem o ensino de língua estrangeira, o papel do professor, que está no centro desse processo, assume novas perspectivas:

O professor precisa estar cada vez mais preparado para não só lecionar, mas também administrar o processo de ensino/aprendizagem de uma língua estrangeira. Para isto, a formação do professor requer atenção especial. Embora estejamos numa era que permite e, em muitas situações, exige o ecletismo, um dos fundamentos necessários a esta formação é conhecimento e estudo crítico dos métodos e das abordagens de ensino, para que a sua participação no ensino seja fundamentada em princípios teórico-metodológicos, competências e conhecimentos sólidos e compatíveis com a sociedade e o tempo em que vivemos.

Dessa forma, os alunos precisam de professores que assumam justamente essas responsabilidades e que estejam preparados para administrar o processo de ensino/aprendizagem. Fiz tudo o que estava ao meu alcance para que os alunos saíssem das aulas não frustrados com um processo de ensino/aprendizagem ineficaz, mas satisfeitos com um processo que foi efetivo e significativo. Precisamos de professores que assumam práticas significativas e usem a língua de uma forma efetiva e contextualizada. Por isso, o estágio foi tão importante para minha formação docente. Pude analisar, compreender e problematizar minha própria prática docente. Além disso, o estágio foi uma forma de me aproximar de uma realidade em que pude relacionar as teorias estudadas com a prática em sala de aula, verificando-o o como atividade instrumentalizadora da práxis.

Anexo 15 – Minimemorial acadêmico – Anne**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO” –
UNESP – FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS – CÂMPUS DE ASSIS****MINIMEMORIAL ACADÊMICO**

Minimemorial apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

Assis

2020

APRESENTAÇÃO

A incumbência de escrever sobre minha trajetória acadêmica exigiu retomar lembranças e memórias de tudo que me conduziu até aqui – inscrição em um processo seletivo de Mestrado Acadêmico –, o que implicou em uma profunda reflexão sobre minha subjetividade e perfil como estudante, pesquisadora e candidata a uma vaga na pós-graduação. Nesse sentido, este minimemorial busca identificar e retratar uma etapa concreta de minha vida, ao qual assinalo com os momentos mais importantes da minha trajetória acadêmica.

PARA ENTENDER A TRAJETÓRIA ACADÊMICA E PROFISSIONAL: Vida pessoal e motivações

Meu nome é [REDACTED], tenho 21 anos, e sou graduanda do último ano de Letras com habilitação em Português/Inglês pela Faculdade de Ciências e Letras de Assis (FCL/UNESP). Nasci e cresci em Marília, interior de São Paulo, com pais amorosos e uma família enorme de tios, tias e primos. É importante mencioná-los, pois eles influenciaram diretamente em minha construção como sujeito. Venho de uma família, cujos membros não foram alfabetizados, por isso não sabem como escrever ou ler os próprios nomes. Meus avós, que não cheguei a conhecer, trabalharam a vida toda em sítios e fazendas como auxiliares, e construíram uma família à beira da estrada e com mudanças constantes. Eles nunca ficavam muito tempo em um só lugar, pois os empregos eram temporários e a fome era grande. Os filhos, que não conheceram outra vida que não “a vida da roça”, seguiram o caminho dos pais. Na minha infância, apelidei-os de Os Irmãos, onze filhos – hoje, nove – que aprenderam a trabalhar ainda na infância e jamais tiveram a oportunidade de usar uma caneta.

Minha mãe, por ser a filha mais nova, foi a única a ir à escola, ainda que com muitas reprovações em seu histórico escolar e dificuldades gerais. É a única d’Os Irmãos a ter se formado no Ensino Médio, ainda que possa ser considerada analfabeta funcional. Passou grande parte da vida trabalhando como empregada doméstica, até ingressar em um curso de Auxiliar de Enfermagem. Nunca chegou à universidade, assim como todos Os Irmãos e grande parte de seus filhos. Entre os mais de quarenta primos que tenho, apenas três se formaram em uma universidade – privada – e mais dois estão em um curso de graduação – em universidades privadas também. Fui a única, das cinco gerações da família, a estudar em uma universidade pública e a considerar a vida acadêmica.

Portanto, jamais tive ledores em minha família. A família do meu pai, ainda que mais instruída, nunca me apresentou um livro. A paixão pela literatura surgiu apenas no Ensino Fundamental II, quando uma professora trouxe à sala de aula a obra *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato, e causou estranhamento entre meus familiares. O mesmo ocorreu quando decidi ser professora. Meus pais queriam que eu fosse uma médica ou advogada, para que eu pudesse “ter uma vida diferente da deles”, que são cheias de dívidas e de dificuldades. Meus tios não entendiam como a leitura poderia significar um futuro e uma vida profissional. Para eles, ler não significava nada. Para mim, no entanto, a leitura significa tudo e muito mais.

TRAJETÓRIA ACADÊMICA E PROFISSIONAL: Rompimento e ampliação do horizonte de expectativas

Logo que ingressei na graduação em Letras, conheci o projeto de contação de histórias da Prof^ª. Dra. Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira. Eu tinha uma sede incessante por conhecimento e vontade de fazer a diferença em contextos similares ao meu, e foi o que consegui alcançar. O projeto de contação de histórias contribuiu para minha formação acadêmica e profissional, colocando-me como agente formador e transformador na sala de aula, e trouxe um novo sentido à minha vida pessoal. A partir dele, trabalhei em outros projetos no âmbito da formação de jovens leitores sob a coordenação da Prof^ª Eliane Ap. G. R. Ferreira: *O trabalho com gêneros textuais na sala de aula: Formação do leitor estético no Ensino Fundamental I*, em 2018, com financiamento da PROGRAD, e o *Literatura em cena: arte-educação e teatro no espaço escolar*, em 2019, com financiamento da PROEX, que visou à adesão do público-alvo (crianças em situação de risco de 6 a 11 anos) ao universo letrado, por meio do contar, ler e representar histórias literárias.

Durante o desenvolvimento desses projetos, participei de diversos cursos de extensão e minicursos – cerca de dez no total, com destaque ao *Curso de Extensão: Formação do leitor literário* – e mais de vinte eventos que concernem às áreas de Letras. Apresentei nove trabalhos em congressos e eventos acadêmicos, em forma de painéis ou comunicações orais, buscando trazer reflexões sobre a crítica literária do subsistema da Literatura infantojuvenil e formação do leitor em âmbito escolar, aos quais destaco:

- O trabalho com gêneros textuais no Núcleo de Ensino: Formação do leitor estético no ensino Fundamental I;
- As vozes femininas na Literatura Infantojuvenil: Memória do leitor e recepção da obra

Tchau, de Lygia Bojunga;

- Análise e recepção da obra *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato;
- O trabalho com gêneros textuais na sala de aula: práticas pedagógicas para a formação do leitor estético;
- O trabalho com gêneros textuais na sala de aula: formação do Leitor estético no Ensino Fundamental I.

Além desses trabalhos, um artigo escrito em parceria com minha orientadora e a Mestranda Cecília Barchi Domingues, intitulado “O cânone no século XXI: Recepção da obra *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato, com o leitor mirim”, foi aceito para publicação na obra coletiva *Processos de ensino e aprendizagem nos contextos educacionais*, Coletânea Núcleos de Ensino, vol. 1, e deve ser publicado ainda em 2020. Além desse artigo, estamos trabalhando em outro sobre a recepção do poema *Bernardo*, de Manoel de Barros, com o público-alvo da Mostra Cultural da EMEIF Nísia Mercadante do Canto Andrade, que ocorreu durante a consecução do projeto *Literatura em cena* em 2019.

Ao longo da graduação, participei também do Programa de Iniciação à Docência (PIBID), em 2017, e do Projeto de Ensino de Línguas de Tarumã (PELT), em 2019-2020, com enfoque no ensino de Inglês como Língua Estrangeira (ILE). Atualmente, leciono Literatura no Cursinho Pré-universitário da Unesp de Assis, com financiamento PROEX e sob coordenação da Prof^a Eliane Ap. G. R. Ferreira.

Tais experiências levaram-me a refletir sobre minha construção como formadora e considerar o Mestrado Acadêmico, com o intuito de: (a) ampliar os estudos das Letras em áreas correlatas, especialmente no que concerne ao subsistema da literatura infantojuvenil e da formação do leitor; (b) elaborar um projeto de contribuição e melhoria do ensino em todos os níveis; e (c) ampliar os conhecimentos. Não consigo imaginar uma vida em que eu não esteja trabalhando e pesquisando sobre Literatura, pois minha própria subjetividade se constitui por minhas leituras literárias. Tive a oportunidade de conhecer o universo literário e, posteriormente, acadêmico, por causa de uma professora que levou os livros de Monteiro Lobato para a sala de aula. Imagine quantas Tatianes estão esperando por oportunidades como essa?

Pelo exposto, acredito que a prática de leitura, com qualidade, tem efeito formador sobre a psicologia individual e a organização social (LUCAS, 1970, p.15), pois leva a desejos de mudança e renovação. Acredito, também, que estudos em níveis de Pós-graduação podem

trazer avanços significativos para a crítica literária e para o ensino de Literatura. O projeto *O FENÔMENO ANNE DE GREEN GABLES E A FORMAÇÃO DO LEITOR ESTÉTICO: análise, crítica e recepção com alunos do Ensino Fundamental II*, vinculado à linha de pesquisa, Leitura, Crítica e Teoria Literária, pode fomentar discussões pertinentes acerca da análise, crítica e recepção de textos literários em sala de aula, levantando questões sobre metodologia e qualidade literária e/ou literariedade em âmbito escolar. Além disso, o projeto possibilita a formação de leitores críticos e exigentes, que se posicionem e reflitam sobre o mundo em que vivem.

Minha entrada na pós-graduação, portanto, contribuirá para o avanço da pesquisa e crítica acadêmica, especialmente no que tange à formação do leitor e à literatura infantojuvenil, e para minha formação como pesquisadora. De acordo com Candido, “[A]s produções literárias, de todos os tipos e todos os níveis, satisfazem necessidades básicas do ser humano, sobretudo através dessa incorporação, que enriquece a nossa percepção e a nossa visão de mundo” (1995, p. 248). Da mesma forma, projetos como esse enriquecem a percepção e a visão do mundo em âmbito acadêmico e escolar. A literatura humaniza em sentido profundo, por sua vez, a pesquisa a revela.

APÊNDICES

Apêndice 1 - Transcrição do *podcast* da idealizadora do projeto PELT Mariangela Braga Norte

Luana: Conte-me sobre o seu envolvimento com o projeto PELT da forma que se sentir melhor.

Mariangela: Bom dia, Luana! Oi, Luana! Então, como eu já disse anteriormente, primeira coisa nós temos que checar as datas, então, você colocou que foi 2001 que nós começamos, mas não foi, foi bem antes de 2001, isso eu me lembro porque eu sai de Assis e vim para Marília em 2004 e esse programa já tinha uns dez anos, começou há bastante tempo. Então, para você verificar isso, eu acho que pelo Antônio Carlos, você vai ter que ir na seção de graduação vê que ano que o Antônio Carlos se formou, eu não me lembro o sobrenome, mas você tem que verificar, ou pode ir na própria Prefeitura de Tarumã. Então, como eu estava falando e essa gravação que eu vou fazer agora que vai valer pra você, então, esquece as outras, e então, vou começar contar pra você.

Em 93 quando eu entrei na UNESP eu dava aula de prática de ensino de línguas estrangeiras e estágio supervisionado a Secretaria da Educação não tinha nenhum documento que obrigasse o professor a receber estagiários na sala de aula, e em Assis eu tive muita dificuldade em colocar esses alunos na escola pública porque os professores não queriam, alguns aceitavam, mas a maioria deles, não, porque eles não tinham segurança para dar aula de inglês, eles não queriam uma pessoa ali assistindo aula deles, então, eles não aceitavam os alunos, isso em inglês, eu me refiro, né.

As outras línguas estrangeiras, eu mandava para o Centro de Línguas. Lá no Carolina Buralli e o centro de línguas aceitava só que eram muitos alunos e as salas pequenas, então, eu comecei, eu tive a ideia de fazer cursos extraclasse. Os alunos iam nas escolas e formavam grupos de todas as línguas, inglês, alemão, francês e espanhol, depois começou o japonês e formavam grupos e davam aulas. Se o aluno estudasse de manhã, ele ia à tarde, e assistia aula da língua estrangeira que ele escolheu, e os alunos assim podiam praticar, eles mesmo montavam o conteúdo, aprendiam a montar conteúdo e praticavam com os alunos da escola pública.

Depois da escola pública, eu comecei, eu formei um grupo na casa da criança com os alunos carentes de lá, língua estrangeira é sempre bom aprender, então, nós começamos a oferecer várias línguas lá na casa da criança. Quando o Antônio Marcos que era de Tarumã queria fazer um estágio em Tarumã, ele falou professora eu trabalho na

prefeitura eu posso falar com o prefeito e montar um grupo lá de inglês, ele fazia português e inglês, e aí eu disse tudo bem se você conseguir, vamos fazer isso, aí ele falou com o prefeito e começou o grupo. Deu tão certo que o prefeito me chamou lá e aí nós fizemos um acordo. As professoras Creobel Franco Maimone e Gisele Domingues do Mar elas já estavam dando aula. A Gisele dava aula de prática de ensino de francês e espanhol e a Creobel de latim e italiano, só que latim não tinha aula prática, só italiano. Então, nós começamos com inglês, e depois elas assumiram as outras línguas estrangeiras, e eu fiquei com inglês e alemão, e aí nós começamos, conversamos com o prefeito, eu não lembro o nome do prefeito, acho que isso você vai ter que pesquisar, também, mas ele foi muito gente fina, ele deu xerox, ele cedeu um lugar para as aulas, ele dava giz e depois como ele queria todas as línguas estrangeiras e os alunos. moravam em Assis, ele passou a fornecer para os alunos passe de ônibus e lanche, então, os nossos estagiários que saíam de Assis da Unesp de Assis para dar aula em Tarumã tinham um lanche gratuito e transporte gratuito que o prefeito fornecia, e isso fortaleceu muito e eles tinham muitos alunos. Para nós foi ótimo e também para a população de Tarumã, também. Isso foi crescendo e aí nós fizemos, claro o marco se formou, foram outras turmas e foi crescendo cada ano crescia mais. E o prefeito, mudou o prefeito, mas sempre dando apoio para o centro de línguas, Tarumã sempre deu apoio para o Centro de Línguas.

E quando eu saí de Assis em 2004, o centro de Línguas funcionava, a Creobel e a Gisele continuava tocando o PELT, né, o programa. Depois em 2007, a Gisele faleceu, a Creobel se aposentou, depois disso e aí a Rozana, outros professores, o João Telles, outros professores que entraram em nossos lugares continuaram tocando o PELT. Então, esta é a história inicial do Centro de Línguas de Tarumã.

Agora outros dados, você poderia entrar em contato com a Creobel, eu sei que ela mudou, ela está morando em Florianópolis, mas por celular, é fácil, eu acho que você consegue o telefone dela, eu não tenho, eu acho que se consegue na faculdade depois que passar tudo isso ou mesmo com algum professor do Departamento de Educação. Então, é isso, aí se você precisar de mais dados aí me diga, você me fala, mas eu acho que você tem que falar também com a Creobel, tá. Um beijo. Tchau!

Apêndice 2 - Transcrição do *podcast* do idealizador do projeto PELT Antônio Marcos da Costa Lima

Luana: Conte-me sobre o seu envolvimento com o projeto PELT da forma que se sentir melhor.

Antônio Marcos: Olá! Boa tarde! É um prazer falar com você, falar um pouquinho sobre o PELT, projeto de línguas de Tarumã. Resolvi fazer nesse modelo de *podcast* que acho que é mais fácil para que você tenha acesso às informações e, também, para efeito de registro. O objeto desse *podcast* nada mais é do que passar algumas informações oriundas desse projeto, o projeto de línguas, falando um pouquinho do seu início, da sua concepção, também, dos anos que eu fiquei à frente do projeto enquanto coordenador e depois da sequência desse projeto com outras pessoas na coordenação. Então, muito boa tarde mais uma vez, muito obrigado pela oportunidade de falar um pouco desse projeto. Eu fui aluno, meu nome é Antônio Marcos da Costa Lima, eu fui aluno da UNESP campus de Assis e fiz como língua estrangeira Latim e Alemão, é importante esse contexto, pois está diretamente ligado com o início do projeto, com o início da concepção do projeto. O projeto tem o seu início no ano de 1997, eu ainda como aluno da graduação, na disciplina de língua e literatura alemã no estágio de regência. Na época, era uma das condições para a nossa formação. Na época, eu e mais alguns colegas fazíamos a língua e literatura alemã e no ano de 1998 teve o projeto do ensino de língua para além dos muros da faculdade. Em 1998, em meados de 1998 sob a coordenação da professora Ingrid do Departamento de Letras Modernas em alemão, nós pensamos em fazer um tipo de atividade externa que pudesse auxiliar a comunidade. Cada um resolveu fazer para um campo. Alguns fizeram para a Educação de Jovens e Adultos, outros apresentaram projetos relativos às pessoas que estavam em restrição de liberdade, e eu propus que nós fizéssemos a época que eu e a professora Ingrid fizéssemos algo relativo às pessoas que moravam no meu município tendo em vista que a cidade de Tarumã, onde eu resido, foi colonizada por alemães. A ideia inicial era fazer um minicurso de alemão para os interessados do município. A cidade de Tarumã na época, 1998 para 1999, a nossa população era uma população que chegava em torno próximo a 10 mil pessoas e nós não tínhamos aqui ainda difundido como hoje existem todos os elementos de informática e de computação e nós percebemos nesse momento em meados de junho, julho que foi quando nós fizemos a pesquisa de intenção pois que muitas pessoas queriam fazer parte de um curso de língua estrangeira. No segundo semestre de 1998, em agosto inicia o primeiro piloto com uma aula experimental de alemão para 17 alunos no

município. Isso termina no estágio de regência, eu termino o estágio de regência no final de noventa e oito e como houve uma adesão contínua o projeto em 99 já com os alunos fazendo aulas de língua e literatura alemã, mas com número menor de alunos e no final de 99 surge a indagação por minha parte de porque não ampliar esse projeto, colocar as outras línguas para os moradores do nosso município. Com essa ideia, eu fui procurar a professora Ingrid que me orientou na época a procurar o departamento de educação haja vista que a modalidade teria que ser viabilizada por esse departamento. No final de 99 e início de 2000, em novembro de 99, eu tive meu primeiro contato com a professora Gisele Domingues do Mar, então, responsável pelo Departamento de Educação na questão de ensino de línguas estrangeiras a professora Mariangela Braga Norte, ambas, as duas precursoras na Universidade de UNESP de Assis desse projeto. Em 2000 já com a ideia do projeto formatado, eu procurei o prefeito, então, Prefeito Municipal, o senhor Oscar Gozzi e a secretária de Educação professora Terezinha de Jesus Godoy com a possibilidade de apresentação desse projeto, que seria um projeto que teria como objetivo ajudar os alunos do quarto ano do curso de Letras num espaço para fazer seus estágios, ajudar o município no que tange à ampliação cultural e, sobretudo, quebrando as barreiras da universidade e levando o conhecimento acadêmico para a população que na verdade é quem paga todos os impostos e todos os processos. A ideia passou por um período de maturação em 2000 e discutimos algumas coisas, inclusive, o nome do projeto, qual seria o nome. Conversamos com o UNESP na questão dos convênios, como faria a parte burocrática do processo e eu faço uma ressalva importante na atuação da professora Ingrid como auxiliadora desse processo burocrático, facilitando todo o processo, na época, ela fazia parte da direção do campus. A professora Gisele Domingues do Mar, a grande precursora junto com a professora Mariangela Braga Norte. Em 2001, a gente tem a data oficial do início do processo do projeto no município de Tarumã em 99 e 2000 nós temos ações pré-projetos. Primeiro, a pesquisa que foi feita no município, a pesquisa de interesse e depois a ideia se era ou não viável como política pública. Em meados de 2000 com a validação, o início concreto foi em 2001 do projeto. Como era algo novo houve todo um trabalho de conscientização e eu fui em todas as escolas do município fazendo divulgação, tentando angariar as pessoas para o projeto. O projeto inicia a sua modalidade em todas as línguas neo latinas como inglês, francês, alemão, espanhol e, também, japonês.

O que nós percebemos é que nesse primeiro momento em 2001, no primeiro início, houve uma explosão de interessados. Chegamos a ter no ano de 2001 uma quantidade

muito acima do esperado, aproximando-se aí um universo de 230 alunos. Com o passar do tempo em 2002, à época o projeto era coordenado por mim, fiquei na coordenação durante vários anos até 2009. Essa coordenação se deu sobre vários aspectos, mas o principal era aproximar o conhecimento desenvolvido na Faculdade transformá-lo numa sequência didática adequada para a utilização no município.

O regimento interno do projeto, o material, os materiais utilizados no projeto, a formação dos professores, a divulgação dos alunos, as inscrições e o acompanhamento dos alunos em sala de aula, todos esses aspectos ficaram sobre minha tutela durante aproximadamente nove anos.

O projeto em si proporcionou ao município um avanço cultural extraordinário. Fruto disso, logo após foi um processo desenvolvido pelo Rotary Club de Tarumã no município, no qual o município possui mais de dez pessoas jovens que já fizeram intercâmbio cultural para outros países e o município já recebeu mais de 12 intercambistas de outros países. Com tudo isso houve uma evolução cultural de todos esses jovens e de toda a população durante, e durante esse período de nove anos o que eu pude perceber na coordenação do projeto foram ações e cultura e de língua se somaram, também, à ação dos jovens enquanto protagonistas de um processo de globalização. Os professores oriundos da UNESP alunos do quarto ano com oportunidades de trabalho aqui no município recebendo uma bolsa paga pela Prefeitura e transporte, tendo um acompanhamento pedagógico e os alunos do projeto e conhecendo lugares, como por exemplo, ao final de cada ano nós proporcionávamos uma viagem a São Paulo em alguns centros culturais das línguas em questão. Tudo isso foi ato, foram atos que nos ajudaram na consolidação do projeto. A partir de 2010 até agora 2020, ou seja, 10 anos, eu fiquei no acompanhamento dos projetos não diretamente como coordenador, mas como ferramenta de interlocução com a Universidade, com os jovens, com os pais, com a prefeitura, fazendo na verdade o papel de um articulador entre o poder público, a universidade e a sociedade.

O projeto em si, numa linha cronológica precisa para fechar esse *podcast*, então, ele tem seu início, então, no projeto de pesquisa da Universidade Estadual de Assis da UNESP desenvolvido por mim 1998/99, tem a aplicação em caráter experimental final 99 e 2000 sob a coordenação da professora Ingrid e da professora in memória Gisele Domingos do Mar e a nossa querida professora Mariangela Braga Norte que deram para nós o fio condutor e, também, a professora Rosa de japonês, foram as três que ficaram nesse período conosco.

Após esse período, a Prefeitura Municipal de Tarumã foi estabelecendo algumas pessoas para a coordenação do projeto. Nós temos mais de dez anos com grande avanço, o projeto está bem estruturado. Obviamente que em uma nova realidade agora, uma nova realidade digital, na qual aquela preocupação do passado de formar material, as impressões, das fotocópias já são coisas que não existem mais hoje, você tem os aplicativos, você tem a rede social, você tem uma série de outros elementos.

Mais importante para finalizar creio eu que foi o ganho cultural do município, a possibilidade de transportar o conhecimento acadêmico que até então ficava nas prateleiras das bibliotecas para uma realidade direta. O atendimento aproximadamente nesse período todo de 20 anos de projeto mais de duas mil pessoas passaram por esse processo, o que para nós simboliza hoje em torno de 15 a 20 por cento das pessoas que estão no nosso município que é algo importante e eu creio que o projeto fez a sua parte, contribuiu para o desenvolvimento social, isso sem sombra de dúvida no futuro vai ter a possibilidade de criar uma sociedade ainda melhor através desses elementos.

Portanto para finalizar a intenção e a colaboração do prefeito Oscar Gozzi e do prefeito Jairo da Costa Silva e das secretárias Luciene Garcia e Teresinha de Jesus Godoy nesse processo. Eu, simplesmente uma ferramenta, um interlocutor para auxiliar e fazendo o papel que eu acho que deve ser de todos que é contribuir para o desenvolvimento social e cultural das pessoas.

Apêndice 3 - Entrevista com o Professor 1 - César

Luana: Conte-me sobre sua trajetória escolar até o curso de Letras da forma que se sentir melhor.

Professor 1: Certo. É, então, começando pela minha infância e minha relação com a questão das línguas e tudo mais, né, eu sempre desde muito pequeno fui exposto ao inglês, assim, principalmente o inglês, né, porque a minha mãe sempre gostou muito de música em inglês, principalmente música dos anos 70, 80 e 90.

Luana: Ela é professora ou não?

Professor 1: Não, não, muito pelo contrário.

Luana: Era por que ela gostava mesmo?

Professor 1: Ela sempre gostou, a minha mãe só tem o fundamental completo, mas ela fala que com certeza se ela pudesse fazer uma graduação ela faria inglês porque ela gosta bastante da língua e tudo mais, então, eu sempre desde pequeno fui muito exposto às músicas e algumas palavras que ela me ensinava, como as cores.

Luana: Que legal!

Professor 1: Animais, também, assim, ela sempre sabia uma coisa ou outra.

Luana: Então ela foi a sua primeira influência?

Professor 1: Sim, a minha mãe com certeza é. E aí a primeira memória que eu tenho, é engraçado isso, a primeira memória que eu tenho ensinando inglês, eu tinha por volta de uns cinco anos. Eu peguei uma lousinha da minha prima de três anos e comecei, eu sei que provavelmente não escrevi nada certo, mas eu comecei a ensinar cores para minha prima de três. Então, eu falava: *blue* é azul, aí tem o *red* que é vermelho, eu escrevia na lousinha dela, mas provavelmente a minha escrita não tava correta.

Luana: Você já estava na escola ou não?

Professor 1: Com cinco, não, acho que estava entrando na escola. Foi o ano que eu entrei na escola com cinco anos, mas é a primeira memória que eu tenho. Eu era bem pequeno e não lembro exatamente, acho que cinco anos.

Luana: Por aí, né.

Professor 1: Então, a primeira memória que eu tenho ensinando é essa. Então, eu sempre cresci com essa influência da minha mãe e tudo mais e sempre gostei, né, por exemplo, a minha irmã também cresceu com a mesma criação que eu, mas ela não vai em inglês de jeito nenhum, minha irmã é extremamente exatas.

Luana: Seguiu caminho diferente, né.

Professor 1: Seguiu caminho totalmente diferente, então, acho que além de ter tido essa influência, é uma coisa minha mesmo. Quando eu era criança, eu gostava muito de ver seriado e tudo mais da Disney, então, essa questão do seriado por mais que seja em português é o que eu tinha acesso nos canais aberto SBT e tudo mais, né, a gente tem muita influência da cultura, né, então, o que eles comem nos seriados, a casa onde eles moram, a cidade onde moram, etc etc etc, e eu também já me peguei imaginando entrevistando os atores e as atrizes que eu mais gostava .

Luana: Que legal!

Professor 1: Entrevistar em inglês, mais assim, tipo **(imitação de som referente a pronúncia das palavras em línguas estrangeiras)** sabe, assim?

(risadas por parte do professor e da pesquisadora)

Luana: Você achava atraente, né?

Professor 1: Demais! Então, acho que era a forma que eu conseguia extravasar essa minha vontade de falar inglês, de como me comunicar, de entender era falando **(imitação de som referente a pronúncia)** por que era o que eu entendia, né, Acho que a linguagem estava opaca para mim, tava opaca, né, não estava claro ainda, né. Muito bem, aí quando eu tinha mais ou menos uns, eu acho que eu estava na sétima, então, eu deveria ter uns treze anos, eu participava de um projeto que chamava projeto, inclusive não tinha nome, que era ligado ao CRAS, se não me engano, então, era oferecido pela Prefeitura da minha cidade.

Luana: Era escola pública?

Professor 1: Eu Sempre estudei em escola pública, sempre em escola pública, e esse projeto ele era vinculado à prefeitura e ao CRAS, né, que é o centro **(pausa na fala)** Nossa! eu esqueci agora, mas era da Prefeitura esse projeto que oferecia atividades no contraturno das nossas aulas, então, a gente ia lá, a gente fazia artesanato, a gente lanchava. A gente fazia várias coisinhas assim, e aí a gente tinha professores de educação física, profissionais de educação física que a gente fazia atividades físicas com eles, e aí que um dos meus professores de educação física desse projeto ele conseguiu uma bolsa. Ele conseguiu duas bolsas para estudar inglês numa escola que tinha aberto na minha cidade para oferecer para os alunos, para sortear entre os alunos.

Luana: Legal!

Professor 1: E, então, pra não ter favoritismo ou alguma coisa assim, foi sorteado, então ele sorteou uma bolsa por turno, uma pra galera da manhã e uma pra galera da tarde. Como eu estudava de manhã eu fazia o projeto à tarde e aí que esse sorteio ele

funcionava de duas formas, em duas etapas, na verdade, na primeira ele selecionava os alunos, selecionava três e depois desses três ficavam um só. Eu lembro que era um saco assim (**demonstração com as mãos para enfatizar o tamanho do saco**) e tinha várias bolinhas brancas e três pretas, aí quem pegasse as pretas ia para a segunda fase do sorteio, aí eu tirei uma das bolinhas pretas e aí fui para a segunda etapa, e aí na segunda etapa eu fui o primeiro a tirar, só tinha uma bolinha preta entre tantas brancas e eu tirei a preta, então, eu ganhei a bolsa de estudos de inglês. Eu venho de uma família de classe média baixa, meu pai é pedreiro, minha mãe é costureira, então, eles não poderiam pagar um curso de língua pra mim, porque a gente sabe que o curso de língua particular é muito caro, além de ser caro, tem toda a questão do material, enfim, e muitas questões, né, então a minha a primeira oportunidade que eu tive de estudar inglês foi por conta da bolsa que eu recebi, e aí eu fui e fiquei um ano nessa escola de idiomas e pelo fato de eu ser bolsista a cobrança é maior, a gente sabe disso, né, mas eu não me sentia cobrado porque eu amava, eu amava ir pro curso e estudar.

Luana: Era cem por cento grátis?

Professor 1: Cem por cento grátis, eu não paguei absolutamente nada, nem material nem nada, então, eu ganhei cem por cento da bolsa e foi aí que eu consegui nesse ano estudar inglês gratuitamente.

Luana: Foi um ano o curso?

Professor 1: Um ano. Ê, eu fiz um ano aí depois desse um ano quando a minha bolsa acabou, os diretores da escola até perguntaram se eu gostaria de continuar, mas eu teria que começar a pagar o material aí eu preferi não continuar.

Luana: Como é que foi essa experiência de um ano para você?

Professor 1: Foi excelente, excelente.

Luana: Você teve alguma dificuldade com a língua porque você veio de escola pública, como que foi essa questão?

Professor 1: Em questão de dificuldade, não, porque assim eu estudava, eu tinha aí treze anos e as pessoas da minha turma eram adolescentes já, então, eles tinham 16, 17, 18, eu era mais novinho da turma e mesmo sendo o mais novinho da turma eu sempre me destaquei porque eu sempre gostei muito.

Luana: Sempre estudou, né.

Professor 1: Sempre e a gente estuda sem querer às vezes, então, eu sempre me destaquei, mas eu sempre fui mais novinho, então, questão de dificuldade, não, acho que a minha questão foi mais de relação com os outros alunos por conta dessa faixa etária

mesmo porque eu não estava numa turma de pessoas da minha idade, não tinha uma turma para pessoas da minha idade

Luana: Mas era nível básico?

Professor 1: Nível básico, nível básico, isso. Então, depois dessa experiência de um ano, eu saí dessa escola de inglês, e aí eu lembro que o inglês da escola pública, né, a gente sabe que é muito, muito, muito fraco. Eu lembro da professora de inglês chegando na sala de aula e dando um texto pra gente traduzir, tipo: olha, tenho um texto em inglês aqui e um dicionário, ela dizia para os alunos: traduza, e ela ficava sentada e a gente ficava traduzindo o texto.

Luana: E como que era a sua relação com ela? Ela era alguma influência para você? Você queria ser igual a ela ou na época você nem pensava em ser professor ainda?

Professor 1: Olha, é que assim durante toda a minha vida de ensino fundamental e médio eu tive vários professores de inglês.

Luana: Você pode me falar um pouco mais sobre eles?

Professor 1: Posso, posso sim. Eu comecei a ter Inglês na escola na 3^a série do ensino fundamental. A prefeitura da minha cidade achou que seria interessante colocar já o inglês no ensino fundamental um, então, na terceira e na quarta série que hoje seria o quarto e quinto ano, eu já comecei a ter Inglês. Lembro que a minha primeira professora, eu lembro que eu surtei tendo aula de inglês porque era tudo o que eu queria

Luana: Era fascinante?

Professor 1: Fascinante, porém por mais que eu amasse a professora e tudo mais e achava excelente a aula, eu me sentia um tanto quanto desmotivado porque ela partia de uma metodologia mais de decoreba, sabe. Então, por exemplo, eu lembro que uma coisa que me marcou bastante foi que no Dia da Independência a gente tinha que pintar a bandeira, né, e a gente tinha que escrever tipo: *flag* bandeira, *flag* bandeira, *flag* bandeira, isso dez linhas, *flag* bandeira, *flag* bandeira, *flag* bandeira, *flag* bandeira.

Isso em outras coisas, também, tipo: *one* um, *one* um, *one* um, *two* dois, *two* dois e isso em linhas e linhas e linhas, mas aí logo depois, eu mudei de professora, e aí eu acho que deu um *up*, né, que aí eu fiquei com ele alguns anos. Enfim, os professores que mais me marcaram assim, e aí essa professora das cópias dos textos foi no ensino médio.

Luana: Você lembra a série ou não?

Professor 1: Com ela eu tive o segundo colegial, segundo colegial. Essa questão da cópia mesmo e aí no terceiro colegial, eu lembro que mudou meu professor que foi um professor excelente.

Luana: No terceiro ano?

Professor 1: No terceiro colegial, isso, que aí ele dava aula em inglês. Então, assim, eu amava, eu amava. Sempre sentei na frente, então, eu amava ter aula com ele, mas os outros alunos detestavam porque ninguém entendia o que ele estava falando.

Luana: Ele falava tudo em inglês?

Professor 1: Tudo em inglês. Eram poucas coisas que ele falava em português.

Luana: O legal você já tinha uma base, né.

Professor 1: Exatamente! Então, por isso que eu gostava, eu entendia. Estava claro para mim a linguagem, não estava opaca mais. E aí eu lembro que os outros alunos detestavam aí que ele começava a dar aula em português, essa questão de dar aula em inglês foi mais no começo mesmo porque depois ele acabou desmotivando, né, e aí eu lembro que assim até chegar no terceiro colegial eu sentia muita falta de estudar inglês, muita falta de estudar inglês mesmo. E no terceiro colegial eu passei em dois concursos

Luana: Porque essa falta? Como que era as aulas. Quais eram os conteúdos, o que menos ou mais marcou você na escola?

Professor 1: Então, como eu já tinha feito um ano antes, quando estava na sétima série, eu estudei numa escola de língua mesmo quando eu voltei para inglês da escola que é a escola pública a gente volta para o verbo *to be* todos os anos, para os números, todos os anos para as cores, então, eu queria mais, eu queria mais do que só isso porque a coisa não andava, né, não tinha uma sequência de conteúdos que a gente estudava e quando chegava o conteúdo novo eu devorava aquilo e queria mais, né, então, eu não sentia satisfeito com o inglês da escola, então, por isso que eu sentia falta de falar inglês, aprender a parte oral, a parte auditiva, porque a gente sabe que o inglês da escola é totalmente voltado para a compreensão da escrita, tradução e gramática e eu queria mais que isso, por isso que eu acho que essa falta se deu. E aí no terceiro colegial, eu passei em dois concursos de estágio, então eu trabalhava de segunda a sexta na parte da tarde no Fórum e nos finais de semana na Escola da Família.

Luana: O que você fazia no Fórum?

Professor 1: No fórum, eu fazia atendimento ao público, eu mexia com os processos, questão de malote, fazia ponte entre Ministério Público, Fórum e a Delegacia, tudo isso, e aí, também, na Escola da Família eu fazia atividades com a comunidade externa, né, Então, as pessoas e a família, enfim, não só os alunos, mas a família podia ir para a escola para fazer artesanato, esportes, dança. Então, eu sempre estava ali para fazer intermédio das oficinas e tudo mais, sempre trabalhei com esse público, né.

E aí, como eu trabalhava, de domingo a domingo, eu tinha dinheiro para isso porque eu tinha duas bolsas, né, e aí falei vou voltar a estudar inglês, eu vou pagar o meu curso. Então, no terceiro colegial eu entrei no Cultura Americana financiando meu próprio curso, então, assim, eu trabalhava de domingo a domingo, mas eu pagava meu próprio curso, meu próprio material, né. Então, aí que eu voltei na ativa de estudar inglês, eu tinha aula duas vezes por semana e me empenhei demais, assim, porque eu gostava muito na época, eu não pensava em fazer Letras, então, não era uma coisa que eu pensava tipo: vou fazer inglês porque eu quero ser professor de inglês

Luana: Você já sabia do curso de Letras? O que você pensava nessa época? Qual carreira você queria seguir, você já tinha em mente?

Professor 1: Já com certeza, mas olha só para finalizar a questão do curso que eu acho interessante pontuar que a questão de eu ter vindo de uma escola pública me influenciou novamente na relação que eu tinha com os alunos da escola de idiomas porque nas duas escolas de idioma que eu estudei tanto lá aquela que eu ganhei a bolsa, a escola faliu, então, ela acabou fechando, então, eu estudei numa outra escola depois, então, o que eu percebi nessas duas escolas é que quem faz curso de idioma são pessoas que têm condições de pagar um curso de idiomas, então, o publicou lá era os alunos de escola particular, então, as minhas turmas sempre foi assim, uma turma de alunos de escola particular, e eu, né, então, eu acho que essa relação me deixava um pouco acuado muitas vezes dentro da sala de aula, me senti um pouco acuado, por mais que eu lembro que na minha turma tinha um menino da minha sala, também, que estudava comigo na escola pública, ele também fazia inglês comigo. porém os pais dele sempre foram bem de vida e bem mesmo, assim, eles são empresários . Ele estudava em escola pública por algum motivo, mas ele com certeza poderia estudar em uma escola particular, pois os pais deles tinham condição e a mãe dele trabalhava em banco e o pai dele era empresário e tudo mais. Então, assim, a relação que ele tinha com os outros alunos era diferente, né.

Luana: Então, isso deixava você um pouco desconfortável?

Professor 1: Isso me deixava um pouco acuado, um pouco desconfortável sim

Luana: Mas era perante a isso ou pelo fato de aquele aluno é mais esperto que eu?

Professor 1: Não, não, porque eu sempre me garanti.

Luana: É uma questão de classe social?

Professor 1: É uma questão de classe social mesmo, porque é assim no inglês eu sempre me desenvolvi muito bem, então, eu nunca tive dificuldade nisso na questão da língua e até as pessoas da escola mesmo os diretores, os donos da escola, eu percebi que eles me

tratavam diferente, entende? Então, eu percebi que essa relação do público que faz uma escola de idioma é diferente e isso me deixava acuado e isso influenciou como eu me desenvolvi no PELT lá na frente, né, por mais que seja um curso de língua é um curso de língua gratuito, então, eu acho que isso influenciou bastante

Luana: Na sua época tinha algum curso de idiomas?

Professor 1: Não, não.

Luana: Você nem sabia de algo?

Professor 1: Não, não existia. Então, isso é uma coisa que eu sempre falei bastante com os meus alunos do PELT sobre a importância disso, mas você me perguntou a questão do curso, eu lembro que eu queria fazer Letras. Eu descobri o mundo das letras na sétima série quando eu fazia o inglês, né. Quando eu ganhei a bolsa porque eu gostava muito de Língua Portuguesa, eu gostava muito de língua inglesa.

Luana: Por que você gostava muito de Língua Portuguesa?

Professor 1: Então, eu sempre gostei muito de gramática e eu sou apaixonado por gramática, mas além disso eu gostava muito da literatura que a gente tinha. Eu tive uma professora muito importante para mim, assim, eu tive várias professoras importantes de língua portuguesa, mas na sétima série eu lembro que tinha uma professora que eu amava de língua portuguesa e uma que eu também amava de língua inglesa

Luana: Por que? O que fez que você amasse tanto elas assim?

Professor 1: Eu acho que a professora de inglês que eu tive na 7ª série foi porque ela era jovem, ela tinha acabado de sair da faculdade, então, eu tinha uma conexão. Ela tinha um método de falar muito legal

Luana: Você se refere a professora de inglês, certo?

Professor 1: A de inglês, de inglês e, então, ela era jovem, acho que ela tinha terminado a faculdade. Ela era recém-formada sim, pelo que eu me lembro, então, ela era jovem, ela conseguia se comunicar muito facilmente com a gente, então falando dessa professora de inglês, eu lembro que ela era jovem, se conectava bem com a gente, ela falava de coisas atuais e eu sempre gostei muito de música pop internacional, eu sempre fui apaixonado.

Luana: E ela trazia isso para a sala de aula?

Professor 1: Sim, e eu conseguia conversar com ela sobre isso, a gente gostava de alguns cantores e cantoras em comuns.

Luana: Então, a sua relação com ela era positiva?

Professor 1: Era positivíssima, né, então, e aí a minha professora de Língua Portuguesa, além de eu gostar do português e da gramática e literatura que ela passava pra gente que

vinha no nosso apostilado e eu tinha uma questão muito afetiva com essa minha professora porque ela era minha professora desde a 5ª série, então, ela já foi me acompanhando e aí eu gostava muito de português, gostava muito de inglês e eu sempre soube que eu queria ser professor.

Luana: Por que?

Professor 1: Eu acho que começou desde lá da lousinha com a minha prima. Acho que ali já começou a despertar. Então, eu sempre gostei muito de falar. Sempre fui muito aparecido, né. Eu sempre gostei de falar. Sempre gostei de mostrar para as pessoas que eu sei do que eu estou falando, eu acho que a sala de aula ela promove isso, né. Eu sempre gostei muito de me envolver com a escola. Eu sempre fui muito envolvido com a escola, então, quando eu não estava na escola ou eu estava com projetos de leitura na escola ou eu estava fazendo projetos voluntários na escola. Eu participei do grêmio estudantil.

Luana: Então, a sua experiência escolar foi bem ativa.

Professor 1: Foi bem ativa a partir do ensino fundamental, antes disso no ensino infantil foi horrível, horrível. Tive muita dificuldade de me encaixar na escola. Lembro que as professoras também não colaboravam. Eu lembro que as primeiras vezes que eu fui pra escola no ensino infantil, eu lembro que eu só chorava, chorava e a professora gritava comigo porque eu só chorava e ela falava: você tem que parar de gritar, para de chorar. Então, foi um momento trágico.

Luana: Então, foi um momento difícil pra você?

Professor 1: Foi bem traumático o ensino infantil, mas daí eu fiquei um ano fora da escola. Olha, eu voltando lá para a infância. Eu fiquei um ano fora da escola porque eu não tinha esse ano não era obrigatório ainda, mas daí eu voltei pro pré que ainda assim é o infantil, né, e aí encontrei uma professora que mudou totalmente minha relação com a escola. Eu amava ela!

Luana: No ensino infantil?

Professor 1: No ensino infantil, foi no Jardim 2, eu acho que que chamava pré na época, né. Essa professora traumática que eu tive foi no jardim 1, e aí eu parei um ano e voltei depois no Jardim 2, e aí essa minha professora mudou totalmente a minha relação com a escola e a partir daí só deslanchou.

Luana: Era professora do que, você lembra?

Professor 1: Então, do ensino infantil mesmo, então, ela ficava com a questão da alfabetização

Luana: Então, quando você conheceu ela a escola passou a ser um lugar mais agradável?

Professor 1: Totalmente diferente, totalmente. Então, essa professora do jardim 2 (**pausa na fala**) Nossa! eu vou ficar até emocionada agora, mas ela mudou bastante a minha visão de escola, e nossa! eu realmente fiquei bastante emocionada de falar dela. (**O entrevistado ficou emocionado - os olhos lacrimejaram**)

Luana: Você quer que a gente pare?

Professor 1: Não.

Luana: Então, você tem boas memórias dela? Ela teve um papel importante pra você, né.

Professor 1: Ela teve um papel central, enfim, a partir daí a minha relação com a escola só desenvolveu para melhoras e a partir de então eu sempre me envolvi muito com a escola. Sempre gostei muito do espaço escolar, o que os professores representavam, sabe, do funcionamento da escola. Além do Grêmio, além do grupo de leitura que eu participava, eu também fazia parte do conselho de classe, então, eu sempre estava nas reuniões representando o corpo discente dando a minha opinião e discutindo com os professores.

Luana: Bem engajado, né.

Professor 1: Super engajado e é aí que no terceiro colegial como eu estava fazendo os estágios eu me afastei um pouco, né, porque eu estava estudando pro vestibular, eu estava fazendo inglês e eu estava trabalhando, então, eu estava fazendo outras coisas, aí no terceiro ano eu dei uma afastada. Então, na sétima série eu queria fazer Letras, só que foi por um curto tempo assim que eu quis. Na 8ª série eu já queria fazer outras coisas.

Luana: O que você queria fazer?

Professor 1: Eu queria fazer gastronomia, eu queria fazer publicidade e propaganda. Eu queria criar, eu queria fazer umas outras coisas.

(Risos entre os participantes)

Luana: Sobre a sétima série, você disse que queria fazer Letras, alguém falou pra você sobre o curso de letras ou você pelo amor que você tinha pela língua inglesa e pela língua materna você procurou o professor para conversar com ele?

Professor 1: Eu não lembro exatamente, mas eu creio que foi por essas minhas duas professoras, a de português e inglês que eu perguntei porque eu devo ter perguntado, tipo: qual faculdade que você fez? e aí que eu acho que elas comentaram: eu fiz letras, aí que eu descobri que o nome do curso chamava letras, só que depois a partir da oitava série eu já mudei. Eu entrei no primeiro colegial, eu descobri uma matéria que mudou a

minha vida que é Química. Química mudou a minha vida e no primeiro colegial eu pensei: vou fazer licenciatura em Química na UNESP de Presidente Prudente.

Luana: Mas por que você queria fazer química? Você gostou do conteúdo e do professor? Como que foi?

Professor 1: Do conteúdo. Eu achava instigante, eu achava maravilhoso. Eu lembro que eu me dava muito bem com a Química, mas com o passar do tempo eu percebi que eu tava me engajando mais nas exatas porque no ensino fundamental eu tive uma professora que me deu um leve trauma. Era uma professora de matemática e me causou um leve trauma de eu me sentir uma pessoa burra, insuficiente, eu não sou muito bom em exatas e eu acho que ela reforçou isso.

Luana: Esse trauma foi em que série?

Professor 1: Foi no ensino fundamental inteiro da quinta a oitava porque eu tive a mesma professora e aí eu acho que ela reforçou o quanto eu não era bom

Luana: Como ela fazia isso? Ela chegou a falar alguma ofensa?

Professor 1: Então ela nunca chegou a falar.

Luana: Mas você sentia isso?

Professor 1: Sempre, sempre. Como por exemplo, só um exemplo que me marcou bastante, eu lembro que na oitava série, no último bimestre, a última prova de matemática que foi trigonometria até hoje eu não posso ver um menininho e uma árvore para calcular a distância da cabeça até o topo da árvore que eu já lembro dessa prova. Eu lembro que eu tirei zero, foi a única prova da minha vida que eu tirei zero. Eu lembro dela corrigindo as provas e ela só fez um risco na prova, deu risada e virou a prova, então isso me marcou demais, e aí eu acho que no ensino médio estava numa questão mais de auto aprovação, sabe, do tipo eu consigo ser bom em exatas. Eu vou me engajar nisso porque eu já era bom em português, já era bom em inglês que eu gostava, né. Nas humanas eu sempre tive mais facilidade, então, eu vou me esforçar mais nas exatas porque eu quero provar pra mim mesmo que eu sou bom nisso que eu posso e química me encantava demais, então a ideia de ser cientista, de porque eu acho que na época, eu acho que assim as mídias e tudo mais, elas reforçam que o cientista é aquela pessoa que usa um jaleco que pega um tubo de ensaio e coloca um negócio aqui e um negócio ali que explode, entende? Eu acho que essa ideia de ciências que a gente tem. E aí eu fui descobrir que as ciências humanas existem na faculdade, né porque até então a gente não enxerga isso como ciência porque é reforçado pra gente que isso não é ciência, então, a ideia de ser um cientista me atraía bastante. E é aí no segundo colegial e no terceiro

colegial eu tive uma professora de química que na época ela era Doutoranda em Química. Então, eu acho que ela sim foi a única professora com pós graduação que eu tive. Eu sei que tinha mestrado e que estava fazendo doutorado. Ela era formada em Química pela UNESP de Presidente Prudente. Ela fez mestrado na UNESP. Eu não sei se foi em Prudente que ela fez mestrado ou se foi em Araraquara.

Acho que ela fez mestrado e doutorado na UNESP de Araraquara também em Química e é aí que ela me contou sobre a UNESP de Prudente. Então, por isso eu falei, eu sei que eu quero química e sei que eu quero fazer UNESP em Presidente Prudente.

Então, esse era o meu destino e como ela era doutoranda ela tinha outra visão da Química do ensino da Química, né. Então, eu lembro que ela me incentivava bastante assim para fazer e tudo mais. Enfim, eu tive outros professores de química também que me influenciaram, mas foi ela que abriu o caminho. Ela disse é assim, assim, assim que faz para você entrar. Uma coisa é você chegar lá e ensinar a tabela periódica, uma outra coisa é você conversar sobre isso com os alunos. Você quer fazer química, então, vou te dar o direcionamento de orientações para você conseguir e aí no terceiro colegial eu falei okay vou fazer química, né. Já estava decidido, decidido mesmo.

Luana: Mas você queria ser cientista ou queria dar aula?

Professor 1: Eu queria ser professor e ser cientista, mas eu queria ser professor, eu queria fazer licenciatura em Química.

Luana: Você queria dar aula de Química, então?

Professor 1: Dar aula de química porque eu acho que eu percebi que muitas pessoas tinham muita dificuldade na Química. Então, o que eu pensava é eu posso fazer diferente se eu for professor eu posso tentar deixar a Química um pouco mais divertida, porque eu gostava por ser difícil mesmo, então, acho que eu queria desmistificar a Química. E aí que no terceiro colegial quando chegou o vestibular da UNESP tinha que fazer nossa inscrição. Eu lembro que fiz inscrição na sala de leitura da minha escola por que a gente recebe código, né, para ganhar um desconto, né, quando está no terceiro colegial e eu fui lá e eu falei eu não vou me inscrever para química.

Luana: O que aconteceu?

Professor 1: Aconteceu o seguinte, eu tive um estralo assim que eu pensei olha a minha primeira opção é Química, minha segunda opção é Letras. Eu vou me inscrever na UNESP porque eu quero conhecer, porque eu tenho certeza absoluta que eu não vou passar

Luana: Porque você pensava isso?

Professor 1: Porque a gente da escola pública a gente é desencantado com essas coisas, a gente não acredita no Enem e a gente não acredita em vestibular a não ser que você faça um cursinho por fora, a não ser que você tenha algum incentivo. Agora pensa, ninguém da minha família se formou em universidade pública, eu não tinha essa esperança, não tinha, eu tinha um primo distante que estava fazendo USP, na época, mas era distante e não tinha contato com ele. A gente da escola pública, a gente não tem esse encantamento com a universidade pública, a gente nem sabe que a universidade pública é para a gente até porque é influência que a gente tem de UNESP na minha cidade é a UNESP de Botucatu, e a minha cidade tem 17 mil habitantes e eu posso garantir para você que 85 por cento da minha cidade acha que UNESP Botucatu é um hospital e de fato é, porque lá tem a faculdade de medicina, mas acham que é só hospital.

Luana: A cidade onde você mora tem curso superior?

Professor 1: Tem, tem, a gente tem privado. Na verdade, a gente tem um pólo da Univesp que é gratuito, mas também começou agora, então, na época, não tinha. Na época, tinha só a faculdade da minha cidade mesmo que só tinha o curso de Pedagogia. E aí que na hora de fazer inscrição eu falei olha eu não vou me inscrever para Química pelo seguinte motivo já que eu não vou passar mesmo não vou levar isso aqui a sério, é só porque eu quero conhecer a prova. Pra você ter noção eu não tinha nem conhecimento de como funcionava a prova, porque na minha cabeça era a primeira fase era uma prova de conhecimentos gerais de todas as matérias e a segunda fase seria específica de acordo com a nossa área, então, eu achei que a segunda fase eu teria que fazer a prova somente de exatas, se eu fosse fazer Química, então, ia fazer uma prova só de Química, Física e Matemática.

Luana: Mas e a escola, ela não falava como funcionava o vestibular?

Professor 1: Não. Muito pouco. A gente tinha algumas palestrinhas, mas não deixava claro, sabe. Não deixava claro como funcionava e eu posso ter recebido essa informação e entendido errado também, pois pode ter acontecido isso também nesse processo, e aí que eu pensei olha então eu vou escrever para Letras porque caso eu vá para a segunda fase eu posso me garantir melhor em português e inglês porque o que eu tinha mais facilidade, né, que eu sabia mais, ou seja, eu estava indo atrás de onde eu tinha facilidade com a linguagem. Eu gostava muito da área de linguagem. Me inscrevi para Letras, fiz minha inscrição para Letras.

Luana: Você disse que pela questão, assim, a maioria das pessoas pensam que por ser um curso que fala sobre línguas e leitura, costuma ter a ideia de ser um curso mais fácil, né. Quando você optou por fazer letras você teve essa ideia ou não?

Professor 1: Não por questão de ser fácil. Como eu disse na minha cidade, como eu disse não tem influência de universidade pública, a gente sempre enxerga a UNESP como um monstro gigantesco que vai absorver a sua alma que vai sugar sua alma e você vai sair daqui outra pessoa, então, a gente não tem essa noção de curso mais fácil ou difícil. Eu sempre soube que queria ser professor, e aí eu falei Letras é minha segunda opção, eu me dou muito bem com as linguagens, então, vou fazer isso. Só lembrando que eu sempre tinha em mente que não ia conseguir, então, eu ia fazer pra conhecer a prova somente, aí que eu me inscrevi, e aí eu lembro aqui conversando com a minha mãe, eu falei assim pra ela: Mãe eu me inscrevi para letras e tudo mais.

Luana: O que a sua família achou disso? Eles criticaram ou apoiaram?

Professor 1: Eles nunca me criticaram ou me pressionaram. Eles sempre me deixaram quando eu quis fazer técnico em Química. Eu não cheguei a passar no curso da ETEC, mas eles me levavam para fazer as provas, para fazer vestibular. Então, eles sempre me apoiaram, por mais que eles não soubessem o que aquilo significava. Eles não sabiam a dimensão da UNESP até eu entrar, como eu disse a influência que a gente tem da UNESP é lá do hospital, tanto que algumas pessoas achavam que eu ia fazer Medicina quando eu falei que eu tinha passado na UNESP. Então, eu lembro que um dia eu estava conversando com a minha mãe e disse: Olha, mãe, eu me inscrevi para Letras português/inglês, quero muito estudar inglês, mas eu vou prestar o Enem porque eu também quero muito fazer química, e aí eu lembro que a minha mãe, ela parou e olhou para mim e falou: Fulano, seu negócio não é química, você sempre foi do inglês, o que você vai fazer em Química? Fala pra mim? Aí eu pensei. Puts! É mesmo! mas eu disse pra ela: Magina, mãe, eu sou muito bom em Química porquê de fato eu tinha notas boas, notas boas em Matemática e Física. Só que assim eu usava o triplo da minha energia estudando para aquilo sendo que para as linguagens, não. Esse caminho foi mais fácil, era mais fluído para mim. E é aí que entre eu fazer a inscrição do vestibular e eu até fazer a prova aconteceu tudo isso. No fórum, também, eu tive uma das mulheres que trabalharam comigo lá, ela era formada em Letras Português/Inglês, então, ela sempre me falava sobre o curso e ela sempre comentava, né.

Luana: Ela falou porque ela não quis seguir na carreira em Letras?

Professor 1: Ela não chegou a comentar até porque eu acho que depois que ela terminou a faculdade, na época, as oportunidades que ela teve foi de entrar para o Fórum e aí ela seguiu carreira, né, mas enfim. Então, entre eu fazer a inscrição no vestibular e fazer a prova, eu estava decidido que eu queria fazer Letras, se eu tivesse feito minha inscrição em Química eu ia me arrepender profundamente, amargamente. Então, assim, ainda bem que naquele momento eu falei: ainda bem que eu entendi a prova errada, eu acho que é isso que dá para pensar, ainda bem que eu entendi que a prova seria de outra forma porque senão eu teria prestado a prova para Química e provavelmente teria sido muito infeliz porque eu ia perceber que não era aquilo que eu queria. Passei na primeira fase.

Luana: Como que foi isso pra você?

Professor 1: Passar na primeira fase?

Luana: Isso.

Professor 1: Eu não esperava porque eu trabalhava muito no ensino médio. Eu via vídeo aulas, então, eu estudava de manhã, trabalhava tarde e nos finais de semana, fazia inglês duas vezes por semana. Eu chegava à noite em casa, eu colocava meu fone de ouvido, ouvia no computador as vídeoaulas. Eu lembro que eu cheguei a assinar um cursinho de vídeoaulas assim que era bem baratinho na época só para eu poder acompanhar as vídeoaulas porque eu tinha que ter esse aí mais, né, e eu lembro de acordar de madrugada com a vídeoaula no fone porque eu estava tão cansado do dia, mas eu tinha que estudar, então, já me peguei várias vezes acordando duas, três horas de manhã com um fone de ouvido e o professor falando e eu dormindo porque eu peguei no sono.

Luana: Você disse que sempre teve essa questão de que é importante estudar, porque você acha isso, porque você achava isso na época?

Professor 1: De estudar?

Luana: Isso.

Professor 1: Eu acho que é uma coisa que eu sempre tive. Os meus pais, o meu pai fez até o ensino fundamental I, ele estudou até a segunda ou terceira série. Minha mãe fez até a oitava. Então, eu via a vida difícil que eles levavam.

Luana: Você tem uma irmã?

Professor 1: Eu tenho uma irmã. Minha irmã não tem graduação. A minha mãe e a minha irmã é costureira, também. Então, ela casou muito jovem e tudo mais, então, eu percebi que os meus pais sempre trabalhavam muito em questão de mão de obra. Eu pensei o meu pai é pedreiro, então, o esforço físico que ele faz é tremendo, né. Já vi meu pai sofrendo vários acidentes na questão da construção de casas e tudo mais e ganhava

pouco, né. Então, assim eu falei eu preciso, eu quero estudar porque eu quero ter um futuro melhor. Jamais desmerecendo a profissão dos meus pais. Eles que me criaram e eles que me sustentam e me sustentavam até um tempo atrás, não me sustentavam, né, mas me ajudava com o que eu precisava. Na faculdade também sempre tive bolsas e tudo mais, mas eu sempre percebi que daí que veio a minha motivação porque os meus pais sempre falaram, a minha mãe inclusive, a minha mãe sempre comentava a seguinte coisa que desde pequeno, eu sempre falei que eu queria fazer faculdade, desde muito criança, e minha mãe sempre falava: Olha, Fulano, que legal! mas assim estuda pra você entrar numa faculdade do governo, é assim que ela falava, uma faculdade do governo, porque eu não tenho condições de pagar uma faculdade pra você. Então, assim você vai fazer faculdade, então, estuda porque assim ou você vai entrar no Governo ou eu não vou conseguir pagar uma faculdade para você. Então, eu sempre tive essa coisa comigo que eu vou estudar pra entrar numa universidade pública ou eu não vou entrar numa faculdade. Então, eu acho que daí que vem a minha motivação. Passei na primeira fase passei na segunda fase e vim para. Eu escolhi Assis porque quando eu tinha por volta de 16 e 17 anos, em um dos projetos do Grêmio que eu fiz na escola, eu fiz um projeto de memórias que eu peguei narrativas de ex alunos da escola onde eu estudava com o meu grupo do Grêmio.

Luana: Mas qual era o objetivo desse projeto?

Professor 1: Eu fazia parte da Comissão de Cultura do Grêmio. Então, eu percebi que a escola precisava dar um *up* que a gente percebeu que os alunos do ensino médio eles estavam muito desmotivados por estudarem em escola pública. A mesma história que eu falei sobre a gente ser desencantado e tudo mais, então, a gente teve a ideia de resgatar narrativas de ex alunos para ver como eles estão hoje, né, e como foi essa influência da escola pública pra eles. Então, eu fui atrás de muitos alunos, muitos alunos. Fiz uma pesquisa, uma pesquisa e tanto com a ajuda dos professores que conheceram esses alunos. Fui atrás de todos eles. Eles escreveram para mim, eu coleí todas essas narrativas, eu digitei todas as narrativas e fiz um papel bonitinho com a narrativa deles, com a foto deles e coleí nas mesas do refeitório com papel contact para não sujar. Então, os alunos podiam lanchar, almoçar, lendo os relatos dos ex alunos e vários deles conseguiram passar na UNESP. Conseguiram e também outros que nem conseguiram passar ou que não estavam seguindo carreira ou até mesmo aqueles que não fizeram faculdade porque também é importante a gente falar com os alunos que tipo assim você não precisa especificamente fazer uma faculdade. Então, foi muito interessante aí nessa pesquisa que

eu fiz, além disso, eu fiz posts no *Facebook*, também, porque aí a gente precisava incluir a parte tecnológica que às vezes alguns alunos não viam, né. A questão da leitura é uma coisa que pega muito, né, então eu fiz posts no *Facebook*, no grupo do Grêmio na página do Grêmio.

Luana: Existe essa página ainda?

Professor 1: Existe ainda. O projeto está na página do Grêmio e existe até hoje.

Luana: O projeto teve algum nome?

Professor 1: Eu não vou conseguir lembra o nome do projeto mas eu posso te mandar depois porque assim esse projeto já tem cinco anos que aconteceu e a minha vontade hoje é entrar em contato com o Grêmio atual da minha escola

Luana: Esse projeto existiu antes?

Professor 1: Surgiu com o nosso Grêmio, com o nosso Grêmio. Então, a minha intenção é pegar esse projeto em 2020, entrar em contato com o Grêmio atual para eles resgatar essas histórias e coletarem, mas eu não sei como vou fazer isso, mas essa é minha intenção porque eu tenho tudo arquivado desse projeto, fotos dos alunos lendo as narrativas, é muito interessante, e aí que eu fiz vídeos, também. Eu coloquei alguns vídeos e eu pedi para algumas pessoas ao invés de escrever gravar vídeos contando sobre a trajetória escolar, né, e aí que eu conheci uma menina que ela se formou na UNESP de Assis. Ela fez português e japonês e a gente ficou muito amigos, muito amigos mesmo, a gente fazia parte do mesmo grupo de amigos. Ela era minha professora de inglês, também, naquela escola onde eu paguei para estudar no terceiro colegial. Assim hoje eu enxergo isso como uma coisa terrível porque eu acho que o notório saber existe sim de uma forma tremenda na nossa área. E aí que ela me fala: Olha, me formei em Letras pela UNESP de Assis, lá tem Letras inglês, só que ela não me incentivava muito a fazer Letras. Eu lembro do dia que eu cheguei para falar pra ela que eu iria fazer letras. Ela formada, ela formada e já dando a aula porque ela dava aula de português no município e de inglês numa escola particular e nessa escola de idiomas que eu estudava e ela falou assim pra mim: Não me diga que você vai fazer Letras e eu falei: Vou, vou fazer letras, então, ela disse pelo menos faz inglês ou espanhol, não faça japonês, então, eu falei eu quero fazer inglês mesmo. Então, assim ela me deu uma desmotivada, mas mesmo assim eu me mantive firme e por conta dela eu escolhi UNESP Assis porque eu falei assim: Olha eu sei que lá existe e se eu precisar de alguma coisa lá eu sei que ela pode me ajudar porque ela já conhece.

Luana: Como foi esse momento para você? Você ficou com medo de sair da casa dos seus pais, o que você esperava encontrar viver aqui?

Professor 1: Eu não esperava nada, porque como eu disse eu não pensava em passar.

Tanto que eu prestei o Enem, também, e tudo mais e eu passei noutras faculdades. Eu passei em outras cinco faculdades fora a UNESP, foram tantos que eu cheguei a fazer a matrícula numa faculdade de História. Olha, olha, vamos lá entrar nesse outro universo paralelo em Química, História e língua. Eu prestei para Letras, então, eu passei em Letras na Federal de Mato Grosso, eu passei em Letras Inglês na Estadual do Paraná.

Luana: Olha pra quem não acreditava, né.

Professor 1: Para quem não acreditava, né. Eu passei com bolsa 50% do ProUni em Letras Português numa particular perto da minha cidade e eu passei em fotografia, também. Tem uma faculdade particular de Letras na minha cidade, eu consegui uma bolsa lá, também, e eu liguei lá perguntando sobre a bolsa e, também, sobre o curso de Letras e ela falou: Olha, o curso de Letras não vai abrir turma esse ano. Lá tinha Letras que foi onde aquela minha professora da sétima série de inglês se formou. Ela falou: Olha, esse ano a gente não vai abrir Letras porque não tem alunos suficiente para abrir turmas. Aí eu falei: Nossa! não acredito nisso agora que eu achei que iria dar certo porque eu não ia para o Mato Grosso e não ia para o Paraná.

Luana: Mas o resultado da UNESP já tinha saído?

Professor 1: Não, foi a última a divulgar o resultado. E aí eu falei: nossa! tudo bem. Então, vou me inscrever para o curso de História mesmo não tão animado, né, mas eu fui lá, fiz a inscrição, né. Eu já estava para começar as aulas já tinha carteirinha, eu já tinha tudo certo. Eu paguei a matrícula porque eu não tinha conseguido bolsa cem por cento, né, eu ia pagar uma parte, e aí que eu cheguei a conhecer o campus e quando estava para começar as aulas, saiu o resultado da UNESP. Foi um baque para mim, foi um baque, porque os meus pais não conheciam. Eu não pensava que eu ia conseguir.

Meus pais me trouxeram e eu fui para a moradia. Eu fiquei sete meses na moradia

Luana: Seus pais ficaram com medo? O que eles falaram dessa nova experiência?

Professor 1: Eles sempre me apoiaram. É que assim, na época, minha mãe não me falava para ela não me deixar nervoso, então, ela se controlava muito. Ela sempre me apoiou, me apoiou, sempre, enfim. Só que hoje em dia ela me fala o quanto ela sofreu quando eu vim, né, porque é uma cidade diferente longe da minha cidade, é longe, fica uns 300 quilômetros da minha cidade. Então, é bastante longe, a gente não se via sempre. Na época, foi difícil para mim porque eu vim pra cá quando minha sobrinha tinha dois ou

três meses, entre dois e três meses, e foi muito difícil não vê ela crescer. Hoje ela tem quatro anos, ela acompanhou a minha vida acadêmica e assim foi muito difícil por conta da minha sobrinha porque eu não vi ela crescer, eu esperei muitos anos por ela, quando ela nasceu, eu vim pra cá.

Luana: Como foi chegar aqui? Como que foi pra você?

Professor 1: Foi uma loucura né, porque eu conheci muita gente. Eu tive que ir ao médico sozinho. A UNESP, ela amadurece a gente, é quase que um amadurecimento forçado, né, porque é quando você sai da casa dos seus pais para vir para uma cidade universitária ainda mais eu que fui morar na moradia que eu tive contato com pessoas mais velhas e tudo mais. Eu tive que enfrentar questões que tipo assim ou você amadurece ou você não amadurece. Não tem como você permanecer o mesmo porque na época eu tive que lidar com questões além do mundo novo da Universidade com as responsabilidades da universidade, eu tive que lidar com a minha sexualidade porque eu vim para Assis com uma cabeça totalmente cristã, totalmente religiosa, totalmente hétero normativa, eu vim pra cá namorando uma menina. Chegando aqui que eu pude viver minha sexualidade, que eu encontrei pessoas que eu poderia conversar sobre como eu me sentia e algumas delas não teve esse tato para conversar comigo.

Luana: Mas isso já veio com você?

Professor 1: Com certeza. Só que antes eu tinha de repressão, né, então a UNESP Assis, ela te força a amadurecer, né, então, eu vim de uma cidade muito pequena, não conhecia muita coisa da vida, né, sempre muito nenezinho, então tive que ser forçado a estar em algumas situações. Enfim, sai da moradia fui morar em outros lugares e tudo mais só que com relação ao curso eu gostava muito de literatura brasileira e no terceiro colegial tive uma professora que mudou também minha vida que também me incentivou muito a fazer Letras. Lembro que quando eu falei para ela que eu tinha me inscrito para cursar Letras ela falou assim, deu risada e disse: Fulano, ano que vem você vai estar em Assis, e lá só falou isso eu falei: Não, eu não, não, não, eu quero fazer Química, eu vou estar em outro lugar e ela disse não, Fulano você vai estar em Assis ano que vem e ela deu risada e aqui estou eu, né, e aí que eu gostava muito de literatura, né. A minha primeira iniciação científica foi em literatura brasileira e depois disso já no primeiro ano, porque a gente tinha que fazer a pesquisa por conta da bolsa BAE, e aí eu fiz em literatura brasileira, né. Me desencantei total com a literatura.

Luana: Por quê? Foi um choque para você? Você já tinha algum conhecimento da escola pública e aí você chegou aqui, como que foi?

Professor 1: É porque eu acho que como eu não conhecia muito bem sobre as áreas. Eu não me encantei com o meu projeto, o meu orientador era perfeito.

Luana: Sobre o que era o seu projeto?

Professor 1: Eu trabalhava com periódico, eu trabalhava com um jornal do Oswald de Andrade relacionado ao pós-guerra, então, não foi algo que não me chamou a atenção, eu queria trabalhar com a arte com obras de arte e literatura. Eu queria trabalhar com modernismo e cheguei a trabalhar com o modernismo, mas não era bem aquilo que eu queria, né, e aí que eu fiquei um ano com esse meu orientador e eu falei: Olha, não estou gostando, eu quero muito mudar de projeto e a gente até chegou a conversar sobre o novo projeto só que aí nesse meio tempo uma professora chegou até mim, e isso já tinha começado a aula de língua, já tinha pegado inglês e tudo mais.

Luana: E as aulas de língua, como foi esse processo?

Professor 1: Assim, olha quando eu cheguei na UNESP Assis eu sabia que eu queria fazer inglês, né, eu falei: Olha, já que eu vou fazer inglês na graduação, eu vou começar a estudar espanhol no CLDP. Comecei espanhol no CLDP. Foi ma-ra-vi-lho-so as professoras eram incríveis, incríveis

Luana: No CLDP você cursou Espanhol?

Professor 1: Espanhol

Luana: Porque você queria estudar espanhol?

Professor 1: Porque é assim a minha intenção era fazer o básico 1 e básico 2 de cada língua diferente, todas as línguas oferecidas no CLDP. No primeiro ano eu fazia espanhol, no segundo ano eu iria fazer Francês, depois alemão.

Luana: Você queria conhecer as línguas, né?

Professor 1: Queria, queria, porque na época não tinha essa noção mais língua estrangeira para mim é o que mais me chama atenção, não é especificamente o inglês, mas sim línguas estrangeiras, em geral, as aulas de estágio de línguas estrangeiras na graduação são as aulas que eu mais suportava na graduação que eu mais gostava de discutir a formação de língua estrangeira. Eu amava o seminário dos meus colegas de outras línguas, pois que eu achava superinteressante, então, eu fui fazer espanhol, só que eu percebi que nesse tempo até eu começar a estudar inglês na graduação, eu tinha parado de estudar inglês e só estava no espanhol, e aí quando eu fui chamado para fazer uma entrevista de emprego numa escola de idioma de Assis para a vaga de inglês, eu lembro que no dia em que eu fui fazer a prova a minha cabeça só funcionava em espanhol.

(risos dos participantes)

Professor 1: E eu só assim *por Dios* eu preciso pensar em inglês, eu preciso pensar em inglês.

Luana: Mas a vaga era para professores de inglês?

Professor 1: Sim, para professor de inglês, e aí quando começou as aulas de inglês no segundo semestre eu falei: Okay, eu vou ter que para de estudar espanhol porque eu não consegui lidar estudando as duas línguas ao mesmo tempo. Como eu disse acho que agora que eu já acabei a minha faculdade de inglês, sou professor de inglês, estou em contato com língua todos os dias, eu acho que agora seria incrível estudar espanhol, mas aí eu parei de estudar espanhol e fui para o inglês. Nos primeiros semestres eu tive professoras incríveis, incríveis de inglês que me impulsionaram demais para a língua, para o conhecimento da língua, mas também foi muito difícil. Eu pedia quase que misericórdia para algumas professoras porque elas eram assim bem rígidas no sentido de que olha você vai fazer um texto, você vai fazer um vídeo, você vai mandar um áudio, você vai fazer a prova, você vai fazer um seminário, você vai sapatear, você vai correr uma maratona, tudo isso na sua nota.

Luana: Tudo isso era uma outra rotina de estudo, né.

Professor 1: Uma outra rotina de estudo, né, que me deixou em choque, um choque total assim, mas isso com algumas professoras mais ou menos nas primeiras aulas de línguas porque depois eu fui acostumando mais com o ritmo ou talvez algumas professoras que eu encontrei na graduação que baixaram o ritmo. Também, no meio para o final da graduação eu tive alguns professores que claramente não são da área e assim baixaram bastante o nível do que se espera de um professor de graduação no sentido de até ensinar errado, a gente percebia que o professor está ensinando errado, por exemplo, questão de gramática, questão de pronúncia, enfim. Então, eu acho que sim, do meio para o final deu uma boa recaída em questão de nível, né. No segundo ano eu fui, então, chamado por uma professora de inglês para fazer uma iniciação científica com ela.

Luana: Mas você já tinha terminado aquela primeira?

Professor 1: Já, eu tive que cortar as relações porque eu não estava satisfeito mais com a literatura e essa professora de inglês chegou pra mim e falou: Fulano, olha eu pensei em fazer um projeto assim, assim, assim e gostei muito do seu perfil e gostaria de saber se você tem interesse em pegar a pesquisa.

Luana: Como era a sua relação com essa sua professora? Você já tinha contato com ela?

Professora 1: Não. O contato que eu tinha tido com ela até aquele momento foi quando eu fiz uma interação no *Teletandem* e ela foi mediadora, e eu tinha tido aula com ela no primeiro semestre de inglês, né.

Luana: E aí, como que foi? Você gostou dela? Ela foi uma influência pra você?

Professor 1: Foi. Nossa! Tudo pra mim aquela mulher. Só que na época a gente não tinha essa relação próxima, essa relação íntima, a gente tinha uma relação professor e aluno, né, que é assim muitas vezes a gente sabe que não é uma relação próxima. Era uma relação mais formal, mas ela veio me procurar, ela falou que gostou do meu perfil e tudo mais e queria que eu pegasse essa pesquisa com ela e depois disso eu fui me aventurar nos estudos de Linguística Aplicada na língua estrangeira. E aí que eu acabei me apaixonando, me apaixonando assim. Eu fiz três iniciações científicas com ela durante a graduação, então, uma no segundo, uma no terceiro ano e outra no quarto ano

Luana: Sobre o mesmo tema ou não?

Professor 1: Não, no segundo ano trabalhei com telecolaboração e *Teletandem*, tudo isso relacionado à língua inglesa, processos formativos e tudo mais. O nosso projeto do segundo ano, ele era um projeto muito, muito, muito novo pra uma iniciação científica, ele era muita coisa pra iniciação científica, tanto que quando eu apresentei ele no CIC uma das professoras que participou que foi uma das minhas avaliadoras falou: Fulano, isso aqui é projeto de mestrado, isso aí não é iniciação científica porque era o que a gente propôs na época, era uma coisa muito nova

Luana: Qual que era o tema?

Professor 1: Era telecolaborações em língua franca que basicamente eu queria falar que essas telecolaborações em língua franca não são teletandem. Então, eu tive que estudar muito o *Teletandem*, entender o que era o *Teletandem*, as telecolaborações e falar em língua franca não é *Teletandem*. Então, pra eu chegar e falar isso não é isso e até provar que quem disse que focinho de porco não é tomada eu não podia fazer isso numa iniciação científica no segundo ano do curso. Eu não tinha escrita acadêmica, não tinha leitura suficiente. Eu não tinha nome e nem credibilidade, enfim, para uma iniciação científica e aí no terceiro ano a gente decidiu mudar de ideia, tema, e aí no terceiro e quarto ano eu continuei trabalhando com tecnologias mais voltado para o ensino de inglês para a terceira idade. Eu trabalhei com a UNATI. Então, eu deixei de lado um pouquinho essa questão do Teletandem e fui trabalhar com tecnologias e terceira idade. No segundo ano da faculdade eu comecei a atuar na UNATI.

Luana: Foi esse primeiro contato que você teve como professor?

Professor 1: Sim, sim, sim. Então, foi aí que eu comecei a dar aulas dentro da universidade num curso de graduação com a UNATI.

Luana: Você pode falar mais dessa sua experiência atuando como professor da UNATI?

Professor 1: Posso, posso sim. No primeiro ano da faculdade, eu morei com um menino que dava aula na UNATI. Então, eu conheci o projeto por ele, né. Eu sabia que existia um projeto de idosos e tudo mais e no segundo ano eu procurei essa professora e falei: Olha, eu tenho interesse de começar a lecionar na UNATI, e aí ela falou: Ótimo. Fiz a minha inscrição e peguei uma turma de básico, né, e aí que era aula em dupla, né. Então, eu e uma amiga, a gente começou essa turma de básico 1.

Luana: Em relação a sua amiga, também foi a primeira experiência dela?

Professor 1: Se eu não me engano, ela já tinha dado aula antes. Então, não foi a primeira experiência dela. Então, a gente montava material, a gente preparava as aulas. O que a gente não esperava é que o nosso curso iria ter 70 inscritos.

Luana: Nossa! bastante inscritos.

Professor 1: Muitos! Então, a gente recebeu essa lista de alunos no primeiro dia de aula e aí a gente ficou duas ou três semanas juntos com esses alunos e um momento a gente disse: Olha, a gente vai ter que separar, então, passou a ser duas turmas de básico. Ela ficou com uma e eu fiquei com outra. Então, em dupla, eu trabalhei nem um mês, a partir de então, eu fiquei seis semestres na UNATI, ou seja, três anos atuando na UNATI, sempre sozinho, né,

Luana: Quais foram as suas angústias e seus sentimentos? O que mais marcou você, como que foi pra você se descobrir – Nossa! Agora eu sou professor nesse contexto da UNATI, e aí?

Professor 1: Eu acho que assim, como a gente é de Letras, né, a gente sabe o poder que as palavras tem, então, quando você é chamado de *Teacher* pelas primeiras vezes acho que quando dá um baque porque você perde o seu nome. Muitos alunos nem sabe o seu nome, eles sabem que você é *teacher*, porque o professor de Matemática vai ser professor, o professor de Português vai ser professor, o professor de Geografia vai ser professor, professor de inglês vai ser *Teacher*, perde sua identidade, você perde tudo, você vira o *Teacher*. Eu acho que quando você é chamado pelas primeiras vezes, eu acho que quando dá um *click*, né. No primeiro ano que eu comecei a lecionar na UNATI, eu prezava muito em fazer material autêntico, então, assim eu ficava madrugadas e madrugadas montando material, então, eu fiz a minha própria apostila, eu separava as imagens, os exercícios, as explicações porque assim eu percebi que não dava para eu

levar *slides*, não dava para usar somente a lousa por conta das limitações que os alunos tinham porque a gente estava trabalhando com idoso, né, então, eu trazer um xerox pronto para ele só fazer algumas anotações, para ele fazer os exercícios, então, eu achei que era o melhor caminho a seguir, então, no primeiro ano eu preparei o material completo de básico, voltado para a UNATI, é um material específico pra UNATI. Então, isso me ajudou muito a crescer enquanto professor, ou seja, montar o meu próprio material me ajudou muito porque eu tinha que pesquisar e estudar e mesmo estudando e fazendo isso, eu cometi muitos erros. Então, por exemplo, uma coisa que me marcou foi o dia que eu cheguei dei uma aula tranquila, acabou, fui pra casa e até a próxima semana quando eu iria dar aula de novo, eu revendo meu material eu vi que tinha erro e um erro gravíssimo e que eu tinha explicado aquilo para os alunos,

Luana: Você fala em questão de gramática?

Professor 1: Questão de gramática, porque assim eu estava na língua 2 da faculdade e eu já estava lecionando. Então, eu percebi um erro tremendo.

Luana: Como que você se sentiu?

Professor 1: Nossa! Eu me senti péssimo porque a gente fala: Olha, eu sou professor, eu estou nessa posição, ou seja, não posso errar. Eu não, eu não posso errar de fato. Só que quando eu percebi o meu erro, eu falei: Eu tenho que ser humilde o suficiente de chegar na próxima aula e falar na aula passada eu expliquei assim, assim, assim e assim, porém eu me equivoquei e foi o que eu fiz na aula. Eu cheguei e disse, então, gente na aula passada, vocês lembram que a gente viu esse assunto, então, eu cometi um equívoco e tudo mais, e não é isso, a forma correta é assim, assim e assim.

Luana: Como eles agiram?

Professor 1: Aparentemente, eles só ficaram tranquilos, mas a gente sabe que a gente perde um pouquinho de credibilidade né. É uma coisa que eu aprendi, também, na UNATI é fazer um jogo de cintura porque eu acho que o professor ele precisa ter jogo de cintura para lidar com situações, com tudo, não só com erros. A gente tem que ter a ciência de que a gente não sabe tudo, no nosso caso, o inglês não é a nossa língua nativa, a gente não sabe tudo, então, eu posso dar aula no avançado e ter uma proficiência muito boa, mas tenho que ter clara certeza de que eu não vou saber tudo. E como eu vou lidar com isso na sala de aula? Se surge uma dúvida que eu não sei como é que eu faço? Então, tudo isso eu fui aprendendo na UNATI, né, porque eu já tinha começado na UNATI antes, então, assim a experiência com a UNATI pra mim sempre foi muito

positiva. A UNATI é um projeto que mudou muito minha vida e mudou muito o meu eu professor e meu eu ser humano, então, sempre foi muito positivo. Fiquei três anos.

Luana: Em qual ano do curso de Letras você entrou na UNATI?

Professor 1: No segundo ano da graduação.

Luana: Essa foi a sua primeira experiência como professor e aluno?

Professor 1: Isso, isso mesmo. em 2017 no segundo ano e aí em 2018. no ano seguinte eu continuei na UNATI, mas aí eu soube que o projeto PELT precisavam de professores. Na época não tinha processo seletivo, né, era por indicação.

Luana: Como que você ficou sabendo?

Professor 1: Foi no segundo ano da graduação porque tinha alguns alunos que davam aula lá e que estudavam comigo.

Luana: Entendi. Então eles comentaram com você, certo?

Professor 1: É, eu soube porque eu lembro da professora comentando com eles, né, mas daí no terceiro ano a professora chegou para mim e falou: Olha, Fulano, eu tenho uma vaga, acho que vai abrir duas vagas de professor de inglês lá no PELT, você tem interesse? E aí que eu fui procurar mais sobre o projeto, fui pesquisar no Google. Na época, não tinha muitas informações, então, por isso que eu acho que o grupo no *Facebook*, a página do *Facebook* que a gente tem hoje é perfeito porque isso dissemina mais o projeto PELT, né, mas na época não tinha. Eu lembro que eu achei umas fotos antigas em um site que tinha algumas informações antigas do projeto mas eu fui procurar me informar mais sobre o projeto e entrei. Quando eu fui para a aula inaugural eu lembro que eu estava um pouco nervoso, muito ansioso

Luana: Porque?

Professor 1: Era um contexto novo. Eu tinha dado aula pra idosos, então, eu estava muito animado em ver o outro lado, né. E, aí que eu comecei a dar aulas no ensino básico e foi uma experiência muito interessante. Eu fiquei em 2018 e 2019, fiquei dois anos no PELT. Trabalhei com as turmas de básico 1, básico 2, básico 3 e intermediário 1, então eu segui aí com a turma, dois anos de experiência em 2018 e 2019. Muito do material que eu tinha usado com os alunos da UNATI, eu fui adaptando para os alunos do PELT. Eu fui adaptando, eu não pude usar o mesmo, porque como eu disse, eu preparei material específico para a terceira idade e não dá para usar com adolescentes e crianças, e aí tem que preparar um material novo. Então, no primeiro ano foi muito importante a experiência porque foi de conhecer esse outro lado. Eu dava aula no básico 1, então, eu tinha alunos crianças, adolescentes, tinham alguns alunos adultos que inclusive eram

formados em Letras, então, elas fizeram Letras na graduação e voltaram depois para continuar estudando. No PELT eu dei aula para mãe e filho, também, né. Então, eu acho que no primeiro ano, foi um ano de adaptação.

Luana: Quais foram as dificuldades e desafios nesse processo?

Professor 1: Eu acho que é assim uma coisa sem ser especificamente do PELT mas a questão da gente que precisava viajar é uma coisa que pega bastante pra gente porque eu acho que assim, a gente ganha uma bolsa e a gente ganha o vale transporte, no entanto, a bolsa do PELT assim jamais cuspir no prato que eu comi porque me ajudaram demais a me manter na Cidade Universitária, sou muito, muito grato pela bolsa do PELT, porém a gente sabe que pelo trabalho que a gente tem, pela formação que a gente precisa ter, pelas viagens, é uma hora para ir e uma hora para voltar. Fora que quando a gente chega em Assis a gente geralmente tem que pegar um táxi, alguma coisa assim porque geralmente a gente mora longe da rodoviária, né. A bolsa do PELT é uma coisa assim que talvez teria que repensar o valor porque isso acaba não sendo um incentivo, porque a gente sabe que universitário, a gente precisa de dinheiro. Dentro dos projetos de extensão da universidade, o PELT é um do que tem a menor bolsa, se não for o que tem a menor bolsa, porque os outros, então, o Pibid, Residência pedagógica, até mesmo as bolsas de permanência são todas de 400 reais para cima, então, por exemplo, em 2019 que a gente teve o processo seletivo só teve duas inscritas, você lembra? Porque a gente só teve duas inscritas? Porque assim as bolsas de permanência atualmente rondam 500 reais, então, um aluno vai preferir em questão de dinheiro e não em questão de experiência, mas um aluno, por exemplo, que só pensa no dinheiro ele vai preferir pegar uma bolsa de 500 reais de permanência da faculdade ou ele vai querer uma de 300 para ele ter que viajar duas vezes por semana sendo quatro horas só dentro do ônibus, tipo quatro horas de ônibus na semana. Fora as outras demandas que têm, reunião, etc, etc... a preparação de aula, então, eu acho que a questão da bolsa, do valor da bolsa é uma coisa assim que pega bastante para os professores, sim.

Luana: Talvez o valor da bolsa precisasse ser revista, né.

Professor 1: Sim. Agora em relação ao projeto, eu acho que assim, como eu disse, em 2018 foi um ano muito de adaptação. Eu acho que a parte pedagógica ficou um pouco, um pouco a desejar no sentido de que eu sentia que algumas reuniões que a gente teve não foram, não era tão eficientes.

Luana: Você se refere à parte da coordenação do projeto?

Professor 1: Isso. Eu acho que estava sendo muito novo para as pessoas na verdade porque eu acho que eu era novo, a maioria dos professores eram novos também que tinham entrado no ano de 2018. A coordenação lá de Tarumã também tinha entrado naquele ano, então, estava todo mundo se conhecendo e vendo como funcionava. Tava todo mundo se adaptando. Então, eu acho que isso também deu uma dificultada mesmo processo, mas o que é totalmente natural porque as pessoas estão se adaptando, claro que elas vão cometer acertos e erros. Então, eu acho que 2018 foi um ano de muita adaptação. Sempre me dei muito bem com os meus alunos. Os alunos sempre gostaram muito de mim, né. No ano de 2018 eu ficava na UNATI e no PELT, então, eu convivía com esses dois públicos totalmente diferente. Então, que surgiu a ideia de fazer um projeto Temático com a UNATI e o PELT juntos que não usaríamos as tecnologias. A gente faria produção escrita, ou seja, cartas eu fiz pares entre alunos da UNATI e do PELT, que eles trocaram cartas em inglês. Então, eu ia lá, os meus alunos da UNATI, eles escreviam cartas. E eu separei as duplas, então a Maria da UNATI vai ficar com o Joãozinho lá do PELT. E aí eu fui tentando combinar essas duplas do que eu conhecia sobre eles. Então tipo eu acho que esse aluninho aqui vai se dar bem com a tal senhora, sabe? Fui separando eles mais ou menos assim né. é aí que eu ia na UNATI recolhia as cartas explicava só que para isso tive que explicar o funcionamento de carta como que a gente começava e terminava uma carta em inglês etc etc e eles faziam né. Só que na época eu não estava tão preocupado com a questão de língua então eu não corrigia as cartas até porque eu não teria tempo de fazer isso, pois tinha que dar conta dos conteúdos Era mais questão de interação mais a parte social mais de como ia funcionar.. Aí eu pegava as cartas da UNATI e levava para o PELT. Aí os alunos liam e respondiam e aí eu levava para a UNATI. Aí eu fiquei fazendo isso em algumas aulas. Eu não lembro exatamente quantas cartas foram, mas eu lembro que eu cheguei a apresentar isso em um evento depois.

Luana: Que legal! Teve outras experiências do PELT que você chegou a apresentar em eventos?

Professor 1: Sobre o PELT, eu apresentei sobre as cartas, só foi esse, sobre essa questão das cartas mesmo, e depois eu consegui levar algumas, não todas, mas levei algumas alunas da UNATI para Tarumã para conhecê-los. Os alunos que elas conversaram porque eles não podiam trocar foto, eles não podiam trocar telefone, eles não podiam trocar nada, né. porque eu queria mesmo que eles se envolvessem com a escrita em inglês, essa era a proposta, né, era produção escrita em língua inglesa, então, se eles tivessem contato

no *Facebook* e no *WhatsApp* já iria tirar um pouquinho o foco do meu projeto. Então, assim, depois que o projeto acabou, foi ótimo. Fiquei muito feliz que eles continuaram com isso, mas durante eu não deixei né. Na última eu consegui levar algumas alunas para Tarumã, então, elas conheceram, elas levaram presentes para os alunos do PELT.

Luana: Foi um momento bem marcante tanto para professores quanto para os alunos, né.

Professor 1: Sim! Foi incrível, foi incrível e lembro que foi no dia da finalização lá de 2018, e eu lembro que o coordenador lá de Tarumã pediu para que as alunas da UNATI fizessem uma fala sobre estudar inglês na terceira idade porque eles novinho vem estudando inglês, e aí tinham esse outro lado delas estudando língua já na terceira idade né, e aí que elas falaram que não há idade para estudar, o quanto era importante para elas estudarem inglês.

Luana: Que legal!

Professor 1: Então, elas fizeram uma fala para os alunos. Foi muito legal. Então, em 2018 foi um ano mais de adaptação e em 2019 as coisas já estavam mais sólidas porque daí a gente teve um aparato pedagógico maior, né, as reuniões elas fluíam mais. Eu estava mais envolvido com o projeto, eu já sabia como funcionava.

Luana: Sobre essa questão do aparato pedagógico como que foi no ano de 2018? Como foi?

Professor 1: Eu percebi que em 2018 a gente tinha muito uma questão de relatos das experiências mesmo, tipo assim: Olha, na minha sala tá acontecendo isso, isso e isso, não está funcionando isso, isso e isso. Isso acabava ficando mais assim. As coisas que a gente pedia geralmente não saía do papel, então, acho que acabava sendo um momento difícil pra todo mundo assim.

Luana: Tinha essa relação de teoria e prática entre o curso de Letras e o projeto, como que foi essa relação?

Professor 1: Para mim, pra mim é uma experiência extremamente muito pessoal.

Eu tentava sempre fazer esse intermédio, então, o que eu aprendia nas matérias de estágio, por exemplo, eu tentava levar para lá e até mesmo questão de saber o que eu estou fazendo.

Luana: Mas isso tinha no projeto, era oferecido esse suporte teórico?

Professora 1: Eu não me lembro. Eu não lembro. Assim eu não tenho uma memória disso, então, eu creio que não.

Luana: Então, você que buscava apoio na teoria?

Professor 1: É, porque o que eu tinha na disciplina da graduação era um complemento na minha vida e me ajudava demais. Eu entendo que a professora que coordena o projeto não querendo puxar saco, claro que não, mas por entender mesmo que às vezes os professores universitários são muito cobrados de muita coisa, então, eu entendo que ela sim era excelente, a gente poder ser ouvido por ela e falar o que está acontecendo e tudo mais, mas eu acho que precisava de uma ajuda. Ela não podia fazer isso sozinha porque como eu disse a coordenação de Tarumã estava começando. Ela estava sozinha, ela é mais experiente no projeto, mas ela também tava sozinha. Ela não tinha como dar uma ajuda.

Luana: Você se refere a ter alguém para ajudar ela na coordenação, é isso?

Professor 1: Isso, isso. Então, em 2019 entrou o Fulano. Eu acho que foi muito bom nesse sentido porque eu acho que ela ficou mais segura, ela conseguiu partilhar a angústia dela também porque eu acredito que tenha sido várias e o Fulano também podia dar esse aparato pra gente, né. Eu sei que a gente teve algumas, algumas, algumas trocas de faísca e tudo mais porque a gente já estava no projeto e ele entrou depois, e algumas coisas funcionaram muito, e algumas coisas não funcionaram. Eu acho que é uma questão de diálogo. A gente falou em reunião isso, isso, e isso não está funcionando, então, vamos rever como a gente vai lidar com isso e depois deu certo, mas assim foram alguns atritos que aconteceram, no entanto, foram sanados e a nossa relação ficou boa, né, entre os professores e a coordenação. Já em 2019 eu percebi que teve um apoio muito maior da parte de Tarumã, então, em relação à Prefeitura e tudo mais. Então, por exemplo, o meu ventilador quebrou e era naquela época em que o calor estava demais. Eu mandei mensagem no grupo. Na outra semana eles instalaram ventiladores novos. Eles colocaram as mídias e eles colocaram um som. O material didático, então foi assim. Em 2019, o projeto deu um salto gigantesco, gigantesco, então, o que em 2018 a gente ficou mais no morno, mais conhecendo o projeto, em 2019 a gente deu um pulo. Então, a gente se sentia mais motivado porque, por exemplo, podia levar vídeo para eles. Eu podia levar a música, né, então, acho que 2019 deu um salto, a gente conseguir fazer os eventos, né, da área de inglês. A gente fez o evento do *Independence Day* e a gente fez o evento do *Memorial Day* que a gente conseguiu levar as intercambistas pra lá, né, a gente conseguiu fazer um lanche com eles que assim tudo isso a gente sabe que a gente fez por conta junto com os quatro professores de inglês do ano passado, fizeram tudo isso por conta, mas a prefeitura sempre apoiou liberando o CIEC pra gente, mas em questão de dinheiro, de organização, partiu sempre por parte dos professores, né. E aí a gente teve a

festa junina lá, então, a gente fez a festa de *Halloween* também em 2018, então a gente sempre trouxe a parte cultural para o projeto. Então, eu acho que eu vejo 2018 um ano de adaptação, em 2019 um salto do projeto PELT, e eu tenho certeza absoluta que as coisas dando certo só vai saltando cada vez mais, né. Tanto que esse ano a gente vai abrir uma outra língua que é o francês. Vai ser excelente para o projeto, mas enfim eu percebo então que o projeto é muito, muito, muito importante que como eu já relatei para você a questão do dinheiro da mensalidade a gente sabe que o público que faz a língua estrangeira numa escola de idiomas é diferente, então, o próprio município promover essa questão de ensino de língua estrangeira gratuitamente para os municípios é excelente porque é muito uma democratização do acesso à língua total porque a gente pega a língua estrangeira e fala olha você pode estudar a língua estrangeira, você consegue, você tem um professor de qualidade para dar aula, então, leva a sério o que por outro lado alguns alunos não levam né, porque em 2018 pelos próprios alunos, apenas alguns, né, o projeto não era levado a sério, não era levado a sério, então eu já ouvi em sala de aula por exemplo, ahhh o PELT não repete, o PELT não tem prova, vamos levar de qualquer jeito, eu acho que é porque eles queriam dar um rolezinho né, eles queriam sair de casa duas vezes por semana à noite. Então, eu sempre forcei muito essa questão com eles, sabe, reforcei essa questão da importância de estudar inglês, de como era legal, interessante para eles fazer isso gratuitamente, né. Então, eu sempre reforcei muito essa questão com eles. Então, o projeto eu tenho certeza que não só mudou a minha visão enquanto professor porque a gente está num espaço de línguas estrangeiras mais trabalhando com o público né, a gente está trabalhando com a classe elitizada de uma escola de idiomas que eu também trabalhei com essa depois mais para frente, mas isso ali a gente trabalha com o público, né, e eu acho que em Tarumã nem tem escola particular, então, a gente tem ali alunos que vão trazer as angústias do dia a dia e para a gente eles vão trazer questões familiares. O professor, ele desempenha esse papel de não ser só professor, mas muitas vezes ele vai ter que ser um amigo, ele tem que ser um bom ouvinte, ser o psicólogo muitas vezes, a gente tem que ser um bom ouvinte, a gente aconselha, a gente acolhe muitas vezes, um abraço pode fazer totalmente diferença na vida de um aluno.

Luana: E sobre o projeto na sua formação? Qual foi o impacto dele?

Professor 1: O impacto do PELT para mim, antes disso eu tinha uma visão única e exclusiva da UNATI, que é um contexto que as senhorinhas se puderem ter aula

abraçadas comigo, elas vão fazer, se elas puderem dar a casa delas, elas vão me dar, com o PELT é outra coisa.

Luana: São contextos diferentes, né.

Professora 1: Totalmente diferentes, eu tive que me adaptar em relação com às músicas que eu trabalhava. E é interessante uma coisa que me marcou bastante. Foi que assim na escola aquele professor que eu tive no terceiro colegial eu lembro que ele trabalhava com músicas com a gente, mas assim era Beatles, Elvis Presley.

Luana: Ou seja, músicas que eram do gosto dele, né.

Professora 1: Do gosto dele total e nessa época eu já tinha críticas com relação a isso. Não que eu não goste de Beatles, não que eu não goste de Elvis Presley, mas eu acho que para aquele contexto os alunos não queriam ouvir Elvis Presley, não querem ouvir John Lennon.

(risadas entre os participantes)

Professor 1: Então, eu falava: Quando eu ser professor, eu vou levar umas músicas atuais que os alunos vão gostar e tals. Cheguei no PELT com a música do *The Black Eyes Peas* e essa banda é excelente, são musicais atuais e pra mim todo mundo conhece Black Eyes Peas.

Luana: Você pensou que iria agradar, né.

Professor 1: Vai agradar, né, então, eu levei e eles ficaram tipo: *Teacher* quem é essa banda? E eu falei: Gente, é *Black Eyes Peas*, gente é 2006, por favor, né

(risada entre os participantes)

Professor 1: Eles disseram, mas *teacher*, a gente nasceu em 2005, a gente tinha um ano quando essa música foi lançada. Eu falei: Nossa! Eu virei o meu professor que leva músicas antigas, falei: nossa não é possível, não é possível. Então, é esse choque de realidade mesmo, mesmo que na época eu tinha somente 20 anos, né, eu me sentia super novinho e tudo mais.

Luana: Mas estava distante da realidade deles, né.

Professor 1: A geração deles já é outra, outra, outra, outra, por mais que eu me sentisse um pouco mais conectado com eles porque eles tinham 13 e 14 de idade, então, eles são outra geração, então eu tinha que entender os *memes* que eles gostavam, as músicas que eles gostavam, as gírias que eles falavam que eu não entendia, né, então, assim eu tenho clara certeza que a graduação UNESP ela afasta um pouco a gente, mas esse projeto de extensão aproxima a gente da sala de aula, então assim o que eu posso falar com relação a minha formação de professor é que a minha formação de professor de língua

estrangeira se deu por meio dos projetos de extensão. Eu acho que a graduação ela dá um aparato teórico muito importante, mas a questão de formação mesmo de botar a mão na massa, o que forma a gente é o projeto de extensão por isso que eu sou tão apaixonado pelos projetos de extensão, eu luto pelos projeto de extensão e incentivo os novos alunos da graduação a entrar nos projetos de extensão porque eu falo: é isso que vai formar você, né. Depois que eu me formei eu fui trabalhar, quer dizer eu trabalho atualmente numa escola de idiomas, e também, em uma escola particular. Eu trabalho no ensino básico, né, e também num curso de língua e eles não querem saber se você é formado na UNESP, se você é formado em inglês, porque como eu disse sobre o notório saber, eles recolhem professores de línguas que nem sempre são inglês, eles não querem saber disso, eles querem saber se você tem experiência em todos os lugares que eu mandei os meus currículos, eu sempre falei da minha experiência no PELT e da UNATI que foram assim durante a graduação os que mais me marcaram, né, em questão de prática. No PELT, como eu disse, o jogo de cintura no PELT é outro, né, o que eu tive na UNATI, no PELT eu tive que ter de outro jeito. Tive que ter diferentes jogos de cintura. Então, é uma coisa que me marcou bastante também. Voltando para a questão da sexualidade, eu sou gay assumidamente gay, mas eu lembro que um dia um aluno, eles estavam comentando que estava tendo uma reunião de pais na escola e a gente teve que esperar uns minutinhos até conseguir entrar na sala de aula, né, e aí que umas alunas mais velhas aquelas que já eram formadas em Letras. Elas falaram assim depois que a gente entrou para a sala: *Teacher*, cê, acredita que alguns pais perguntaram se a gente era as professoras e aí elas disseram mal sabe que o meu professor, no caso eu, é mais novo do que eu, né, Assim que pelo fato da questão da idade, né, 20 anos e tudo mais e alguns dos alunos ali que deveria ter uns 14 anos ele falou assim: *Teacher*, sabe por que você não parece professor de inglês? E aí eu falei: por quê? E aí ele respondeu: porque você não é viado, professor de inglês é sempre viado e você não é viado. Então, na época foi um choque para mim porque para mim foi um momento difícil e eu não soube lidar. Eu não soube lidar naquele momento, eu não soube lidar, porque é assim mesmo sendo gay assumidamente, quando a gente se depara com uma questão dessa dentro da sala de aula a gente não sabe o que fazer.

Luana: E o que você procurou fazer? Como que você lidou com isso?

Professora 1: Na hora eu só travei e continuei a aula porque eu não sabia o que fazer.

Luana: Mas mexeu com você, né

Professora 1: Mexeu porque se ele falasse para mim que eu não sou professor de inglês porque eu não sou viado, tem tantas problemáticas nessa frase, primeiro pelo fato de ele chamar de viado para desqualificar, será que se ele soubesse que eu sou viado ele iria me tratar diferente? Será que ele iria sair do curso? Será que os pais dele iriam achar ruim dele ter um professor viado? Então, qualquer coisa que eu falasse naquele momento podia interferir na vida dele de uma forma positiva ou negativa, e principalmente, na minha vida né, e nessa época, também, eu percebi que estava tendo outros tipos de *bullying* dentro da sala de aula, eu percebia isso. Eu tinha um aluno que tinha sobrepeso e os outros alunos chamavam ele de baleia e entre outras coisas, né. Então, o que eu fiz, eu propus seminários para eles como sendo um método de análise de avaliação. Eu propus seminários para eles e os seminários eu dei os temas, né.

Luana: Esse seminário foi proposto para trabalhar o *bullying*?

Professor 1: Não. Temas diferentes, então, mesclando língua, cultura e literatura. Temas atuais, enfim, e os temas foram sorteados e uma das minhas alunas que já era formada em Letras e na época ela era estudante de direito, o tema de *bullying* caiu sobre ela, com ela, aí eu chamei ela, como ela era mais adulta, eu conseguia ter um diálogo melhor com ela, eu disse: Olha, você caiu com o tema do *bullying*, mas eu quero que assim, você, enquanto advogada, tá acontecendo isso, isso e isso na sala de aula, eu gostaria que se falasse mais sobre isso porque não iria sair da minha boca. Assim eu queria que eles entendessem as consequências legais sobre *bullying*. Isso tem consequências judiciais. Então, assim eu chamei essa minha aluna de lado e falei: Olha, eu gostaria que você falasse um pouco mais sobre o *bullying* ainda mais do que você vai falar e aí ela falou: Pode deixar, e aí no seminário dela ela falou, né. Então, eu também falei sobre homofobia, sobre machismo, sobre a agressão, humilhação, foi tudo de uma forma que eles não entendessem que era para um aluno específico, mas que serviu para todos.

Luana: De uma forma geral, né.

Professor 1: Para todos. Então, eu acho que é assim, eles estão no processo, quer dizer, a gente está no processo de formação de professores, mas eles estão em processo de formação de seres humanos, então, além da língua estrangeira a gente precisa trazer outras questões para eles. Então, mas assim, no geral o projeto mudou muito a minha vida que eu sempre levo ele para onde eu for. Muitas coisas de como eu me porto hoje como professor advém da minha formação no PELT e na UNATI. Sempre trabalhei muito com os dois juntos, quando eu vou falar da minha experiência porque o PELT e a UNATI é o que deu toda essa bagagem que eu tenho hoje de formação até então, né.

Então, quando eu fui para os processos seletivos da vida e tudo mais, nas provas que focava a parte didática, eu sempre me senti mais confortável por ter tido essa experiência, então, o PELT ajudou muito. O PELT é um projeto muito, muito importante, o PELT, a UNATI, PIBID, RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA, todos esses projetos que pegam os alunos da graduação e colocam numa sala de aula, eu acho que só tem a acrescentar. Claro que nem todo mundo vai ter experiências 100% positivas e nem tem que ser também porque se não a gente fica encantado demais, se não fica em um mundo muito utópico, então, a gente precisa passar por uns momentos assim para a gente aprender a ter jogo de cintura, para gente aprender a lidar com a questão, né. Então, eu acho que o PELT mudou muito assim, então, como eu disse hoje me formei já, já estou trabalhando na área. Ainda bem! Estou bem! Tô trabalhando com crianças, então, se eu tivesse passado a vida inteira trabalhando com idosos, hoje em dia, eu ia sofrer muito mais trabalhando com as crianças.

Luana: Imagina se você tivesse feito Química, né,

Professor 1: Acho que eu nem teria uma graduação, acho que eu teria desistido porque eu ia perceber que isso não é pra mim. Então, ainda bem que tudo aconteceu da forma que aconteceu. As pessoas que apareceram na minha vida acrescentaram demais e até as que me fizeram mal serviram para alguma coisa, ajudou no meu crescimento. A gente vai formando ser humano e vai formando o professor e vai formando como aluno. E eu acho que é isso, eu falei, falei, falei, falei, falei, falei, falei, é isso, então.

Luana: Eu agradeço.

Professor 1: Obrigado você!

Apêndice 4 - Entrevista com a Professora 2 - Maria

Luana: Conte-me sobre sua trajetória escolar até o curso de Letras da forma que se sentir melhor.

Professora 2: Bom, eu fui nascida e criada numa cidade muito pequena com uns 4 mil habitantes. Eu morei uma parte da minha vida só com meu pai e minha mãe, porque o meu irmão é bem mais velho, então logo ele saiu de casa, casou, saiu para trabalhar, e a minha avó, mãe da minha mãe que morava com a gente faleceu quando ela era nova.

Bom, eu entrei na escola, no pré, eu acho que com seis anos e eu sempre gostei muito de escrever. Eu sempre fui muito, muito falante, sempre falei bastante alto. Eu sempre gostei de interagir com as outras crianças e interagir com os professores. Ê, eu acho que eu tenho lembranças muito boas da minha infância. Sempre fui bastante estimulada a ler, bastante estimulada a gostar de ir para a escola.

Luana: Isso veio da sua família ou foi uma coisa que você aprendeu na escola? Como que foi?

Professora 2: A minha família sempre me chamou bastante assim, sempre demonstrava muito interesse em tudo que eu fazia. Se eu aprendi a escrever a letra B de letra de forma já era uma grande satisfação, todo mundo falava, e eu gostava muito de receber essa atenção e depois isso refletiu na escola com os professores. Eles, desde quando eu era muito pequena, sempre viam muito potencial em mim, comentavam sobre isso. Então, eles falavam isso e eu gostava de receber essa atenção.

Luana: Você foi destaque na escola, então.

Professora 2: Sim! (**empolgação ao dizer**) Eu gostava de receber uma devolutiva positiva e aí eu me esforçava mais porque eu gostava dessa atenção, né. Acho que todo mundo gosta um pouco, né.

Silêncio...

Luana: E sobre a época da escola, teve algum momento marcante pra você? Alguma memória?

Professora 2: Mas você fala mais ou menos em qual momento assim, qual idade?

Luana: Eu acho que até a sexta série. Me conta um pouco sobre a sua história no ensino infantil

Professora 2: Assim, assim.

Luana: Teve algo que te marcou muito?

Professora 2: Sim. Eu lembro de uma escola municipal que foi feito um campeonato de soletrando que na época estava em alta que passava no Caldeirão do Huck. E aí eu

lembro que eu fui passando de fase, passando de fase e eu tava muito confiante que eu iria ganhar e aí aconteceu à final, e tava eu e um amigo meu e eu lembro exatamente qual palavra eu errei na hora de soletrar. A gente já tava bem nas últimas palavras porque não tinha errado nenhuma anterior e aí a mulher me falou: A sua palavra é bolsa. E aí eu achei tão fácil que eu falei tipo: bolsa, é muito fácil mas eu acabei soletrando bola.

Risadas

Professora 2: Porque pra mim tinha soado tão fácil.

Luana: Eu acho que você tinha ficado nervosa, não foi?

Professora 2: Aaaaah! Eu acho que foi uma mistura de sentimentos. Eu tinha certeza que eu sabia, eu fui querer mostrar que eu sabia e aí eu cometi um erro por desatenção e aí eu fiquei em segundo lugar(**risadas**). Foi a maior frustração que eu carreguei por muito tempo.

Luana: Pelo menos foi o segundo lugar, né.

Professora 2: Sim, já tá ótimo. (**risadas**)

Silêncio...

Luana: Eu gostaria de saber sobre os seus pais. Você disse que eles sempre apoiaram você em relação à escola, foram muitos ativos, né. Eles são formados em alguma coisa?

Professora 2: Não, não. Meus pais estudaram o que na época deles era terceira, quarta série. Ê, eles estudaram muito pouco. Eles escrevem algumas palavras com dificuldades, lê com dificuldades, eles assinam o próprio nome, mas eles sempre me incentivaram porque assim esse incentivo já vinha do meu irmão, eles incentivavam muito o meu irmão, né. O meu irmão sempre foi muito esforçado na escola.

Luana: Ele é o mais velho?

Professora 2: O meu irmão é o mais velho, o meu irmão tem trinta e seis.

Luana: Ele tem alguma formação acadêmica?

Professora 2: Não, não tem.

Silêncio...

Luana: Ê, e sobre a escola, vamos pensar da sexta até o ensino médio, como que era, como que foi a sua vivência, como que era a sua relação com a escola, quais foram as experiências mais marcantes? Qual foi o momento que você decidiu que iria cursar Letras? Como que foi?

Professora 2: Então, até a oitava série eu estudava numa escola na minha cidade aqui mesmo.

Luana: Escola Pública?

Professora 2: Escola pública, sim. Era a escola Estadual Doutor Vigário Cardoso. O primeiro ciclo foi na escola municipal, aí passou, fui para a estadual e aí nesse momento eu gostava muito de interação, sempre gostei muito de conversar com todo mundo, fazer vários amigos. Então, eu participei do grêmio estudantil, eu organizava atividades de leitura.

Luana: Que legal!

Professora 2: Eu vivia na biblioteca, então, aí no ensino médio eu entrei para a ETEC, aí eu fazia o ensino técnico em Informática integrado ao ensino médio. E aí lá no primeiro ano, eu tive uma professora de português extremamente competente assim, ela era pontual, eu via ela dando aula e eu tinha certeza que ela era muito boa e que ela gostava muito de fazer aquilo. E aí eu comecei a pensar sobre o que eu vou fazer da minha vida. Eu sempre gostei muito de explicar, eu sempre gostei de falar para as pessoas sobre assuntos que eu gostava. Então na escola sempre que alguém tinha alguma dúvida, eu sabia, eu que ia na carteira explicar. Eu comecei a pensar sobre isso, sabe, de porque não.

Luana: De ser professor, né?

Professora 2: É, eu acho que é uma coisa que eu faria feliz e eu seria boa. E aí eu comecei a pensar sobre isso logo no primeiro ano. E aí no segundo ano trocou a professora de português, e entrou uma professora que era além de muito boa e, enfim, ela também abriu espaço para um contato mais pessoal nessa época. Hoje em dia eu tenho contato pessoal com ambas.

Luana: Como que se deu esse contato com essa segunda professora?

Professora 2: Então, eu já tinha feito um curso de inglês no CEL e ela era professora lá antes dela começar a dar aula na ETEC. Então, quando ela chegou lá na ETEC a gente já se conhecia. A gente já tinha conversado, trocado algumas palavras ou outras. Então, como eu sou de outra cidade e eu estava na ETEC a gente almoçava lá e os professores também.

Luana: A ETEC não é na mesma cidade onde você mora?

Professora 2: A ETEC fica numa rodovia de Piraju. Acho que dá uns 20 quilômetros da minha cidade. Então, todo dia eu ia de ônibus e voltava e ficava das sete e meia até a cinco da tarde. Então, a gente almoçava junto porque os professores também almoçavam lá. E a gente começou a conversar e ela também se formou na UNESP de Assis, e a primeira professora, também, e eu lembro até que quando eu entrei na UNESP essa primeira professora estava terminando o mestrado lá, então, eu lembro que a gente tomava café junto na sexta-feira.

Luana: Olha os encontros da vida, né.

Professora 2: Sim, sim. Ela estava fazendo mestrado e eu lembro que quando eu entrei ela estava tendo aula com o Odilon. Era inclusive um professor que coincidiu que eu também estava tendo aula com ele na graduação naquela época, e ela estava tendo com ele no mestrado. Então, a gente se reencontrou, eu e a primeira professora. Essa segunda professora ela durante a minha faculdade ela entrou no Mestrado Profissional da UEM. Então, a gente sempre conversava muito sobre formação, sobre a universidade pública. Então, acho que basicamente essas duas professoras que me deram essa certeza do que eu queria fazer.

Silêncio...

Luana: Com essas duas professoras teve algum momento, ou alguma atividade que foi marcante para você?

Professora 2: Olha, eu acho que a primeira professora, é uma coisa que me marcou muito foi a forma como ela tratava as coisas, por exemplo, a gente tinha que aprender oração subordinada, e aí eu pensava que eu achava incrível como ela pegava um assunto tão delicado, tão complexo e transformava aquilo em algo realmente palpável, compreensível, ela mostrava a gente era capaz de entender aquilo. Eu gostava muito da didática dela de um modo que era algo que ela em nenhum momento deixava parecer menos importante ou menos séria e ao mesmo tempo mostrava que a gente era capaz de compreender aquilo. E a segunda professora, eu lembro dela mais especificamente em uma obra que eu já usei em aula que era O Cortiço. Eu lembro em detalhes daquelas aulas, eu lembro de como aquelas aulas foram importantes, então, eu acho que foram momentos assim que me mostraram que eu queria fazer isso, sabe, de como elas conseguem fazer, eu também quero fazer, né.

Luana: Ou seja, as duas foram uma inspiração para você.

Professora 2: Sim, com certeza, são até hoje. São pessoas que eu mantenho contato, a gente sai às vezes, toma um café, vai almoçar, então são coisas que ficaram assim, né.

Luana: Que legal!

Silêncio...

Luana: Você estava me falando, você disse que fez inglês no CEL. Será que você pode me contar um pouco sobre o seu contato com as línguas? Como que foi a questão das outras línguas para você e como que você chegou ao espanhol? Como que foi o seu contato com as línguas estrangeiras?

Professora 2: Tá. Okay. Eu fiz CEL no CEL eu fiz três anos de espanhol e fiz um ano de inglês.

Luana: Mas por que você quis fazer?

Professora 2: Então, nessa época eu ainda estava na sétima ou oitava série quando eu comecei e aí a gente tinha muita essa curiosidade de como é falar outras línguas, de como é ouvir uma música e entender e, também, tem toda aquela coisa mais infantil de vamos fazer com os amigos, vamos fazer com eles, todo mundo juntos. Então, era um misto de curiosidade de estar junto com os amigos e aí eu entrei no curso. Primeiro eu entrei no espanhol e inglês eu fui fazer um pouco mais velha. E aí o meu contato com o curso foi muito, muito, muito legal. Foi uma experiência muito bacana. A professora chamava Daniele. Ela era muito divertida. Ela tinha um contato muito grande porque ela estava lidando inclusive com uma experiência parecida com a do PELT, eram idades bem diferentes, então ela tinha muito tato com os alunos, ela sabia administrar bem a aula, sabia até que ponto ela podia ir para não ficar muito pesado, para não ficar muito difícil, pra os alunos não desanimar, sabe. E depois o inglês foi com a minha segunda professora da ETEC e eu gostava muito dela pessoalmente e isso fez com que eu quisesse prestar atenção nas aulas, então no curso foi esse o meu contato e aí depois na ETEC a gente tinha o inglês no ensino médio, o inglês instrumental porque eu fazia informática também, né, e tinha o espanhol e tinha aula de espanhol também. Eu não gostava das aulas de espanhol do ensino médio. Eu achava elas muito ruins, eu achava que a professora não conseguia ministrar a sala de aula, ela sabia muito mas ela não conseguia passar isso para os alunos. Ela não conseguia ter essa troca, então, eu detestava as aulas de espanhol no ensino médio e as aulas de inglês eu já gostava mais. Eu já achava mais interessante, já me fazia refletir mais sobre a língua, sobre a cultura, sobre as diferentes culturas. Acho que foi esse foi o meu contato.

Luana: E aí como que você chegou a ideia de que iria cursar Letras e vou fazer espanhol, como que foi essa sua decisão?

(A entrevistada riu)

Professora 2: Então, eu sabia que eu queria cursar Letras, eu sabia que eu queria cursar em Assis.

Luana: Por causa daquela sua primeira professora?

Professora 2: Sim. Por causa das duas, na verdade. E aí eu cheguei na UNESP e eu fiquei pensando em qual língua que eu iria cursar, que língua que eu vou fazer e aí eu fui pesquisar um pouco sobre a história, né, porque eu sempre fui muito ligada, sempre

gostei muito e aí eu comecei a pensar em toda história de luta dos países que falam espanhol, não só na grande Espanha e toda essa carga que tem o grande imperialismo mais no sentido de todas as línguas colonizadas mesmo, e de como era importante falar sobre essa língua que todos os nossos vizinhos falam, menos a gente e a gente não se da conta de como é importante, como isso facilitaria muito o acesso. Enfim, então, eu acho que eu fui pela história. Eu fui pela história por achar uma língua bonita, por achar uma língua interessante, por gostar da cultura. Eu acho que hoje pensando assim eu não teria me identificado com nenhum outro idioma para lecionar, né. É lógico que o inglês é fundamental, eu acho o Francês lindo, mas para ser professora eu não me identificaria com outro idioma.

Luana: E com quantos anos você veio para o curso de Letras? Com quantos anos você entrou?

Professora 2: Então, quando as minhas aulas começaram fazia vinte e dois dias que eu tinha dezoito anos. Eu tinha acabado de completar 18 anos, tinha acabado de sair do ensino.

Luana: Ê, e como foi essa sua experiência de vir para Assis? Foi algo novo pra você? Foi um choque, como que foi?

Professora 2: Foi assustador, né. **(risadas)**. Eu acho que o primeiro impacto que todo mundo tem ao sair de casa é assustador, né. Eu fui para a moradia e já comecei a morar com Fulano com quem eu morei até o final da minha graduação e com o Fulano na época. Então, a gente morou lá por uns oito meses, se eu não me engano, talvez um pouco menos. Foi uma experiência assim, você está fora de casa, você não tem mais os seus pais por perto, você não tem mais comida feita, roupa lavada, você não tem mais nenhuma mordomia que você tinha até ontem. E sabe, né, todo mundo tem a sua porcentagem de ser humano mimado, né, então, talvez a minha fosse bem alta, mas eu acho que foi uma experiência muito interessante. Eu convivi com pessoas muito diferentes. Eu comecei a conversar com pessoas muitos diferentes. Os meus maiores contatos nos primeiros anos foram com o pessoal do quarto ano, na época, que eram pessoas do curso de Letras e que moravam na moradia e já iam se formar, então, as pessoas que estavam mais próximas a mim já tinham percorrido o curso praticamente todo, então, foi muito bacana conviver com essas pessoas, eu acho que me acrescentou muito. Enfim, acho que foi muito importante para mim ter várias amizades.

Silêncio...

Luana: Quando você falou para os seus pais que você iria cursar Letras, como que eles reagiram?

Professora 2: Eles foram muitos tranquilos. Tranquilos. Nossa! Meus pais sempre me apoiaram muito, muito, muito. A minha mãe sempre foi muito presente e meu pai também. Meu pai foi me levar em Assis no meu primeiro dia. Ele conheceu a moradia, levou as minhas coisas. Tudo o que eu quis fazer a minha mãe me apoiou, até coisas que ela achava difíceis, coisas que ela achava que ia ser muito sofrimento, que a gente não iria ter dinheiro, mas ela sempre me apoiou, ela sempre falou que o que eu quisesse fazer, eu poderia fazer.

Luana: Letras foi a sua única opção?

Pesquisadora 2: Foi. Eu prestei em outros lugares, por exemplo, eu até cheguei a fazer matrícula em Irati, que é no fundo do Paraná. Era Letras com habilitação em Português e Espanhol, só que era pelo SISU, mas o que eu queria fazer mesmo era Letras.

Luana: E sobre os quatro anos do curso, como que foi pra você, como que foi a sua experiência?

Professora 2: Eu acho que, eu tenho certeza que eu não faria nada diferente. Eu acho que a minha experiência universitária foi uma mistura de vários filmes americanos (**risadas**) porque eu conseguia aproveitar todas as áreas. Eu acho que fui uma ótima graduanda, inclusive, isso faz até mal pro ego, mas eu acho que eu fui uma aluna muito boa. Eu acho que por eu ter sido pesquisadora FAPESP me fez muito bem academicamente.

Luana: Você disse que fez pesquisa, como que você foi pra você, como que você chegou até a pesquisa e qual foi o impacto na sua vida universitária?

Professora 2: Então eu sempre fui da área de Linguística, sempre foi a minha área, eu sempre gostei, sempre achei fascinante e é graças a linguística que eu consigo dar as aulas que eu tenho vontade de dar. Então, a minha pesquisa ela partiu de um projeto de extensão no qual eu participava que era na casa da criança. A escrita dessas crianças mesmo, de como essas crianças aprendiam a escrever, quais eram os erros, porque eles aconteciam e não focar no erro, mas sim como essas crianças escreviam, como elas criavam sentidos nos seus textos. Então, eu procurei a professora Lúcia e aí a gente desenvolveu uma pesquisa com base nisso, né, foi financiada pela FAPESP e o relatório final inclusive voltou recentemente com um parecer impecável. Eu fui para a segunda fase do CIC.

Luana: Que legal!

Professora 2: Então, eu acho que foi a pesquisa, ela me acrescentou muito como profissional, sabe, então, eu acho que são coisas que eu trago. Eu acho que a pesquisa me acrescentou muito em relação as aulas quanto nas demais áreas.

Luana: E sobre ser professor, como que foi esse contato pra você no curso, quando que você descobriu: Nossa! Eu sou professor, e agora?

Professora 2: Então, no primeiro ano do segundo semestre eu comecei a dar aulas no EJA que era um projeto do professor Ronaldo com alfabetização de jovens e adultos e a maioria das pessoas eram pessoas mais velhas, senhoras e senhores, e eu acho que lá foi o meu primeiro contato que eu me entendi na responsabilidade de compartilhar esse conteúdo no sentido de que eu estou em uma formação e algo em mim está sendo acrescentado e eu preciso reformular isso e levar para as pessoas. Eu acho que foi nesse momento que eu entendi como professora, né.

Silêncio...

Luana: Quanto tempo você tinha ficado nesse projeto?

Professora 2: Então, nesse projeto eu tinha ficado um semestre.

Luana: Aí depois você não quis mais continuar? Como que foi?

Professora 2: Então, na verdade, os horários começaram a bater, como era um projeto de pessoas da História, ele não abrangia tanto a nossa grade, então, acabava batendo os horários, eu acabava chegando atrasado nas aulas e aí eu achei melhor parar.

Luana: Entendi. Então, essa foi a sua primeira experiência com a sala de aula, né.

Professora 2: Foi.

Luana: E depois, você teve mais experiências?

Professora 2: Então, na verdade, sim. Com o português, eu fiz PIBID, Núcleo de Ensino e Residência Pedagógica, e com o espanhol, eu dei aula na UNATI, e depois no PELT.

Luana: Entendi. Eu gostaria que você me falasse um pouco sobre a sua formação inicial, né, enquanto bolsista professora. Como que foi pra você, quais eram as suas dificuldades? Me conte como foi essa experiência no PELT. Como que você enxerga esse projeto, o que ele trouxe para a sua vida pessoal e profissional?

Professora 2: Okay. Bom, eu sinto que quando eu entrei no PELT, eu já tinha uma boa experiência com a língua porque eu tinha tido professores de espanhol incríveis, em especial, a Kátia, que foi uma professora maravilhosa, e depois, eu tive a Kelly, foram duas professoras que se destacaram muito na minha formação no idioma. Eu também tive a professora Mayra que mesmo sendo de literatura era muito importante, também. Então, eu sentia que eu conseguia lidar com a língua e que eu conseguia lidar com o ensinar a

língua. Eu me sentia pronto pra dar essas aulas. Obviamente não por ações de A minha primeira dificuldade foi o fato de que eu peguei uma turma no meio de agosto, então, já era metade do segundo semestre.

Luana: Que ano que você entrou?

Professora 2: Final de 2018. Então, foi uma turma que já tinha um ritmo, já tinha se adaptado a uma didática. Já tinha um jeito de trabalhar e eu peguei essa turma no final do curso.

Luana: Já pegou o bonde andando, né.

Professora 2: Exatamente. Exatamente. Então, a minha primeira dificuldade foi estabelecer um vínculo com essa turma. Eu acho que as coisas demoraram mais a acontecer por falta dessa sintonia, né, porque eu acho que a gente só se equilibrou mais pro final, então, eu acho que as aulas foram truncadas. O conteúdo ficou um pouco perdido, os alunos com um pouco de dificuldade de assimilar o meu jeito de ensinar, né, então, eu acho que ter pego uma sala já no final do curso foi um problema para mim.

Luana: Mas você conseguiu lidar até o final do ano, né?

Professora 2: Sim, sim, mas eu acho que mais para o final do ano as coisas foram melhorando por causa do tempo, né, e aí eu senti que a gente fez uma conclusão bem legal. Eu sentia muita, muita a presença da coordenação, antes de ter um subcoordenador, né, eu sentia que era a Rozana era muito disponível e a Kelly, também. Na escola, o Gabriel, em especial, ele era uma pessoa extremamente importante para o projeto, ele era fundamental, e o Rodrigo, também. Eu acho que foram pessoas que ajudaram muito nesse momento, talvez, eu acho que eu eu teria tido muita dificuldade em lidar com críticas, mas isso é um problema todo meu,mas acho que a coordenação era muito presente sim.

Luana: E sobre as reuniões do projeto, como que era esse momento para você, como que você via esse momento?

Professora 2: Então, eu acho, eu não sei, não sei.

Luana: Elas foram importantes para você ou não?

Professora 2: Então, eu não sei se elas acrescentaram algo tanto teoricamente quanto deveriam acrescentar.

Luana: Porque?

Professora 2: Ê, eu acho que talvez, se tivesse tido um contato direito apenas com os professores de cada língua, professores de espanhol e professores de inglês com os seus respectivos coordenadores.

Luana: Você achou que faltou esse suporte em relação à língua que você dava aula, foi isso?

Professora 2: Ê, eu acho que foi isso. Eu acho que às vezes as reuniões eram regadas a muito achismo, sabe, tipo, na minha opinião, na minha experiência, e isso não me acrescentava em nada, mas claro que a gente tem sempre a aprender nas reuniões, mas talvez a sua experiência com o inglês, por exemplo, não iria me influenciar na minha aula de espanhol, então, eu acho que se a gente tivesse tido reuniões separadas, enfim, eu acho que, eu não sei, eu não gostava muito das reuniões, eu não gostava muito de algumas burocracias, mas eu acho que elas eram perdidas, eu acho que elas eram desnecessárias, eu só acho que poderiam ter sido mais eficientes.

Luana: Então, teve pontos negativos e positivos, né.

Professora 2: Sim.

Luana: Tem algo mais que você queira falar sobre o projeto, alguma crítica, alguma lembrança boa, o que esse projeto trouxe para a sua vida, como que você vê ele agora que você já é formada, o que ele agregou na sua vida, o que ele representa?

Professora 2: Olha, eu acho que ele foi uma experiência fundamental, acho que hoje eu sou uma profissional muito melhor graças ao PELT. Acho que é um projeto extremamente importante, acho que ele toca nas pessoas certas, ele abrange as pessoas que tem que abranger, eu acho que a gente tem que tratar o idioma com esse olhar mais humano, sabe, entende? Então, eu acho que o PELT me acrescentou muito e eu acho que eu seria uma profissional com algumas carências se eu não tivesse trabalho nesse projeto durante um ano e pouco.

Luana: Foi uma experiência positiva, né?

Professora 2: Sim, sim, totalmente.

Luana: Entendi. Eu acho que é isso, a gente passou pelos três momentos da sua vida sempre relacionando com a escola. Eu agradeço a sua participação.

Professora: Eu gosto de falar, eu peço desculpas pela falta de tempo.

Luana: Eu fiz algumas anotações e depois eu vou transcrever e aí eu te mando, okay? E depois eu entro em contato com você.

Professora: Okay, sem problemas.

Luana: Eu agradeço.

Professora 2: Magina. Bom ter participado. Tchau, tchau.

Luana: Tchau.

Apêndice 5 - Entrevista com a Professora 3 - Stefany

Luana: Conte-me sobre sua trajetória escolar até o curso de Letras da forma que se sentir melhor.

Professora 3: Me chamo Stefany, tenho 23 anos e minha vida sempre foi consideravelmente tranquila, eu acho. Minha formação, do ensino fundamental ao superior, foi realizada em instituições públicas. Ao entrar na universidade, me deparei com um contexto totalmente diferente, mas acredito que eu não tenha sido a única a sentir esse choque inicial. O primeiro ano de graduação foi incrível, cheio de descobertas, e desde aquele momento me encantei pelo curso de letras, principalmente pela área de literatura estrangeira de espanhol, que por sinal, pretendo continuar estudando, né. Quando eu concluí licenciatura em letras, cogitei cursar outro curso por medo de não conseguir me estabelecer na profissão e principalmente pela pressão da minha família. Ê, felizmente, fiz amigos professores, que passaram pela mesma situação que eu estava passando e me ajudaram a valorizar e respeitar aquilo que eu considero ser o melhor que posso fazer por mim mesma e pela sociedade que é pesquisar e ensinar, né.

Luana: E sobre a sua origem?

Professora 3: Nasci em uma pequena cidade do interior do estado de São Paulo que é Paraguaçu Paulista. Morei ali por praticamente toda a minha vida, né, exceto por um curto período de minha adolescência, quando morei em Sorocaba e também durante o terceiro e quarto ano da graduação. Hoje já não vivo mais em Paraguaçu Paulista, né, por questões acadêmicas e com o intuito de dedicar maior tempo à minha formação, voltei a morar em Assis, então, durante o primeiro semestre de 2020 tentei voltar a morar com meus pais e começar outra faculdade mas, depois de anos me dedicando a rotina acadêmica, não só me acostumei à rotina de estudos como também me apaixonei por ela, né, Sentindo dificuldades em manter o foco em minhas pesquisas vivendo em minha cidade natal que é Paraguaçu, né, me arrisquei a vir morar sozinha e assim dar mais ênfase e atenção à minha formação, tentar ingressar em uma pós, dar aulas, e pesquisar, tô tentando ainda, né.

Luana: E sobre a sua família, como é a relação?

Professora 3: A maior parte da minha família tem apenas o ensino fundamental completo e aqueles que atingiram o ensino médio completo, o fizeram por EJA. Meus pais se casaram muito jovens. Quando nasci, por sorte, meu pai conseguiu emprego registrado em uma usina, na época ele tinha 18 anos e minha mãe 17 anos. Quatro anos depois minha mãe engravidou novamente, e assim em 2001 nasceu minha irmã Nathália

que hoje tem 19 anos. Pouco antes de minha irmã nascer meu pai comprou a casa em que cresci, onde meus pais vivem até hoje. Dez anos depois meus pais decidiram ter mais um filho, meu irmão João Pedro. Tristemente, minha irmã evadiu do ensino médio aos 17 anos e atualmente estuda para concluir o ensino médio por meio do EJA.

Luana: E sobre você, você pode me falar um pouco de você, o que gosta de fazer, suas experiências escolares e sua vivência no curso de Letras, você pode me falar?

Professora 3: Nasci em 1997, e levo uma vida regrada. Tento separar algumas horas do meu dia para cuidar do meu corpo e da minha mente, né, eu já fui muito mais ativa, levando uma rotina de graduação, estágio, academia, clube de futebol, aulas aeróbicas, aulas de teclado e canto, enfim, dedicava uma quantidade de tempo maior para meus hobbies, né. Meu *hobbies* é manter a minha casa limpa e organizada, mas também dedico tempo para realizar meditação e a prática do yoga voltada para a compreensão do sagrado feminino, e leitura literária, né, a minha última leitura foi Angústia de Graciliano Ramos, ganhei o livro do meu tio Lucimar, irmão de meu pai. Essas atividades tornam-se primordiais para que eu consiga deixar as outras áreas da minha vida bem equilibradas, né. Minha experiência com a língua materna melhorou na graduação, mas eu nunca enfrentei dificuldades com ela durante o meu ensino médio, eu conseguir manter boas notas sempre. Em língua estrangeira não foi diferente, eu estudo espanhol desde a quarta série, sendo que dos anos de sexta série até o segundo ano do ensino médio, estudei a língua por conta própria. Eu buscava livro no idioma alvo nas bibliotecas da minha cidade e buscava interagir com nativos da língua por meio de chat de bate papo pela internet, que era muito comum a uns sete anos atrás, né.

Luana: E sobre a escola, quais são as suas memórias? Me conte o que achar relevante.

Professora 3: Bom, na escola eu lembro que teve uns seminários literários de literatura portuguesa, onde a professora separava a turma em grupos, cada um tinha que ler uma obra literária, adaptar a mesma para um teatro de no máximo 20 minutos, tinha que representar as principais cenas do enredo, né, tinha que criar uma adaptação em quadrinhos da obra lida pelo grupo, isso foi no segundo ano do ensino médio. Foi bem legal, eu gostei bastante, me marcou bastante. Outra memória que nunca me esquecerei foi a paródia que os alunos, em grupos, tinham que fazer da obra “O Auto da Barca do Inferno” de Gil Vicente, foi bem legal, aprendi muito.

Luana: E sobre o curso de Letras, você participou de algum projeto?

Professora 3: Sim, eu participei sim. Teve o PELT e outros. O PELT foi uma experiência mais do que significativa na minha formação. Contribuiu para o

desenvolvimento da minha prática docente e do meu auto reconhecimento como professora de língua estrangeira. Eu acredito que todos os programas de iniciação à docência são essenciais no curso de Letras. Eu noto uma discrepância enorme entre os alunos de graduação que participaram de projetos como PELT, PIBID, CLDP, entre outros, estes conseguem ingressar no mercado de trabalho com engajamento, e mais conscientes sobre a importância da pesquisa para as reflexões que o contexto de ensino e aprendizagem exigem, né.

Luana: Tem algo a mais que você gostaria de me falar?

Professora 3: Eu acho que não. É isso.

Luana: Eu agradeço a sua participação.